



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES**

**JULIANA APARECIDA TAVARES PEREIRA**

**A ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS DE CATADORES DE MATERIAIS**  
**REICLÁVEIS DE SÃO JOÃO DEL-REI**

São João del-Rei - MG

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

**A ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS DE CATADORES DE MATERIAIS  
RECICLÁVEIS DE SÃO JOÃO DEL-REI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, sob a orientação do Prof. Dr. Écio Antônio Portes, do Departamento de Educação da Universidade Federal de São João del-Rei.

**ORIENTADOR: PROF. DR. ÉCIO ANTÔNIO PORTES**

**ORIENTANDA: JULIANA APARECIDA TAVARES PEREIRA**

São João del-Rei – MG

2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES**

JULIANA APARECIDA TAVARES PEREIRA

**A ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS DE CATADORES DE MATERIAIS**  
**RECICLÁVEIS DE SÃO JOÃO DEL-REI**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Écio Antônio Portes – orientador  
Universidade Federal de São João del-Rei – MG

Profª. Drª. Larissa Medeiros Marinho dos Santos – Titular  
Programa de Pós Graduação em Psicologia  
Universidade Federal de São João del-Rei – MG

Prof. Dr. Levindo Diniz Carvalho – Titular  
Universidade Federal de São João del-Rei – MG

Dezembro de 2014

*Aos catadores que me ensinaram e me surpreenderam  
com suas histórias e luta, demonstrando perseverança,  
força e coragem...*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus, por me conduzir em todos os momentos e pela oportunidade de adquirir novos conhecimentos. A Nossa Senhora de Fátima, que, pela minha fé e devoção, atendeu às súplicas que ardentemente lhe dirigia em momentos difíceis.

À minha querida Mãe pelas palavras de coragem e ânimo. Nos momentos mais difíceis seu amor me deu força para continuar. Sem ela não estaria agora escrevendo estas palavras. Ao meu Pai por sempre ter-me apoiado; mesmo de longe, estava sempre presente em meus pensamentos. Aos meus irmãos, pelo apoio e amizade. Amo muito vocês!

Ao meu Orientador, professor Écio, por acreditar em meu potencial e me tranquilizar nos momentos mais difíceis, de dúvidas e angústia. Seu cuidado, sua paciência e orientação foram fundamentais nesses anos, tornando-os menos difíceis e possibilitando novos aprendizados. Com certeza, nunca me esquecerei de suas palavras, de sua consideração por mim; muitas vezes desabafei, chorei, e ele estava ali de prontidão, com um “lencinho na mão”. Muito obrigada!

Aos Professores que ministraram as aulas do Mestrado, com tanta dedicação e vontade de nos transmitir novos conhecimentos e reflexões no campo da Educação.

Às minhas queridas amigas, as “Divas”, com as quais sempre pude contar, amizade eterna que começou na graduação e se perpetua até hoje, além das novas amizades que tive oportunidade de fazer durante o curso de pós-graduação, Juliana Lopes e Eleuza Fiuza.

À minha amiga e companheira de Mestrado Andiará Floresta, que, sem dúvida, jamais vou esquecer...tantas vezes que me ouviu, ficava horas ao telefone ouvindo meus desabafos e me dava força para continuar. Obrigada, Andi!

À ASCAS, pela oportunidade de realizar a minha pesquisa, recebendo-me cordialmente e permitindo a minha intromissão nos assuntos relacionados à Associação.

A todas as pessoas das famílias que entrevistei, que me receberam com grande carinho, abriram as portas de suas casas, permitiram que eu, uma estranha, invadisse seus lares, sua privacidade, agradeço pela atenção e ajuda.

À CAPES e ao curso de Pós-Graduação da UFSJ, por investirem na pesquisa, acreditando no seu potencial de relevância social para as camadas populares.

Aos Professores e Coordenadores das instituições escolares, Escola Municipal Pio XII, Escola Municipal Bom Pastor e Escola Estadual Governador Milton Campos, que tão cordialmente me receberam e cederam um pouco de seu tempo para que eu pudesse realizar minhas entrevistas.

Muita gente... Muita coisa para agradecer... Diante de tudo que significaram ao longo deste percurso, essas palavras são miúdas, mas servem para externar que foi uma alegria poder contar e compartilhar com vocês esta vitória!

## RESUMO

Esta dissertação pretende discutir as trajetórias escolares dos filhos de catadores filiados à Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de São João Del-Rei - ASCAS, de São João del-Rei, apontando os limites e possibilidades do uso dessa abordagem no contexto brasileiro em face da elevada desigualdade social tendo ainda o objetivo de investigar uma possível consciência política gerada pela organização do grupo enquanto Associação, levando-os a desenvolver uma visão diferenciada e atitudes relevantes na educação de seus filhos, compreender as práticas de escolarização dessas famílias e investigar as condições de vida, moradia, trabalho e renda dos catadores de materiais recicláveis associados da ASCAS.

A investigação foi realizada com base em métodos etnográficos, com observações baseadas nos cinco pilares: a relação família e escola; as formas familiares de cultura escrita; as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica; as formas de cultura familiar e as formas de investimento pedagógico. Foram feitas entrevistas em profundidade e realizadas conversas espontâneas. Como método de análise foi adotada a leitura de narrativas. A partir das múltiplas vozes presentes nas narrativas dos entrevistados, foram evidenciadas diferentes formas de tratar a escolarização dos filhos. A observação participante foi utilizada como recurso para a aproximação de três famílias de catadores de papel, que revelaram as distâncias existentes entre a realidade do cotidiano das camadas populares e os estigmas impostos pela instituição escolar aos que vivem processos de exclusão social dos filhos.

Palavras-chave: Associação; consciência política; catadores de materiais recicláveis; escolarização dos filhos e desigualdade social;

## **ABSTRACT**

This dissertation will discuss the careers and education of the children of scavengers affiliates of Association of waste pickers of São João del – Rei - ASCAS, pointing out the limits and possibilities of using this approach in the Brazilian context in the face of great social inequality, also taking in account to investigate a possible political awareness generated by the organization of the group, while the Association, leading them to develop differentiated vision and relevant attitudes in their children's education, understand the practices of schooling these families and investigate the living conditions, housing, employment and income of recyclable materials associated with ASCAS.

The research was based on ethnographic methods, with observations based on five pillars: family and school relationships; the familiar forms of written culture; economic conditions and provisions; the moral domestic; forms of family culture and forms of educational investment. In-depth interviews, spontaneous conversations have been made. As a method of analysis was adopted reading narratives. From the multiple voices present in the narratives of the interviewees were shown different ways of dealing with the education of children. Participant observation was used as a resource for approaching the three families of collectors of paper, which showed the existing gap between the reality of everyday life of the lower classes and the stigmas imposed by the educational institution to the living processes of social exclusion of children.

**Keywords:** Association; political awareness; recyclable material collectors; children's schooling and social inequality.



## **LISTA DE SIGLAS**

**APAC - Associação de Proteção e Assistência aos Condenados**

**APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais**

**ASCAS - Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de São João del-Rei**

**ASMARE - Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte**

**CIF - Companhia Industrial Fluminense**

**COOPAMARE - Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Recicláveis Ltda.**

**EJA- Educação de Jovens e Adultos**

**ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio**

**ESA – Escola de Sargento das Armas**

**IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

**ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares**

**IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

**LAPIP - Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial**

**LEMA - Laboratório de Estudos e Meio Ambiente**

**MEC - Ministério da Educação**

**MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis**

**OAF - Organização de Auxílio Fraternal**

**SEMAD - Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável**

**SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial**

**UFF - Universidade Federal Fluminense**

**UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei**

**UPA – Unidade de Pronto Atendimento**

**USP- Universidade de São Paulo**

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro I - Características socioeconômicas dos associados da ASCAS**

## SUMÁRIO

Resumo.....	7
Abstract.....	8
Lista de siglas .....	9
Lista de quadros.....	10
Introdução.....	13
O Surgimento do Cooperativismo no Brasil.....	19
Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de São João del-Rei (ASCAS).....	23
Características socioeconômicas da ASCAS.....	27
O conceito de pobreza .....	31
Negritude e Pobreza.....	32
Objetivos.....	38
Referencial Metodológico.....	38
Capítulo I	
CLEONICE: A incansável luta na busca pela sobrevivência .....	42
1. A educação dos filhos .....	46
2. A relação com a escola .....	51
3. A escola dentro de casa.....	54
Capítulo II	
MÁRCIO: A luta pela recuperação social.....	60
1. A Educação do filho.....	66
2. A relação com a escola.....	68
3. A escola dentro de casa.....	75

### Capítulo III

MOISÉS: Ações relevantes para escolarização do filho.....	79
1. A educação do filho.....	89
2. A relação com a escola.....	92
3. A escola dentro de casa.....	96
Considerações finais.....	103
Referências.....	107
Anexo1: Termo de consentimento e livre esclarecido aos responsáveis.....	112
Anexo 2: Quadro comparativo das três LDBs.....	114

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma continuidade de exercícios acadêmicos efetuados no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), no qual me formei no ano de 2009. Durante a Graduação, fui percebendo a importância e o valor que a escolarização tem para o desenvolvimento de uma sociedade e o quanto interfere na vida dos sujeitos, podendo ou não transformá-la. Nas aulas de Sociologia da Educação comecei a entender como esse processo de escolarização acontece nas diferentes classes sociais: as camadas populares, as camadas médias e as elites (NOGUEIRA, ROMANELLI e ZAGO, 2008). Fiquei fascinada pela sociologia, foi uma das disciplinas mais relevantes no meu processo de formação, sem querer diminuir o valor das demais disciplinas oferecidas pelo curso.

Quando concluí o Curso de Pedagogia, fui convidada para trabalhar em uma escola da rede privada de São João del-Rei, em uma turma do segundo período de Educação Infantil, de alunos provenientes das camadas médias. Um dos primeiros projetos que trabalhei com meus alunos estava relacionado à sustentabilidade. Procurei trabalhar com a questão do lixo na cidade, a utilização de materiais recicláveis. Um dos trabalhos mais significativos deste projeto foi a edificação de uma casa construída com caixas de leite, sendo estas utilizadas como tijolos. Portanto, precisei da colaboração dos alunos na coleta constante deste material, mas isso foi insuficiente. Fui procurar o galpão dos catadores daqui da cidade no intuito de adquirir essas caixinhas, coletadas para a reciclagem, e poder comprá-las. Lá conheci alguns catadores, que até então eram imperceptíveis ao meu olhar como educadora. Comecei a enxergar o trabalho desses profissionais no nosso cotidiano e como esse trabalho é árduo e tão pouco percebido pela sociedade. Também comecei a observar essas pessoas nas ruas em plena atividade de catação do lixo e muitas vezes me deparei com a presença de filhos menores acompanhando os pais nesse trabalho. Logo me veio a questão: como teria sido o processo de escolarização desses trabalhadores?

Nesse contexto suscitou-se a pergunta problema que norteou este estudo; comecei a pensar em um projeto de pesquisa para o Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de São João del-Rei. Pensei em como poderia discutir a questão da escolarização dos filhos de catadores associados da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de São João del-Rei (ASCAS). Será que essas crianças

frequentam a escola regularmente, conseguem ter um bom desempenho pedagógico, esses pais reconhecem ou não a importância da escolarização de seus filhos?

O meu interesse pela ASCAS se dá pelo fato de, quando nada como pressuposto, os trabalhadores que aí atuam possuem um certo grau da dimensão política de seu trabalho, do associativismo, da organização cooperativa e dos efeitos do trabalho coletivo. Esse pressuposto pode indicar, como hipótese, que esses pais dão a atenção necessária à escolarização dos filhos. A partir dessas questões fui aprofundar as minhas leituras em livros coerentes aos interesses da pesquisa. Utilizei autores como Lea Paixão, professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense (UFF), que atua no Laboratório de Estudos sobre a Relação Família-Escola; também utilizei o trabalho de uma aluna orientada por ela no doutorado, Elaine Oliveira, que teve como tema da pesquisa “Um outro mundo no mundo da escola: escolarização dos filhos de catadoras de um lixão na perspectiva das mães”. Além dessas autoras utilizei vários outros, que serão discutidos no decorrer deste trabalho, que me propiciaram uma base teórica para a realização da pesquisa.

O lixo tem se constituído em um dos mais graves problemas contemporâneos, revelando também sérios problemas sociais. A industrialização no País trouxe uma série de novos produtos consumidos e descartados diariamente pela população, também houve um aumento significativo das cidades, como consequência surgem a grande quantidade de lixo produzido nas áreas urbanas. Segundo Padovani (2011), “na virada do século XX para o século XXI a limpeza urbana tornou-se uma preocupação séria. A primeira empresa desse segmento no Brasil, contratada pela cidade do Rio de Janeiro em 1876, era comandada por Aleixo Gary - seu sobrenome virou sinônimo de coletor de lixo”. Os garis foram os primeiros “profissionais do lixo” a surgirem no país, a profissão de coletor de lixo é considerada, apesar de árdua, uma “profissão”, com salário, carteira assinada, enfim todos os direitos trabalhistas atribuídos. Em seu livro “Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social”, Fernando Braga da Costa, doutor em Psicologia Social na Universidade de São Paulo (USP), relata momentos vividos como gari em uma pesquisa de cunho etnográfico, em que viveu na “carne” a invisibilidade pública sofrida por esses trabalhadores na Cidade Universitária em São

Paulo. O Psicólogo encarnou o papel de gari e foi conviver com esses homens, trabalhando no ofício de “varredor de rua”, sendo um estudante em busca de uma pesquisa de grande relevância para fins acadêmicos, mas também para uma reflexão para quem ainda espera por uma sociedade mais justa.

A invisibilidade pública é a expressão que resume diversas manifestações de uma humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente de classes pobres. Um sofrimento que, no caso brasileiro e várias gerações atrás, começou por golpes de espoliação e servidão que caíram pesados sobre nativos e africanos [...] A violência simbólica – quando não deixou simplesmente sem herança e sem memória os descendentes de índios, negros escravizados ou os descendentes de europeus e asiáticos proletariados, quando não desabrigou o corpo esvaziou a alma – feriu e marcou indelevelmente o espírito mais resistente. A opressão no campo e na cidade refreou os gestos, alienou o trabalho, impediu a ação do governo, inibiu o riso e a voz, desmoralizou as religiões e as idéias dos oprimidos. Infestou o sentimento, a imaginação e a lembrança dos pobres por mensagens senhoriais ou patronais, mensagens de comando e desprezo. São golpes ainda agora desferidos, sob novas formas menos evidente (COSTA,2004, p.22).

Dentro desse mesmo contexto, em um quadro geral da grande escassez de oportunidades, da baixa escolaridade, da falta de emprego e da dificuldade de inserção profissional, deparamos com uma nova categoria de trabalhadores, os “catadores de lixo”. A ocupação de catadores já existe informalmente no Brasil há mais de cinco décadas, são milhares de pessoas sobrevivendo desta atividade, visto que “A economia urbana não absorve todos em trabalhos formais, não dá emprego, mas propicia trabalho e o “trabalho informal” é também parte da divisão social do trabalho, (SARTI, 2009, p.41). A catação do lixo trata-se de,

[...] estratégias compensatórias de subsistência que são criadas ou buscadas na sombra do trabalho mais convencional devido à exclusão de mercados de trabalho existentes, porque a participação nesses mercados deixa de proporcionar uma remuneração de subsistência, porque a assistência pública é insuficiente, ou porque essas estratégias proporcionam um meio mais confiável de sobrevivência (SNOW e ANDERSON,1998, p.239).

Nesse sentido, os catadores buscam outras formas de sobrevivência, em que muitas vezes são menosprezados pela sociedade, encarados como marginais, confundidos com moradores de rua que diariamente vasculham o lixo.

A identidade de trabalhador constrói-se em parte por oposição a bandidos e vagabundos que não trabalham. Mas se o trabalho é um critério fundamental de diferenciação entre tais categorias isso não quer dizer que a oposição entre eles seja rígida e absoluta ou que exista, no plano das relações sociais uma segregação claramente demarcada, separando-os claramente (ZALUAR, 1985,p.132).

Os catadores de lixo são trabalhadores, exercem uma atividade como qualquer outra, mas sendo incoerente ao *status* de profissão. São eles que recolhem o lixo das ruas ou diretamente dos chamados lixões, visando à sua comercialização. A ação dos catadores é separar o lixo bruto daquilo que ainda pode ser aproveitado para a reciclagem e com isso, obterem um ganho em dinheiro que, por sua vez, não lhes assegura uma sobrevivência digna. As condições de trabalho às quais os catadores são submetidos muitas vezes são precárias e em sua maioria estes não gozam de direitos trabalhistas.

Grande parte da categoria continua trabalhando individualmente e ainda sofre a exploração de proprietários de barracões, que estabelecem o preço pelo material coletado. Segundo Zaluar (1985, p.53), “Estes trabalhadores pobres, sem direito ao seguro desemprego, sem empregos regulares e sempre na luta diária pela sobrevivência, não seriam capazes de produzir uma “ideologia” coerente que se opusesse a essa outra entidade, a “ideologia dominante”, sendo por isso incapazes de reflexão, de conhecimento de visão crítica da sociedade”. A situação dos catadores vem se modificando. Hoje, muitos deles estão organizados em cooperativas, o que valoriza o ofício e dá a eles melhores condições de vida. A partir do momento em que eles se organizam em grupos, passam a entender a sua importância na sociedade.

Alguns grupos de catadores que tiveram apoio de instituições conseguiram se organizar em associações e cooperativas e já conquistaram o reconhecimento de seu trabalho pelos governos e comunidades locais. Essas experiências têm-se mostrado alternativas viáveis de inserção social, pois têm como princípio básico o resgate da cidadania desses trabalhadores por meio de sua qualificação profissional e da implantação de infraestrutura digna de trabalho que lhes garanta sustentabilidade econômica.

Os catadores de materiais recicláveis passaram a ter mais visibilidade no Brasil a partir de 2003, quando foi criado o Comitê Interministerial de Inclusão Socioeconômica dos Catadores de Materiais Recicláveis. O objetivo do Comitê foi



discutir junto ao Movimento Nacional de Catadores de Papel políticas públicas e ações que promovessem o crescimento da categoria, com o reconhecimento do trabalhador por meio da Classificação Brasileira de Ocupações - do Ministério do Trabalho. Em agosto de 2010, foi decretada a nova lei sobre resíduos urbanos, que prioriza o trabalho dos catadores.

A União e os órgãos ou entidades a ela vinculados darão prioridade no acesso aos recursos (...) aos Municípios que implantarem a coleta seletiva com a participação de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda ( Decreto Federal 7.404, de 23/12/2010,Título X,Art.79,II ).

Dessa forma, definiu-se como a legislação será implementada, prevendo parcerias, incentivos financeiros, capacitação e melhoria de produção e das condições de trabalho das cooperativas, que ainda precisam do apoio não só da comunidade local, mas também do interesse de órgãos competentes para que possam se efetivar.

Do ponto de vista investigativo torna-se pertinente a realização desta pesquisa, pois através dela pode-se discutir e compreender como as crianças filhos de catadores, se relacionam com o meio escolar.

O abandono precoce dos bancos escolares pelos mais pobres é amplamente estudado no Brasil e pode contribuir para que eles reproduzam o lugar social de seus pais, na medida em que a escola, no sistema capitalista, auxilia na transformação de desigualdades sociais em desigualdades escolares e, nesse sentido, reforça a reprodução de desigualdades sociais (OLIVEIRA, 2010, p.14).

É preciso considerar que muitos desses trabalhadores se tornaram catadores pelo fato de seus pais serem catadores. É muito comum crianças acompanharem seus pais para ajudar na catação de material reciclável, seja nas ruas ou nos lixões, e acabam seguindo o mesmo ofício.

A personalidade da criança, seus “raciocínios” e seus comportamentos, suas ações e reações são incompreensíveis fora das relações que se tecem, inicialmente, entre ela e os outros membros da constelação familiar em um universo de objetos ligados às formas de relações intrafamiliares ( LAHIRE, 1997, p.17).

Ou seja, os traços que vemos como individuais são na realidade formados através das relações entre a criança e o mundo que a cerca, através de sua socialização

com este mundo desde a sua primeira infância. Pesquisá-los permite também observar como os catadores percebem a escolarização de seus filhos.

A escola inscreve-se no projeto de educação de todas as famílias, independentemente da classe social. Se a valorização da escola é universal, o seu significado varia nos diferentes grupos sociais, tendo como referência o futuro possível dos filhos, que está estreitamente relacionado ao que dispõem em termos econômicos e culturais.[...] O significado da escolarização varia em razão da origem social, mas também de acontecimentos vividos na trajetória de uma classe ou fração de classe, famílias e indivíduos ( PAIXÃO, 20005,p.142).

Mesmo pertencendo às camadas populares os catadores podem ou não inferir significações na escolarização de seus filhos. A escola é vista diferentemente pelas famílias, considerando a profissão que exercem no seu meio social. O significado da escolarização varia em razão da origem social e também da trajetória de vida do sujeito. Para as camadas populares a escolarização esta diretamente ligada a compreensão de trabalhos que marcam a luta diária pela sobrevivência. Seria muito difícil pensar a escola sem considerar as condições de vida desses trabalhadores, as dimensões materiais e simbólicas referentes ao lugar que eles ocupam na sociedade. O cooperativismo parece apontar para algumas saídas.

## O SURGIMENTO DO COOPERATIVISMO NO BRASIL

Traçando um breve histórico sobre o surgimento do cooperativismo no mundo, pode-se dizer que o pai do cooperativismo foi Robert Owen, cujo pioneirismo ocorreu na aldeia de Rochdale, na Inglaterra, no ano de 1844. Owen ofereceu com seus ideais e suas lutas um grande exemplo para a humanidade. Um dos seus primeiros trabalhos foi implantado em uma indústria de tecidos, que oferecia a participação dos seus operários nos lucros obtidos, além de oferecer escola para os filhos de seus operários, sendo um tipo embrionário de cooperativa. Para Noronha (1976, p.15), “o cooperativismo é um processo associativo pelo qual homens livres, sua capacidade de consumo e suas poupanças aglutinam suas forças de produção, a fim de se desenvolverem econômica e socialmente...”. Sendo assim, uma cooperativa não possui patrões e empregados, mas sim sujeitos organizadas em um determinado grupo, em que é considerada a opinião de todos nas decisões a serem tomadas na busca de interesses comuns.

Muitas dificuldades foram enfrentadas por Owen na implantação do cooperativismo na Inglaterra, mas ele não desistiu.

Houvera, na Antiguidade e até o século XVIII, várias tentativas isoladas e utópicas visando a ajuda mútua. Contudo o Cooperativismo compreendido como ideal de organização socioeconômica, com sublimação de todas as divergências e interesses pessoais, graças a um ponto comum, a cooperação somente ganhou forma concreta nessa oportunidade, ainda por um grupo de tecelões de Rochdale, sobre a liderança de Owen, ocasião em que os princípios cooperativistas foram claramente definidos (NORONHA, 1976, p.18).

Com a chegada da Revolução Industrial, profundas transformações foram se estabelecendo nas relações de trabalho, o processo cooperativista foi revolucionário na busca pela sobrevivência coletiva e na tentativa de encontrar soluções para a difícil situação na qual os artesãos se encontravam, estes se juntaram e formaram a primeira cooperativa. A iniciativa de Robert Owen foi primeiramente a criação de uma cooperativa de consumo, depois foram surgindo suas variações, aparecendo as cooperativas agrícolas, industriais e tantas outras que encontramos nos dias atuais.

As ideias de Owen “contaminaram” diversos países, que foram adotando o cooperativismo, que trouxe consigo não só a troca de experiências como também a utilização de uma estrutura comum a todos, possibilitando às pessoas conseguirem o

retorno de seu trabalho diferente daquele proposto pelo capital e suas diferentes vertentes.

O Cooperativismo chega ao Brasil na figura do Crédito Agrícola Cooperativo, mas sendo inicialmente um processo anônimo. As primeiras cooperativas se concentraram no Rio Grande do Sul, São Paulo e Pernambuco. Por volta de 1847, alguns ingleses organizaram cooperativas em algumas regiões em Minas Gerais. Depois apareceram na Bahia, Paraná e Rio de Janeiro, com pouco destaque em estados como o Piauí, Amazonas, Goiás, Mato Grosso e Maranhão. Por volta de 1902, o padre suíço T. Amstead funda no Rio Grande do Sul a primeira Caixa Rural Raiffaiser, sem qualquer regulamentação legal. Logo depois surge na Bahia a Prática do Crédito Agrícola.

No Rio Grande do Sul, esse movimento cooperativista começou a se desenvolver mais precisamente somente em 1913. No Brasil, na cidade do Rio de Janeiro é que se consolidou a ideia de cooperativismo, especificamente. Já em 1932 foi promulgada uma lei federal que definia, na época, o que se caracterizava como “cooperativa de trabalho”. Em 1971, foi promulgada uma nova lei que prevalece até os dias atuais.

O mundo vem passando por mudanças profundas, o número de excluídos é consideravelmente notável, e com isso o cooperativismo vem assumindo novas responsabilidades. Uma cooperativa tem como finalidade organizar trabalhadores mutuamente de forma livre e democrática, com o intuito de obter ganhos econômicos.

No Brasil, desde a colonização, um problema que se estende até os dias atuais é a elevada desigualdade social decorrente de um processo histórico de exclusão social e econômica. Podemos enfatizar a situação dos ex-escravos, desde a época da abolição, os trabalhadores rurais que se deslocaram do campo para a cidade sem nenhum preparo para o trabalho urbano, gerando uma exclusão social que se agravou de década após década, a ponto de muitos brasileiros sequer terem direito ao alimento do dia a dia de forma minimamente digna, quanto menos o direito a moradia, educação, saúde e ao trabalho. Dentre as saídas encontradas por muitas famílias para conseguir o sustento mínimo está a catação de lixo e venda de materiais recicláveis.

Segundo Ferraz (2004), a história da catação no Brasil remonta aos anos 30, quando os materiais que tinham mercado eram o ferro e os ossos desprezados por frigoríficos e açougues. Nas décadas de 40 e 50, com o desenvolvimento da industrialização e a urbanização das cidades, ocorre uma mudança econômica e tecnológica, o que levou muitos sujeitos ao desemprego e à informalidade, aumentando

a parcela de trabalhadores que buscavam alternativas nas ruas para sustentar suas famílias. A concorrência, mesmo nesses extratos, levou muitos à catação de materiais recicláveis, em um processo totalmente informal.

Somente em 1986 foi criada a primeira Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis no Brasil, na cidade de São Paulo, através do apoio e orientação da Organização de Auxílio Fraternal (OAF), instituição católica constituída por irmãs beneditinas. Depois de muitas lutas e reivindicações a associação tornou-se a primeira cooperativa de reciclagem do Brasil, a Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis Ltda. (COOPAMARE).

Logo depois surge a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte (ASMARE). Criada em 1990, também através da OAF, a ASMARE é referência em organização do trabalho dos catadores e da economia solidária no Brasil. A ASMARE passou a ser uma referência para a implantação de políticas públicas de reciclagem no Estado de Minas Gerais e no Brasil. O surgimento das cooperativas proporcionou uma forma de organização entre os catadores e além disso possibilitou a formação de uma identidade.

Além de ser uma tentativa emancipatória, em termos de formação de identidade, as cooperativas e associações, mais do que um mero agrupamento de pessoas, codificam a possibilidade de distinção entre o catador associado e o de rua. Ao passo que os primeiros são considerados organizados, limpos e trabalhadores, os segundos são vistos como desorganizados, sujos e, em sua maioria, marginais. E isso se dá tanto na percepção dos catadores quanto da própria sociedade. Pertencer a uma cooperativa/associação é elemento capaz de promover a distinção entre o grupo de catadores de materiais recicláveis: enquanto o associado se vê como trabalhador, o catador de rua passa a percepção de ser uma pessoa tentando justificar um pedido de esmola (CUNHA, 2011, p.55).

Com o Surgimento do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), em 1999, começam a surgir diversas experiências de associações e cooperativas de catadores atuando em conjunto com o poder público em programas de coleta seletiva municipal, em diferentes regiões do País.

Outro importante apoio a esse movimento foi o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, criado em 1984. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 46 mil crianças já foram retiradas dos lixões desde então, mas o trabalho infantil ainda não foi totalmente erradicado dos lixões,

principalmente em alguns municípios do Norte e Nordeste do Brasil, onde ainda encontramos crianças na atividade de catação. De acordo com dados do IBGE, responsável pelo censo no Brasil, nas pesquisas de 2010 ainda havia 5.636 menores de 14 anos trabalhando como catadores de materiais recicláveis. Muitas crianças continuam acompanhando os pais no trabalho de catação nas ruas, especialmente no caso de catadores que não estão vinculados às associações ou cooperativas. Uma das maiores preocupações do MNCR é a inclusão gradativa desses catadores em associações e cooperativas, o que promove a inclusão dessas famílias em programas sociais, retira as crianças das ruas e melhora a renda e condições de vida das mesmas. Segundo Cunha (2011, p.56)

A associação/cooperativa atua como um símbolo de status para o catador associado, isto é, tem a pretensão especial de dar prestígio e garantir posição social ao catador. E isso se dá porque o modelo identitário desejado é contraposto a antigos modelos e aos estereótipos, estigma e rótulos, visando superar a injustiça simbólica a que se julgam submetidos os catadores associados. Além disso, quanto mais os catadores se organizam em grupos, mais afastados da rua desenvolvem as atividades de catação e separação do material para reciclagem (CUNHA, 2011, p.56).

Dentro desse contexto podemos enquadrar o surgimento da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de São João del-Rei, que aparece em meio a este movimento de inclusão social e necessidade de organizar e melhorar as condições de trabalho dos catadores da cidade de São João del-Rei.

## **ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE SÃO JOÃO DEL-REI (ASCAS)**

A sede da ASCAS fica na Rua Carlos Guedes, 22, no Bairro Matosinhos. O espaço é um galpão que pertence à Paróquia do bairro e é alugado pela Prefeitura Municipal de São João del-Rei.

A ASCAS é uma instituição que iniciou seu trabalho no ano de 2003, tem uma parceria com a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), que têm coordenado, desde o final do ano de 2002, um projeto de extensão junto a um grupo de Catadores de material reciclável da cidade. O Projeto tem como objetivo principal a organização desse grupo de catadores em um empreendimento solidário. A instituição possui 13 catadores trabalhando como agentes ambientais, que realizam a coleta e separação de materiais para enviar à reciclagem. Por semana, eles coletam em torno de 45 toneladas de material, e cada catador recebe por produção, não tendo um rendimento mensal fixo.

Para dar início ao trabalho, a ASCAS contou com as seguintes parcerias, além UFSJ, a Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte, a Diocese de São João del-Rei, a Associação Comercial e Industrial, o Sindicato de Comércio Varejista, a Câmara de Dirigentes Lojistas e a Prefeitura Municipal de São João del-Rei.

A ASCAS também contou com um Projeto de Inclusão Social do Catador de Material Reciclável de São João del-Rei, de uma equipe interdisciplinar da UFSJ, composta por professores e alunos dos cursos de Administração, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Psicologia e Pedagogia, reunidos na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP), o Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPID) e o Laboratório de Estudos do Meio Ambiente (LEMA), que foram os responsáveis pelos primeiros contatos com essa população de catadores. A partir deste momento começaram a ser realizadas reuniões semanais com os catadores, discutindo as formas de construção da associação e a organização do trabalho coletivo.

Durante a fase de implantação do projeto algumas ações foram executadas, dentre elas a implantação da coleta seletiva em um conjunto habitacional denominado INOCOOP, que fica próximo ao galpão dos catadores, possibilitando assim alguma participação efetiva da comunidade.

Outra ação de iniciativa de professores da UFSJ foi a busca constante por apoio financeiro em instituições públicas e privadas, o que resultou na doação, por parte da

Companhia Industrial Fluminense (CIF), de materiais de segurança e uniformes, e no financiamento do maquinário necessário ao funcionamento da Associação, por parte da Fundação Banco do Brasil. Além disso, a ASCAS conta com ajuda da comunidade, recebendo doações de materiais recicláveis.

As ações do projeto Catadores não param por aí. As pessoas envolvidas continuam na busca de soluções e parcerias que tornem a ASCAS um empreendimento solidário, que garanta aos seus membros condições dignas de vida e inserção na sociedade, ao mesmo tempo que contribuem de maneira significativa com a diminuição do impacto ambiental no município de São João del-Rei. As ações da ASCAS renderam a contemplação da Associação pelo 10º Prêmio Banco Real, em 2005, que se referia a essa proposta da coleta seletiva no conjunto habitacional próximo ao galpão da Associação.

A Associação faz um trabalho constante e significativo de conscientização ecológica na comunidade são-joanense. Desde 2007, com a ajuda de estudantes graduandos, os próprios catadores passaram a fazer palestras nas escolas, assumindo a posição de agentes ambientais.

A Associação é um exemplo significativo de economia solidária, onde as decisões são tomadas de forma coletiva e democrática, em que nas reuniões realizadas a cada quinze dias, todos os catadores participam e têm direito ao voto, mas contando com a ajuda de um presidente e de um vice que são responsáveis pela entidade na hora de negociar com alguma autoridade. Tudo que é discutido é anotado em uma ata pela vice-presidente do grupo. Além dos catadores também participam das reuniões alunos e professores da UFSJ.

Na ASCAS o trabalho é dividido entre seus membros, tem um catador responsável pela pesagem do material coletado por cada catador e fazer o pagamento dos mesmos. Os catadores homens ficam responsáveis pelo carregamento do caminhão de material que é levado para a indústria toda semana, e as mulheres ficam responsáveis pela limpeza do galpão. Cada catador possui um boxe para deixar seu material coletado individualmente, alguns guardam o material reciclável na própria casa e só levam para a Associação no dia da pesagem, porque no galpão não há espaço suficiente para guardar todo material coletado. Para tornar-se associado o catador deve participar de pelo menos duas reuniões e a partir daí ele recebe o uniforme e tem um tempo de permanência de três meses para ser registrado como associado. Para Cunha (2011 p.57), “Ao usarem o uniforme e o crachá, os catadores associados negam os valores que não querem para si e



criam mecanismos de contraposição entre o modelo identitário desejado e estereótipos dos quais querem se ver livres.”

Os catadores depositam no uniforme uma forma de visibilidade pública, diferenciando-os dos “moradores de rua”. Vestido como gari, o personagem interpretado por Fernando Braga da Costa vê no uniforme uma forma de desvalorização, de segregação, separa o patrão do proletário, o doutor do operário.

Calça, camisa e boné vermelhos, imaginei que no instituto de Psicologia chamaria a atenção naqueles trajes. Pareceu-me divertido aparecer vestido de gari, “fantasiado”. Tinha a expectativa de que aquilo poderia ser engraçado.

Antônio e eu entramos no bloco de aulas, [...] Conhecia aquela gente: amigos de turma, colegas, veteranos companheiros do time de futebol, parceiros do tênis de mesa, os professores. Todos do Instituto.

Atravessamos o andar térreo de ponta a ponta [...] Buscava a expressão de alguém surpreso: “que roupas são essas, Fernando?!”

A atenção foi cansando lentamente. Meu olhar foi assumindo função meramente instrumental. Eu precisava naqueles instantes desviar daqueles que não me viam: era para isso que frustado, eu precisava estar atento [...]

Nenhum cumprimento, mesmo discreto, os olhares me tangenciavam. Mal-estar súbito: eu estava *invisível*. Antônio comigo: Antônio estava *invisível* (COSTA, 2014, p.114)

O uso do uniforme de gari não permitiu que Fernando fosse reconhecido pelos amigos, pessoas de seu convívio social (COSTA, 2004, p.136) “Roupa minha, não é simplesmente roupa que me pertence. É expressão de que todo mundo igual configura violência. O uniforme uniformiza, descaracteriza cada um enquanto *um*”.

Muitos catadores entram para a Associação e saem por motivos particulares como, por exemplo, alcoolismo e uso de drogas e acabam perdendo o vínculo associativo, pois a Associação não permite o uso de intorpecentes entre seus membros.

Ainda tratando de associação/cooperativa, a existência de ritos de iniciação na catação organizada, seja por [...] proibição do uso de álcool e drogas entre seus membros, seja pela existência de laços de parentesco e amizade, representa uma tentativa de diferenciação para os próprios catadores e para a sociedade, entre os ‘bons catadores e os ruins’, os limpos e os sujos, os organizados e os desorganizados. Este rito dá à associação/cooperativa a chance de zelar por sua imagem frente à sociedade, dizendo que seus membros não são marginais, que seu ambiente é seguro e diferenciado. Estimula ainda o significado de formação da identidade pela diferença (CUNHA, 2011, p.56).

As principais dificuldades enfrentadas pela Associação são: 1) a não existência de um programa de coleta seletiva na cidade, o que dificulta o trabalho dos agentes na separação do material reciclável; 2) a ASCAS também não possui um veículo motorizado, o que dificulta o transporte do material coletado, o caminhão é de um “atravessador”, que recebe uma porcentagem sobre todo o material coletado e o transporta para a indústria de reciclagem; 3) a Associação também não possui um galpão próprio, os catadores têm recebido constantes ameaças de despejo; 4) é importante frisar, que mesmo participando de um movimento associativo, esses trabalhadores não possuem seus direitos trabalhistas garantidos, como por exemplo, carteira assinada, fundo de garantia, pagamento do INSS e outros direitos sociais.

Mesmo enfrentando algumas dificuldades, a Associação vem se consolidando efetivamente, com o esforço importante na busca constante de maior posicionamento diante das autoridades locais e da comunidade em relação ao lixo da cidade, no aumento da renda e principalmente na valorização e inclusão social de seus membros.

## CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DA ASCAS

De acordo com o quadro I, podem-se visualizar as características socioeconômicas dos catadores da ASCAS, como idade, cor, estado civil atual, atividade profissional exercida pelo companheiro, anos de escolaridade, número de filhos e escolaridade, bens possuídos, renda proporcionada pela catação e a renda familiar.

A população pesquisada é constituída por 13 catadores, todos moradores de bairros populares da cidade de São João del-Rei. Os dados obtidos através da aplicação de um questionário permitem perceber algumas características importantes, como a maioria dos catadores serem do sexo masculino, mostram que grande parte deles são pretos, regulam a idade entre os 35 e 60 anos, também contabilizam uma quantidade maior de catadores casados e que seus companheiros (as) exercem atividades de baixa remuneração. Os catadores apresentam baixa escolaridade, sendo que um deles chegou a frequentar a escola por sete anos, e em contrapartida, um deles é analfabeto, nunca frequentou uma escola. Os filhos, em sua maioria, têm uma escolaridade bem mais alta, alguns chegando a completar o Ensino Médio, mas nenhum chegou ao Ensino Superior, ressaltando que Gabriel não soube informar a escolaridade dos filhos, pois ele se separou da ex-esposa, que foi embora da cidade, ele acabou perdendo o contato com os mesmos. Com a esposa atual possui um bebê, que ainda não frequenta a escola.

Grande parte dos associados possui casa própria, alguns pagam aluguel, outros vivem na casa de parentes, como, por exemplo, a Cleonice, que vive com a mãe, e o Gabriel, que vive de favor na casa emprestada por uma irmã.

Considero importante ressaltar o parentesco entre alguns catadores: a Cleonice é irmã da Geralda, a vice-presidente da ASCAS. As duas já trabalham há mais de 5 anos na Associação. Antes delas, outras três irmãs também foram catadoras e deixaram o serviço por motivo de doença ou para cuidar dos filhos pequenos. Também o Wesley e a Zeli, como frisei no quadro, são casados entre si, os dois sobrevivem da catação.

Os catadores da Associação não possuem uma renda mensal fixa, pois o trabalho de catação é remunerado de acordo com a produção de cada um, porém alguns vivem com outras rendas como pensão, bolsa família, serviços extras, como, por exemplo, de jardinagem, serviço de pedreiro, venda de cosméticos. Em sua maioria conseguem retirar da catação de materiais recicláveis um salário mínimo ou mais, considerando que a renda de cada um é proporcional à quantidade de material coletado individualmente. A

renda familiar da grande maioria chega a um salário mínimo, podendo chegar a até três salários, contando com a participação dos companheiros e filhos que ainda moram na mesma residência.

Grande parte dos catadores não possui automóvel, apenas o Odair e o Rodrigo têm este tipo de bem. Odair conseguiu adquirir o veículo com a renda da catação, pois é um dos afiliados que mais coleta material. Ele é o presidente da Associação, também teve a ajuda da esposa e dos filhos na compra, mas não possui habilitação. Segundo ele, é a filha quem usa mais o carro. O Rodrigo também adquiriu o automóvel, com a renda da catação. Os demais catadores usam a carroça para coletarem material reciclável e dois deles possuem bicicleta, sendo uma delas elétrica.

Dentre a população pesquisada, acompanhei três famílias de catadores para observar o processo de escolarização de seus filhos, pois somente estas famílias possuem filhos em idade escolar. A família da Cleonice, que é constituída por três filhos, um bebê de 11 meses, um menino de 10 e uma adolescente de 15 anos. As outras duas famílias possuem somente um filho, uma é do Márcio, que tem um menino de 9 anos de idade, e a outra é a do Moisés, que tem um adolescente de 14 anos.

**QUADRO I - CARACTERÍSTICAS DOS CATADORES DA ASCAS**

Afiliado(a) Cor Idade	Estado Civil Atual	Atividade Companheiro(a) e idade	Anos de Escolaridade		Nº de Filhos/idade	Escolaridade Máxima	Casa Própria	Moradores na residência	Renda Catação	Renda familiar	Veículos
			Afil.	Comp.							
<b>Cleonice***</b> <b>Negra</b> <b>35 anos</b>	Separada	-	5	-	3 (1, 10, 15)	7º ano E.Fund.II	Não	6 pessoas	1 salário mínimo	1 salário mínimo	Carroça
Geralda***, Negra 53anos	Viúva	-	7	-	4(27,32,33,35)	Ensino Médio completo	sim	4 pessoas	Menos de 1 salário mínimo	3 salários mínimos	Carroça
Gabriel, Pardo 43anos	Casado	Tecelagem, 28 anos	6	7	4(2,5,7,12)	-	Não	3 pessoas	1 salário mínimo	1 salário mínimo e meio.	Carroça
João, Pardo 54anos	Solteiro	-	3	-	-	-	Não	3 pessoas	1 salário mínimo	1 salário mínimo	Carroça
<b>Moisés</b> <b>pardo</b> <b>47anos</b>	Casado	Venda de produtos( Avon) 48 anos	2	12	1(14)	1ºano do Ensino Médio	Sim	3 pessoas	1 salário mínimo	1 salário mínimo e meio	Carroça, bicicleta elétrica
<b>Márcio</b> <b>Negro</b> <b>43 anos</b>	Casado	Diarista, 32 anos	0	8	1(9)	4º ano E.Fund.I	Sim	3 pessoas	Menos de 1 salário mínimo	Menos de 1 salário mínimo	Carroça, bicicleta
Magda, Negra 62 anos	Viúva	-	4	-	4(24,25,40,43)	8ºano E.Fund.II	Sim	3 pessoas	1 salário mínimo e meio	1 salário mínimo e meio	Carroça

Odaír, Branco 45 anos	Casado	Doméstica, 46 anos	4	1	3(18,22,25)	Ensino Médio completo	Sim	4 pessoas	1 salário mínimo e meio	3 salários mínimos	Carro Fiat Stilo 2004, Carroça
Olegário, Pardo 49 anos	Casado	Doméstica, 49 anos	4	4	3(18,22,27)	Ensino Médio completo	Sim	7 pessoas	1 salário mínimo	2 salários mínimos	Carroça
Rodrigo, Negro 61 anos	Casado	Dona de casa	6	4	2(21, 30)	Ensino Médio completo	Sim	4 pessoas	1 salário mínimo e meio	1 salário mínimo e meio	Carro Voyage 1980, carroça
Sandro, Branco 45 anos	Ajuntado	Cozinheira de restaurante, 45 anos	4	4	3(19,21,23)	Ensino Médio completo	Sim	2 pessoas	1 salário mínimo	1 salário mínimo e meio	Carroça
Wesley**, Negro 51 anos	Casado	Catador, 51anos	5	5	2(23,25)	8ºano E. Fund. II	Não	6 pessoas	Menos de 1 salário mínimo	1 salário mínimo	Carroça
Zeli**, negro(a) 47 anos	Casada	Catadora, 47 anos	5	5	2(23,25)	8ºano E. Fund. II	Não	6 pessoas	Menos de 1 salário mínimo	1 salário mínimo	Carroça

Fonte: Dados da pesquisa de Juliana Aparecida Tavares Pereira (2012).

\*Todos os nomes dos envolvidos nessa pesquisa foram modificados para que a identidade dos sujeitos fosse preservada.

\*\*Casados entre si.

\*\*\*Irmãs.

As famílias acompanhadas estão destacadas em negrito.

## O CONCEITO DE POBREZA

De uma forma geral, poder-se-ia conceituar a pobreza como aquela situação de vida em que o sujeito não possui renda suficiente para atender às suas necessidades básicas como, por exemplo, alimentação, moradia digna, vestuário, acesso à educação e saúde. Além disso, não ter direitos civis e políticos respeitados. Nesse sentido, são classificados como pobres aqueles sujeitos cuja renda é incapaz de atender a todo este conjunto, “auto identificados e identificados pela sociedade como destituídos de todos os instrumentos que conferem poder e prestígio”(SARTI, 2009), não oferecendo mais alternativa nem mesmo a possibilidade remota de ascensão social. A vida em sociedade exige muito mais que o consumo de bens destinados à sobrevivência física. Ela exige determinados comportamentos de acordo com cada papel social do sujeito. Para Sarti (2009, p.12), “a pobreza é um problema para quem a vive não apenas pelas difíceis condições materiais de sua existência, mas pela experiência subjetiva de opressão permanente e estrutural, que marca sua existência, a cada ato vivido, a cada palavra ouvida.”

A pobreza pode ser entendida mais do que uma privação econômica, há nela certa dimensão moral. Para dar conta desse movimento, o conceito de pobreza elaborado apenas como medida de carência torna-se insuficiente. Segundo Sarti (2009), a pobreza tem, portanto, uma dimensão social e simbólica que define os “pobres”. Precisamos compreender como os pobres vivem, situá-los como sujeitos que possuem uma história, é preciso ampliar o entendimento da pobreza enquanto processo. Isto é o que queremos dizer, é a “cultura dos pobres”, e para isso temos que viver com eles, aprender sua língua, costumes e se identificar com seus problemas e aspirações. Assim, a pobreza possui muitas faces e é diferenciada entre indivíduos, regiões e países.

No Brasil, encontramos uma grande desigualdade na distribuição de renda e elevados níveis de pobreza. O extremo grau de desigualdade distribuída representa o principal determinante da pobreza no País e é um dos mais elevados em todo o mundo. Na década de 50, com a industrialização do País, ocorre o deslumbramento ocasionado pela “modernização”. Mas a vida moderna escondia outra realidade: começaram a surgir as favelas, na periferia das grandes cidades se concentrou a grande maioria dos “pobres”. Para Carolina Maria de Jesus, moradora de uma favela e catadora de lixo, a favela é designada como “Quarto de despejo”. A favela é o quarto de despejo de uma

cidade. “Nós somos os pobres, os trastes velhos” (JESUS, 1993, p.171). Para a autora do livro “Quarto de despejo, diário de uma favelada”, a modernidade não existia, a desigualdade tornou-se a grande consequência deste novo Brasil, vários “quartos de despejos” foram se instalando em todo o território nacional. O País possui um desafio enorme no combate à pobreza. Nos últimos anos o governo vem enfrentando a situação com programas sociais propostos. O programa Bolsa Família é um dos programas de maior repercussão, em que os valores pagos pelo programa variam de acordo com a renda mensal por pessoa da família e o número de crianças e adolescentes. Para ser mantido, as famílias precisam manter as crianças e adolescentes em idade escolar frequentando a escola e cumprir os cuidados básicos em saúde. Tudo isso com o intuito de minimizar estes problemas e garantir o mínimo de dignidade à população excluída.

Seria muito difícil contextualizar a pobreza sem pensar a noção de família que está intrinsecamente relacionada ao seu universo. Segundo Sarti (2009, p.52), “a família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social.” Para o pobre, a família é entendida como um elo de reciprocidade, onde há responsabilidades, obrigações de uns para com os outros dentro da constelação familiar, entre homem e mulher, entre pais e filhos.

O antropólogo norte americano Oscar Lewis (1961), em seu livro “Antropologia de la pobreza, cinco familias”, fez um estudo sobre cinco famílias mexicanas de baixa renda, observando o seu cotidiano, com a intenção de mostrar o retrato vivo de como vivem essas pessoas. Ele não faz conclusões e comentários, apenas parte para o procedimento de observação que pode possibilitar comparações entre a cultura da família e da grande cultura fora da família. Ele divide seus procedimentos de investigação em quatro partes: primeiramente observa a “cultura material, econômica, vida social, religiosa, relacionamentos” de cada família. Depois analisa a “história através dos olhos de cada um de seus membros”. Na terceira abordagem ele seleciona “um problema ou aquele evento especial que toda família pode eventualmente passar”. E por último observa “a família como um todo”. Este livro se ocupa de um estudo etnográfico da realidade em que vivem essas cinco famílias.

La familia es una unidad natural de estudio [...] Más aún, al describir a una familia vemos a sus individuos conforme viven y trabajan juntos, en lugar de verlos como promedios o estereotipos implícitos en los informes sobre patrones culturales. Al estudiar una cultura, a través de



los análisis intensivos de familias específicas, aprendemos lo que una institución significa para los individuos (LEWIS, 1961, p.18).

Assim, pode-se considerar a família como uma instituição fundamental na vida do pobre, e torna-se determinante no sentido de se poder entender como seus membros, o que sentem, como eles falam, o que compram, os seus gostos, hábitos, suas crenças, o que comem, o que gostam de fazer, seus meios de entretenimento, suas formas de encarar as adversidades, entre outras situações relevantes do seu cotidiano.

Deve-se considerar que a moral do pobre também está diretamente ligada ao mundo do trabalho, “é pobre, mas é trabalhador”, ao lado da negatividade que conota a pobreza, o ser trabalhador traz uma imagem positiva. É através do trabalho que os pobres realizam essa disposição de se levantar. “O valor atribuído ao trabalho compensa as desigualdades socialmente dadas, na medida em que é constituído dentro de outro referencial simbólico, diferente daquele que o desqualifica socialmente” (SARTI, 2009, p.89). Também é necessário ressaltar que, evidenciando como um projeto familiar, mesmo que de estreitos horizontes, é através do trabalho que o pobre almeja uma forma de ascender socialmente. O trabalho é visto como uma vantagem que lhe conota honra, força, disposição, em contrapartida aos vagabundos, aos marginais, mesmo que seja um trabalho desqualificado socialmente.

A honra entre os pobres, não estando associada à posição social, vincula-se à virtude moral, como afirmação de si em face do olhar dos outros, sendo o trabalho um dos instrumentos fundamentais dessa afirmação pessoal e social. No que se refere ao trabalho, a honra pode estar contida no fato de ter uma profissão, reproduzindo em sua aspiração o orgulho das corporações de ofício pré-capitalistas; em trabalhar por conta própria, sem precisar ter um chefe nas costas da gente, reafirmando seus anseios de autonomia através do trabalho; ou, em face dos trabalhos “desqualificados” que têm a seu alcance, traduzem-nos como trabalho duro, serviço pesado que exige qualidades morais como coragem, força e disposição (SARTI, 2009,90).

Dentro dessas implicações, a “pobreza”, dissociando-se da carência material o critério exclusivo pelo qual ela se delimita, é possível defini-la por eixos distintos, o “ser pobre” implica ter uma identidade, ter um mundo carregado de significados, ter uma cultura personalizada que não se ocupa somente da condição de subalterno, mas sim de alguém que faz parte da sociedade como um todo.

## NEGRITUDE E POBREZA

Na colonização do “Novo Mundo”, o Mercantilismo era a base da economia. No início do século XVI, Portugal havia estabelecido colônias em Moçambique, Goa e Osmuz, no Oriente, e logo em seguida, no Brasil, no ano de 1500. Portugal queria controlar o comércio de especiarias e, na procura por novas rotas, aportou nas terras brasileiras. Temendo invasões estrangeiras na nova terra, os portugueses resolveram ocupá-la. A ocupação organizada teve início em 1530, e as colônias já implantadas no Nordeste foram consolidadas.

O Brasil, habitado por milhares de índios, foi invadido por colonizadores afoitos na busca incessante por poder econômico; primeiro veio a cana-de-açúcar. Muitos desses índios foram bruscamente escravizados para trabalhar na produção do açúcar, juntamente com negros que vieram de colônias portuguesas. Depois, com a queda no comércio da cana-de-açúcar, os portugueses buscaram novas alternativas. Assim começou a ocupação do interior do Brasil, na busca pelo ouro e pedras preciosas. A chegada dos portugueses ao País representou uma catástrofe ao destino da população indígena, submetidos a uma grande violência cultural, além das doenças e mortes causadas pelos colonizadores.

A escravidão dos indígenas era considerada uma afronta aos princípios religiosos, e por pressão dos Jesuítas o governo português permitiu a separação dos índios em aldeias governadas pelos cristãos. A partir de 1750 iniciaram-se a haver várias mudanças e reformas nas colônias, realizadas pelo Primeiro Ministro português Sebastião José de Carvalho e Mello, o Marquês de Pombal. Uma dessas reformas proporcionou aos índios os mesmos “direitos” que os brancos obtinham, assim foi estabelecida a migração de colonos da Ilha da Madeira e dos Açores (África) para o Brasil.

Além da atração exercida pelo tráfico negreiro, a escravização do índio chocou-se com uma série de inconvenientes [...] Os índios tinham uma cultura incompatível com o trabalho intensivo regular e mais ainda compulsório, como pretendido pelos europeus. Não eram vadios ou preguiçosos. Apenas faziam o necessário para garantir sua subsistência, o que não se tornava difícil em uma época de peixes abundantes, frutas e animais. Muito de sua energia e imaginação era empregado nos rituais, nas celebrações e nas guerras. As noções de trabalho contínuo, que hoje chamaríamos de produtividade, eram estranhas a eles (FAUSTO, 2011, p.22)

Trocar o índio pelo negro não era só uma questão de incompatibilidade com o trabalho, mas o tráfico negreiro tornou-se uma das fontes mais rentáveis para a Colônia; para Fausto (2011,p.24), “(...) nas últimas décadas do século XVI, não só o comércio negreiro estava razoavelmente montado como vinha demonstrando sua lucratividade”, o valor comercial de um escravo era muito alto. Os escravos eram vendidos ou trocados como mercadorias, eram escolhidos no mercado como se fossem animais, o comprador olhava a boa situação do negro, como, por exemplo, os dentes, porte físico e até mesmo se era um bom reprodutor.

Por volta de 1570, incentivou-se a importação de africanos; estima-se que “entre 1550 e 1885 entraram pelos portos brasileiros 4 milhões de escravos” (FAUSTO, 2011, p.24). Os negros chegavam ao Brasil em péssimas condições, vinham transportados nos navios negreiros, muitos morriam durante a viagem. Eram obrigados a trabalhar nos engenhos, nas minas de ouro, nas fazendas de café, executando as mais árduas tarefas; em sua maioria recebiam péssimo tratamento, comiam alimentos de qualidade inferior, dormiam nos chãos das senzalas, úmidas e escuras, sem o mínimo de higiene, e costumavam receber castigos físicos violentos. As mulheres trabalhavam principalmente nas atividades da casa, cuidando das tarefas domésticas e cuidando dos filhos do “Senhor de Engenho”.

Muitos negros lutaram contra a escravidão, ocorreram revoltas em muitas fazendas, alguns fugiam e se escondiam nos chamados quilombos, aldeias escondidas nas matas, longe dos olhos dos senhores, podendo aí viver e praticar sua cultura.

Seria errôneo pensar que, enquanto os índios se opuseram à escravidão, os negros a aceitaram passivamente. Fugas individuais ou em massa, agressões contra senhores, resistência cotidiana fizeram parte das relações entre senhores e escravos, desde os primeiros tempos. Os quilombos, ou seja, estabelecimentos de negros que escapavam à escravidão pela fuga e recompunham no Brasil formas de organização social semelhantes às africanas, existiram às centenas no Brasil colonial (FAUSTO, 2011, p.25).

Mesmo com a forte resistência ao trabalho compulsório, os escravos negros, ou mestiços, não conseguiam se livrar da escravidão. Até mesmo a Igreja não se opôs à escravidão dos negros.

Vários argumentos foram utilizados para justificar a escravidão africana. Dizia-se que se tratava de uma instituição já existente na África, e assim apenas se transportavam cativos para o mundo cristão

onde seriam civilizados e salvos pelo conhecimento da verdadeira religião. Além disso, o negro era considerado um ser racialmente inferior. No decorrer do século XIX, “teorias científicas” reforçaram o preconceito: o tamanho e a forma do crânio dos negros, o peso do seu cérebro etc. “demostravam” que se estava diante de uma raça de baixa inteligência e emocionalmente instável, destinada biologicamente a sujeição (FAUSTO, 2011, p.26).

Para a Igreja, o negro simplesmente era considerado um ser sem religião, assim como os índios, que, por sua vez, eram dotados de uma cultura rica, com rituais e celebrações de adoração aos seus próprios deuses, o que perdura até os dias atuais.

A escravidão penetrou em toda sociedade, em que o trabalho manual foi socialmente desprezado como “coisa de negro” (FAUSTO, 2011, p.33), nas usinas de açúcar, por exemplo, os cativos realizavam um grande número de tarefas, sendo concentrados, em sua maioria, nos pesados trabalhos de campo. “A situação de quem trabalhava na moenda, nas fornalhas e nas caldeiras podia ser pior. Não era incomum que escravos perdessem a mão ou um braço na moenda” (FAUSTO, 2011, p.41). Na corrida pelo ouro não foi diferente, “... o trabalho mais duro era o da mineração, especialmente quando o ouro do leito dos rios escasseou e teve de ser buscado na galerias subterrâneas” (FAUSTO, 2011, p.55). Muitos negros morriam pelo contágio de doenças e por acidentes; a estimativa de vida do negro na mineração era a mais baixa.

Havia uma forte pressão da Inglaterra para o fim da escravidão, os interesses eram mais econômicos do que humanistas; com a Revolução Industrial, a economia precisava de aquecimento, mais consumidores, e os negros não compravam, pois não recebiam pelo seu trabalho.

Assim, por volta de 1848, o governo brasileiro começou a tomar uma série de medidas para atenuar o problema. Primeiro vieram as leis que favoreceram em suma muitos escravos, como a Lei Eusébio de Queirós em 1850, proibindo tráfico negreiro; depois a Lei do Ventre Livre em 1871 e do Sexagenário em 1885. Mas muitos movimentos de lutas contra a escravidão se consolidavam no País, em 1888 finalmente, a Princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, assina a Lei Áurea, que consolidou a abolição da escravidão. Mesmo assim, o País foi um dos últimos do mundo a tomar tal medida. E assim começou a se questionar, quem substituiria a mão de obra escrava? Com o fim do tráfico negreiro, começa a vir para o Brasil um enorme contingente de imigrantes europeus, os que vieram não só substituir a mão de obra do negro, mas também “branquiar a raça”. Para Fausto (2011, p.113), “Os mestiços, nascidos ao longo da

colonização portuguesa, eram também considerados seres inferiores, e a única salvação para o Brasil consistiria em europeizá-lo o mais depressa possível.” E assim, no início do século XX, o País começa a ser povoado por milhares de italianos atraídos pelas promessas de melhores condições de vida no Brasil, pois a Itália, no momento, passava por uma crise, resultante da unificação do país e de transformações capitalistas.

Com a Abolição, o negro inicia a luta para firmar sua representação e inserção na nova sociedade. Muitos negros ficaram “sem chão”, não sabiam o que fazer com a tão desejada “liberdade”, alguns continuaram a trabalhar nas fazendas em troca de comida e moradia, outros foram povoar as cidades, ficaram à margem da sociedade em trabalhos inferiores, recebendo pouco. Para Azevedo (1966, p.89) “As profissões mais humildes como eram as braçais e manuais [...] consideravam-se indignos dos brancos e próprios somente para pretos e mulatos. À burocracia colonial nem mesmo os pardos tiveram acesso durante muito tempo.” Isso porque no período colonial a instrução não era um direito do negro, não eram admitidos escravos nas escolas públicas do País e a previsão para a instrução de adultos negros dependia da disponibilidade de professores.

Ao referir-nos à educação no Brasil, sob a ótica étnicoracial, somos levados a tratar da desigualdade e da exclusão, no que tange ao acesso aos bancos escolares, vividas pela população não branca. Por mais de duzentos anos, os africanos escravizados não tiveram nenhum tipo de oportunidade de estudo formal. Inicialmente, o processo de alfabetização dos negros se deu em base de atos de caridade e, quando muito, de filantropia (SILVA, 2005, p.195).

Desde os tempos coloniais, instituiu-se um projeto de educação voltado para atender aos interesses da elite que deveria comandar este país, negando, por outro lado, o acesso à educação escolar à população não branca, especialmente ao negro. O preconceito racial é explícito quando se depara com dados estatísticos que revelam que o índice de desempregados negros é superior aos brancos, os negros possuem salário inferior ao dos brancos, embora exerçam a mesma função.

Em virtude mesmo da estratificação social existente, não era possível evitar discriminações raciais nos períodos pioneiros da história brasileira. Por força de leis portuguesas eram proibidos os casamentos entre brancos de um lado, e de outro, aboríges e africanos, ainda que não fossem estritamente cumpridas, tais leis tinham seus efeitos discriminatórios, dando lugar a uma enorme hostilidade entre os grupos implicados (AZEVEDO, 1996, p.87).

Com o passar do tempo, notamos que o negro não consegue, na maioria das vezes, ocupar um lugar de destaque na sociedade. Esse fato é herança do período da escravidão. Depois da Abolição da Escravatura os negros que não tinham estudo, terras, profissão, não tinham chances de ascensão social. Assim, começam o processo de favelização no País: sem dinheiro, sem instrução, sem condições e à mercê do preconceito racial, muitos negros começam a povoar as áreas periféricas das cidades, em busca de moradia e formas de sobrevivência.

Os números da concentração de renda no País entre 1996 e 2003, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mostram que esta "fica embranquecida": entre os 10% mais pobres da população, 64,6% eram negros; entre os 10% mais ricos da população, o percentual de negros cai para 22,3%. As variações que ocorreram na distribuição de renda aprofundaram ainda mais as desigualdades raciais.

O censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010 revela que no Brasil tínhamos 190.755.799 habitantes. Os dados mostram ainda que no País há mais pessoas se declarando pretas e pardas. Este grupo subiu para 43,1% e 7,6%, respectivamente, na década de 2000, enquanto, no censo anterior, era 38,4% e 6,2% do total da população brasileira. Já a população branca representava, em 2010, 47,7% do total. A população de pardos, por exemplo, é mais comum no Nordeste e no Norte (com destaque para o Pará, com 69,5% de pardos), enquanto os pretos estão mais presentes nos Estados da região Nordeste, principalmente na Bahia, onde 17,1% se autodeclararam pretos: 2,4 milhões de pessoas.

O censo também apontou a grande diferença que existe no acesso a níveis de ensino pela população negra. No grupo de pessoas de 15 a 24 anos que frequentava o nível superior, 31,1% dos estudantes eram brancos, enquanto apenas 12,8% eram pretos e 13,4% pardos. A Educação é, ainda, nos dias atuais, um "artigo de luxo" para muitos pretos e mestiços. O processo discriminatório que se dá no ambiente escolar e a necessidade que a população negra tem de abandonar os estudos para se dedicar ao trabalho mostram que os indicadores educacionais são sistematicamente inferiores aos dos brancos, isso explica apenas uma parte da desigualdade salarial. Com programas como o de Cotas para negros foi uma das tentativas do governo federal para minimizar essas desigualdades ainda existentes no Brasil. Durante esta década, as matrículas na Educação Superior mais que dobraram com a ampliação do acesso tendo um papel democratizador. Segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC) recentemente foram dados passos institucionais importantes nesse sentido. Primeiramente, a Lei

10.639/2003, que altera a Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), propondo a obrigatoriedade e valorização do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, e também a Lei de Cotas nas Universidades Públicas nº 12.711/2012, que garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno das 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação para alunos de baixa renda oriundos de escolas públicas, de programas como Educação de Jovens e Adultos (EJA) e para negros, pardos e indígenas. No ano de 2013 já foram reservadas nas instituições públicas 25% das vagas ofertadas. A implantação do programa de cotas será implementado gradualmente. O critério de raça é autodeclaratório, como ocorre no censo demográfico, a renda do estudante tem que ser comprovada por documentação.

Mesmo com os esforços do governo, este programa ainda é frágil para tentar erradicar a grande quantidade de pretos, pardos e indígenas que ainda se encontra à margem da sociedade. Além disso, é preciso considerar que o acesso não garante a permanência, muitos estudantes podem passar por dificuldades financeiras, pois o gasto com transporte, alimentação, moradia e material pode significar um empecilho para a continuidade no ensino superior, mas garante o maior acesso dos mesmos a universidade, que antes era frequentada por estudantes brancos.

Persistir na análise e denúncia das condições sociais da população negra, na proposição de alternativas e na avaliação e aperfeiçoamento de medidas afirmativas empreendidas por governos, organizações e sociedade são tarefas essenciais para promoção da democracia e da justiça social. Deste modo, a expectativa é que as ações afirmativas, de valorização da população negra e de enfrentamento ao racismo, intensificadas na década passada no Brasil, encontrem campo profícuo nos próximos anos... (SILVA, 2013, p.26).

Acreditar na eficiência das ações afirmativas, mesmo que enfrente dificuldades no seu processo de implementação, é acreditar que podemos ter um País mais justo, com a melhora nas condições de vida dos menos favorecidos e na diminuição gradativa da desigualdade racial.

Nossa história da educação tem revelado que a escola foi construída para atender aos interesses da classe dominante. Segundo Santana e Morais (2009, p.58), “Enquanto a educação escolar continuar considerando a questão racial no Brasil algo específico dos negros continuaremos, ainda, em nossas escolas, naturalizando as práticas de racismo, discriminação, reproduzindo os estereótipos negativos que se direcionam, sobretudo, às

crianças negras, afro-descendentes.”A escola necessita dialogar com as diferenças raciais que acabaram negando as outras matrizes culturais que compuseram nosso País.

Ocupei-me brevemente neste trabalho com a questão racial relacionada à pobreza em função de ter constatado na pesquisa de campo que as três famílias de catadores da ASCAS pesquisadas por mim são formadas por pessoas de cor preta e parda, ou seja, confirmando a desigualdade de trabalho e renda que ainda é tão presente no País entre negros e brancos. É fácil ainda verificar, como mostrarei mais adiante, que essas famílias são descendentes de sujeitos escravizados e, decorridos 120 anos da abolição da escravatura, elas ainda amargam as agruras de uma herança construída longe da escola, do trabalho formal e do acesso a condições mais dignas de sobrevivência, em função de uma desqualificação para o trabalho capaz de inseri-las no mundo de forma mais ampla e participativa.

## **OBJETIVOS**

Considerando a relevância do tema e a necessidade de investigação, a pesquisa proposta tem como objetivos principais, a partir de um processo de filiação a uma associação, o que pode pressupor algum grau de consciência política, associativa e coletiva, como é que esses associados lidam com a escolarização dos filhos, compreender as práticas de escolarização das famílias de catadores e investigar as condições de vida, moradia, trabalho e renda de catadores de materiais recicláveis associados pela ASCAS de São João del-Rei .

## **REFERENCIAL METODOLÓGICO**

Para análise da situação dos catadores de lixo e para entender a fundamentação metodológica do estudo fez-se necessário primeiramente uma investigação bibliográfica sobre esse tema.



A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (CERVO e BERVIAN, 1983, p.55).

A partir dessa investigação bibliográfica, tornou-se relevante obter um embasamento teórico para a realização desta pesquisa. No primeiro momento, utilizei autores como Bernard Lahire, que enfatiza a relação família e escola; Cyntia Sarti, Oscar Lewis e Alba Zaluar, que explicitam, as formas de pensar dos pobres, e Lea Pinheiro Paixão, que fez um trabalho analisando o significado da escolarização para um grupo de dez catadoras de um lixão no Rio de Janeiro e Daniel Thin, que analisa as relações entre família e escola. A flexibilidade permeará todo o decorrer da pesquisa, podendo haver alterações metodológicas, de acordo com as possibilidades encontradas.

A pesquisa será norteadada pelo método etnográfico, que, por sua vez, propicia um diálogo entre o pesquisador e o pesquisado.

A Etnografia é calcada numa ciência, por excelência, do concreto. O ponto de partida desse método é a interação entre pesquisador e seus objetos de estudo, “nativos em carne e osso”. É de certa forma, o protótipo do “qualitativo”. E melhor ainda com sua ênfase no cotidiano e no subjetivo, parece uma técnica ao alcance de praticamente todo mundo, uma técnica investigativa, enfim, inteligível para combater os males da quantificação (FONSECA, 1999, p.58).

Dito isso, no segundo momento da pesquisa parti para a investigação de campo. Nessa fase, foram selecionados membros ligados diretamente à ASCAS. O trabalho mais significativo nesta etapa de pesquisa se deu através de observações, aplicação de questionário, a construção de um diário de campo e entrevistas sem roteiros elaborados, sendo uma conversa informal, realizadas com membros dessa instituição (ASCAS), com três famílias de catadores associados, com integrantes de instituições escolares, como professores e coordenadores, onde estudam os filhos dos catadores.

De um modo geral, as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas assemelhando-se muito a uma conversa. Tipicamente o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos,

situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana ( ALVES-MAZZOTT, GEWANDSZAJDER, 200,p.147).

No trabalho de campo, primeiramente participei de três reuniões que foram realizadas na associação e que aconteciam a cada quinze dias, observando e anotando informações que considere relevantes para meu trabalho de pesquisa. Em seguida, conversei com os catadores associados para saber quais deles possuíam filhos em idade escolar e se aceitariam participar da pesquisa. Assim, constatei três famílias com os critérios desejados. Conversei com esses catadores e respectivamente com seus familiares para explicar o propósito do trabalho, pois eu estaria diretamente envolvida no cotidiano e na intimidade de cada uma dessas famílias, no seu dia a dia. A princípio, todos concordaram; percebi que não seria fácil entrar na casa dessas pessoas, invadir a privacidade delas, mas foi bastante tranquilo. As famílias me receberam muito bem, foram extremamente receptivas. Em cada casa observei, durante 15 dias, o comportamento dessas famílias e o envolvimento na educação dos filhos, fui anotando tudo, considerando sempre relevantes os cinco critérios que Lahire usou em seu livro “Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável” (1997). A relação família e escola: 1) As formas familiares de cultura escrita; 2) As condições e disposições econômicas; 3) A ordem moral doméstica; 4) As formas de autoridade familiar; 5) As formas de investimento pedagógico.

As observações geralmente aconteciam no horário em que estavam todos em casa, eu chegava às residências por volta das 18 horas e deixava as casas por volta das 22 horas. Algumas vezes alternei os horários de observação, chegava nas casas pela manhã, por volta de 9 horas e deixava a casa por volta das 13 horas, outras vezes chegava por volta das 14 horas e ficava até as 17 horas . Depois de usar o diário de campo e anotar tudo que considere pertinente, fiz entrevistas bem descontraídas, semelhantes a uma conversa, para deixá-los mais “confortáveis”, mas usando um gravador. Entrevistei cada membro das famílias e também fui até às escolas onde estas crianças estudam e fiz entrevistas com os professores e também supervisores.

A pesquisa de campo me entusiasmou bastante, foi quando vivi e pude investigar a realidade de cada uma dessas famílias. Hoje sinto um enorme apreço por essas pessoas e, mais do que uma pesquisadora, me tornei amiga, pois muitas vezes participei dos reais problemas, aflições e também momentos de descontração a que cada família estava sujeita na ocasião, visto que a vida deles não parou com a minha presença.

Nos três capítulos deste relatório de pesquisa relatei sobre três famílias de catadores associados da ASCAS que mostraram diferentes maneiras de lidar com a escolarização dos filhos. Mais adiante relatarei com detalhes, o cotidiano, a trajetória de vida e a relação da escolarização destes catadores com seus filhos.

(...) a reconstrução por nós efetuada valoriza de forma abrangente não só a herança cultural e econômica dos diferentes sujeitos, mas mostra também uma carga de sentimentos que acompanha as experiências escolares da família e aquilo que essa carga de sentimentos desperta no sujeito investigado no decorrer de sua trajetória (PORTES, 2001, p.81).

A sistematização do trabalho de pesquisa se dará através de análise dos dados obtidos por meio de registro e transcrições das entrevistas, classificação, organização de todo o material recolhido, procurando estabelecer uma vinculação entre os referenciais teóricos da pesquisa, utilizando uma triangulação de dados entre as entrevistas com professores/ supervisores/ pais/crianças e observações do caderno de campo.

As famílias investigadas coincidentemente são todas constituídas por sujeitos negros. Seu estudo foi dividido posteriormente em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos a família de Cleonice; no segundo a família de Márcio e no terceiro capítulo, a família de Moisés. Por último, são tecidas as considerações sobre a pesquisa.

## Capítulo I

### **CLEONICE: A incansável luta na busca pela sobrevivência**

Luís, o pai de Cleonice, sempre morou em São João del-Rei, no bairro Bela Vista, e frequentou a escola até o quinto ano do Ensino Fundamental I<sup>1</sup>. Trabalhou como forneiro em uma indústria metalúrgica da cidade. Casou-se com dona Gilda e faleceu aos 62 anos de idade, com uma doença degenerativa nos pulmões, causada pelo contato com substâncias tóxicas .

Dona Gilda, a mãe de Cleonice, veio para a cidade depois que se casou com Luís. Morou por um tempo na roça, mas, com as dificuldades, foi morar com a sogra na cidade, onde permaneceu por 12 anos, até que o marido conseguiu uma casa para eles. Segundo ela, o marido era alcoólatra, “dava muito trabalho”. O casal teve 12 filhos, sendo uma filha adotada. Dona Gilda relatou nas entrevistas que teve uma infância muito pobre, vivia na roça e tinha que trabalhar para ajudar no sustento da família, que era constituída por ela seus pais, e mais 10 irmãos. Segundo ela:

Nós num teve infância não, a gente trabalhava, carregava lenha na cabeça para vender, ia apanhar milho pra debulhar para vender, para ajudar os pais em casa. Nós num teve infância não, chegava da lenha e ia lavar roupa, nós num tinha condição nenhuma, a água da casa... era lavada a roupa no rio, nós num teve muita chance de ser criança para brincar. Eu com 11 anos comecei a buscar feixe de lenha pesado, porque minha mãe punha nós mesmo pra carregar, dai eu comecei a carregar lenha, chegava em casa, punha o feixe no chão, almoçava e depois ia caçar quem queria comprar. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 18 de abril de 2013).

Dona Gilda vendia os feixes de lenha para fazendeiros que moravam perto de sua casa e tinham melhores condições de vida; fazia isso todos os dias. Seus pais não frequentaram a escola, eram analfabetos, tinham “uma vida muito sacrificada”, nem ela nem os irmãos tiveram a oportunidade de frequentar a escola quando crianças. Segundo Dona Gilda,

Nenhum dos meus irmãos frequentou a escola, alguns aprendeu depois que casou, aí aprendeu um pouquinho, mas aprendeu, agora eu já não aprendi, porque meu marido era daquelas pessoas ignorantes, sabe?

---

<sup>1</sup> Trata-se, aqui, de uma atualização, a partir da Lei 9394/96 da LDB. Maiores detalhes veja anexo 2.

Uma vez eu queria ir pra escola noturna aí ele falava, assim, “depois de velha”, vai estudar depois de velha, e começava a “encher o saco”, aí eu larguei pra lá. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 17 de abril de 2013).

Dos 12 filhos de Dona Gilda, todos frequentaram a escola, mas nenhum chegou a completar o Ensino fundamental II. O máximo a que um dos filhos chegou foi até o sétimo ano. Dona Gilda tem 10 filhas mulheres, uma já falecida, todas sempre foram donas de casa, domésticas, faxineiras e catadoras. São todas casadas, somente a Cleonice permanece solteira. Os dois filhos homens seguiram a profissão do pai, são forneiros na indústria e também são casados.

Atualmente, Dona Gilda esta com 71 anos de idade, ainda trabalha dentro de casa fazendo tarefas domésticas e, “quando sobra um tempinho”, tece crochê. Moram em sua casa a filha Cleonice, os netos Mariana, que está com 15 anos, Mauro com 10 anos, Elisa de 1 ano de idade e o bisneto Samuel, filho de Mariana, que também tem 1 ano de idade. Mãe e filha engravidaram juntas, na mesma época. A casa vive cheia, os filhos de Dona Gilda construíram todos em torno da casa dela. Ela dividiu a casa para duas filhas, e os outros foram construindo “na medida do possível”. Quando ela se mudou para essa casa tinha um terreno atrás que pertencia a prefeitura, mas foram construindo nele e nunca foram questionados sobre a ocupação do mesmo. Somente um filho mora com a esposa em outro bairro.

Cleonice morou até os 12 anos no bairro Bela Vista, em São João del-Rei, com seus pais e irmãos. Entrou na escola com 5 anos de idade, mas nunca gostou de ficar na escola, diz que era “malandra”, como relata na entrevista: “A minha infância foi só brincando, era malandra, também num gostava de escola. Eu era malandra, entrei com 5 anos e parei com...” A catadora parou de frequentar a escola quando estava no sétimo ano do Ensino Fundamental II. Nesta época a família já havia se mudado para o bairro Bom Pastor, um bairro popular da cidade. Segundo Cleonice, memorizar os conteúdos das disciplinas “era muito difícil”, então resolveu parar de estudar, frequentou a escola apenas 7 anos. Os pais a incentivavam nos estudos, hoje diz que se arrepende,

Eu arrependo muito! É “quem” eu falo com meus filhos, que o estudo faz muita falta. Hoje eu num tenho nada, com três crianças, não tenho ajuda dos pais deles, eu sozinha pra tudo. [Tenho de] arcar com tudo, com o que eu trabalho. Com reciclado, minha sorte é que o reciclado para mim dá bem, mas se não fosse isso, depender de patrão

também é foda, porque tem patrão que é bom, mas tem patrão que gosta de humilhar os empregados. Aí eu falo que o estudo faz muita falta, hoje eu falo. (Notas de campo, entrevista, dia 18 de abril de 2013).

Cleonice tem 35 anos de idade, atualmente tem três filhos, Mariana de 15 anos, Mauro de 10 anos e uma bebê de 1 ano de idade. Teve os dois primeiros filhos com um companheiro, com o qual viveu por 10 anos e se separou. A filha caçula é de outro relacionamento que “não deu certo”. Segundo Cleonice, o pai da Mariana e do Mauro nunca ajudou nas despesas e na educação dos filhos,

Ele nunca participou, porque foi assim, eu morei com ele três anos, aí engravidei da Mariana. Aí era aquilo, nós brigava e ficava junto, ele mexe com droga, bebe, aí depois veio o Maurinho. Quando o Maurinho tava com seis meses eu separei dele, aí criei eles assim, sozinha. Educação ele num dava nenhuma, uma semana aparecia aqui em casa, tinha semana que sumia. Ele... não gostava de trabalhar, num me ajudava em nada, nem na educação, nem nada, é o que eu falo com o Mauro, ele tem que tomar uma tenência na vida, já cansei de falar, se ele num melhorar, ele vai morar com o pai dele. Se ele quer ficar igual o pai dele, vai ficar do lado dele. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 18 de abril de 2013).

Cleonice trabalhou alguns anos como faxineira numa loja de materiais de construção, e depois de se desentender com o patrão, saiu do serviço, ficou uma semana “olhando para o teto”, sem saber o que fazer, e logo depois entrou para a ASCAS, frequentou as reuniões e começou o trabalho de catadora. Ela conheceu a Associação porque na família havia três irmãs que já haviam passado pela ASCAS, mas depois saíram, e como estava desempregada, uma das irmãs, a Geralda, convidou-a para se associar juntamente com ela. Hoje essa irmã é vice-presidente da Associação. Atualmente vive com a renda da catação, ela faz o serviço de separar as doações recebidas, é a tesoureira, faz a pesagem de material reciclável de todos os associados e, junto com o presidente, também faz o pagamento. Ela registra tudo em um velho computador, por isso passa o dia todo no galpão, e quando vai para casa ainda passa pelas ruas catando materiais. A catadora também conta com o benefício do Bolsa Família<sup>2</sup>, uma pequena ajuda financeira da filha mais nova, que recebe pensão do pai, e com a ajuda da mãe, que recebe pensão do marido já falecido.

---

<sup>2</sup> O Programa Bolsa Família foi criado pelo governo Federal para apoiar as famílias mais pobres e garantir a elas o direito a alimentação, o acesso à educação e à saúde. O programa visa à inclusão social das

Cleonice vive na casa de sua mãe; a residência tem seis cômodos, ainda não rebocada, com a estrutura modificada pela construção das casas de seus irmãos; a casa foi separada em três e ainda tem um segundo andar. Em relação aos bens materiais, a casa possui geladeira, televisão, fogão, sofá, camas e guarda-roupas, máquina de lavar roupas adquirida recentemente por Dona Gilda, mas não possuem uma mesa na casa. Todos fazem as refeições na sala sentados no sofá ou até mesmo no chão da cozinha.

Segundo Dona Gilda, a relação com a filha Cleonice e os netos é boa, mas às vezes acontecem alguns desentendimentos:

Eu e a Cleonice combina bem, só que tem dia eu e ela 'tá meio atacada', e se eu tolerar vou apanhar na mão deles, eu não tolero. A Mariana é mais burra pra mim, mas tem amizade comigo, o Maurinho de uns tempos pra cá começou a querer me responder também. Eu fui e falei com ele: Tolerar vocês me respondendo eu não vou não, porque quem dá o pão dá a educação. Então eu num tolero não. A Cleonice é meio nervosa, às vezes ela fala alguma coisa comigo eu largo para lá, porque se eu ficar nervosa atrapalha tudo, aí eu já largo de lado, mas eu num deixo de cuidar deles, igual eu tava falando, se eu quiser sair daqui arrumar um casa pra morar sozinha eu ia, porque tem jeito de arrumar um lugar só pra mim, mas eu não saio daqui por causa deles, se eu sair daqui a Cleonice, com esse emprego que ela tem, não vai dá pra ela tratar dos filhos dela direito, não dá pra ela comprar o remédio, a comida, calçado e dar roupa, porque comigo já é apertado, imagina se eu sair, eles vão passar muito aperto. Então, enquanto vida eu tiver eu viver com eles, pra mim nunca há de passar falta de comida dentro de casa, aí eu vou viver com eles, mas num tenho nada que reclamar dos meus filhos, porque eles são muito bons para mim, graças a Deus! Agradeço muito a Deus pelos filhos que eu tenho, eu tenho que reclamar mais é dos filhos da Cleonice que são muito malcriados pra mim, eles responde muito, a Mariana num responde perto da Cleonice, o Maurinho também não, mas longe eles responde, mas eu chamo a atenção deles, porque eu tenho direito de chamar a atenção. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 17 de abril de 2003).

---

famílias de baixa renda, por meio da transferência de renda e da garantia de acesso a serviços públicos essenciais. Recebem o benefício famílias de baixa renda que devem manter os filhos menores devidamente matriculados em escolas regulares; o cartão de vacinação atualizado de crianças de 0 a 7 anos de idade, além de fazer o acompanhamento quanto ao desenvolvimento, peso e medida das mesmas; as gestantes devem realizar o pré-natal e continuar o acompanhamento enquanto estiverem amamentando; mulheres entre 14 e 44 anos devem fazer acompanhamento nas unidades de saúde.

## 1. A educação dos filhos

Cleonice trabalha em torno de 10 horas por dia, de segunda a sábado, na Associação. Sai de casa bem cedinho e chega ao anoitecer, quando retorna está muito cansada e ainda tem que olhar a filha caçula. Os dois filhos mais velhos, Mariana e Maurinho, começaram a frequentar a escola com 4 anos, na Escola Municipal Bom Pastor. Em seguida, foram para a escola Estadual Tomé Portes del-Rei e depois ela colocou os dois filhos na Escola Municipal Pio XII, perto de casa. A mudança de estabelecimentos escolares é muito comum nas camadas populares, sendo pela localização, procuram escolas próximas às residências, por mudança de ciclo, ou outros motivos. Para Zago (2008, p.31) isso retrata “o que chamamos de uma frágil relação com a escola, fruto de vários acidentes no percurso: reprovações, sentimento de discriminação pela professora, mudanças de estabelecimentos de ensino e interrupções.” No caso de Mariana e Maurinho isso ocorreu por motivos de localização e pelo fato de menino ser reprovado em outras escolas.

A catadora diz que não participa muito das questões relacionadas à escola dos dois filhos e que nem mesmo a tarefa ensina para o filho de 10 anos, que ainda necessita de orientação. Já a Mariana faz suas tarefas sozinha. Segundo ela, antes de entrar para a Associação, participava mais da vida escolar dos filhos,

A Mariana, até antes dela engravidar... não, até os treze anos, eu participei muito das coisas dela, da escola, reunião...O Maurinho também, eu participava, mas depois que eu comecei a trabalhar na Associação, aí num dá tempo de ir em reunião, essas coisas. Mas vira e mexe eles me chamam lá, eu vou, por causa do Maurinho. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 18 de abril de 2013).

Cleonice relata que acredita em um futuro melhor para os filhos, que através dos estudos eles possam “ter uma vida melhor”. Nas camadas populares os pais vêm na escola uma forma de melhorar as condições de vida, também sendo “...a escola um espaço de socialização e proteção dos filhos do contato com a rua, do mundo da droga, das más companhias...” (ZAGO, 2008), é o que se pode ver nas representações de Cleonice:

Ah, eu espero que eles tenham um futuro melhor, n/é? Uma profissão melhor, uma profissão boa, que eles não façam a mesma coisa que eu fiz, a burrada de não ter estudado, viver assim como eu vivo, sozinha, dependendo... Porque eu dependo da minha mãe, porque se fosse para mim gastar o que eu, o que a minha mãe gasta, eu não ia ter



condições. Aí eu quero, desejo que eles tenham uma profissão boa na vida e num ficar nesse mundo das drogas nem no meio de bagunça, n/é? (Notas de campo, entrevista realizada no dia 18 de abril de 2013).

A filha mais velha de Cleonice entrou na escola com 4 anos de idade. Mariana relata que tinha “dificuldades” e que tomou uma “bomba” no terceiro ano do Ensino Fundamental I. Hoje tem 15 anos de idade e está no 7º ano do Ensino Fundamental II, teve uma interrupção no seu percurso escolar por causa de uma gravidez “inesperada”. Ela engravidou aos 13 anos e parou de estudar por um período, agora retornou aos estudos e diz que pretende terminar o Ensino Médio e talvez cursar uma faculdade, no curso de Direito. Mariana, ao relatar a vontade de cursar a faculdade de Direito, faz referências à profissão de advogado, sendo uma “profissão bonita”. Dá a entender, que para ela o advogado é um “herói”, aquele que “liberta as pessoas da prisão” e que pode “ajudar” pessoas de seu convívio, amigos, vizinhos. Um profissional muito útil considerando o meio na qual ela vive. Essa representação vai aparecer também na fala de seu irmão.

Mariana não possui mais nenhum tipo de relacionamento com o pai da criança, mas ele ajuda com uma pequena quantia em dinheiro todos os meses. A adolescente relata que “amadureceu muito” e que a gravidez não a “atrapalhou”. Engravidou muito nova, mas não pensou em parar de estudar, parou no meio do ano e ficou somente um ano fora da escola. Mariana diz que tem dificuldades em algumas disciplinas na escola, como em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, mas a sua relação com os professores é “boa”.

A relação é muito boa, só com a dona... a supervisora... que não é muito boa, porque ela quer tomar conta da minha vida, por causa d’eu ter filho, então pra mim já é mais difícil, porque tenho que pegar ele à noite, tarde, e tem dia que ele está doente, aí num dá pra ir na escola todo dia, ela vem me “encher o saco”. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 19 de abril de 2013).

A gravidez na adolescência tem atingido cada vez mais os jovens no Brasil e acarreta inúmeras consequências, é encarada negativamente nas condições emocionais e financeiras das adolescentes e suas famílias, alterando sua rotina. Para Costa (2011, p.18) “a maioria das adolescentes abandonam os estudos para cuidar da criança, ocorrendo aumento dos riscos de desemprego, mudança de estrato sócioeconômico e

dependência econômica dos familiares, perpetuando-se, assim, a pobreza, educação limitada.”

No caso de Mariana, mesmo não tendo abandonado a escola, teve que parar de estudar por um período, o que ocasionou um percurso acidentado em sua escolarização. Além disso, ter que cuidar do filho às vezes não lhe permite frequentar a escola regularmente.

[...] Esses percursos acidentados (sejam decorrentes de reprovações ou interrupções) aumentam a distância entre a idade cronológica e idade escolar, e quanto maior a diferença, mais improvável se torna a conclusão de um ciclo completo de ensino (ZAGO, 2008, p.27).

A adolescente tem vontade de trabalhar, pretende arrumar uma creche para seu filho ficar enquanto ela estiver no trabalho, pois fica por conta dele o dia todo e vai para a escola à noite, quando ela o deixa com a mãe do pai do bebê e o pega de volta quando chega da aula. Mariana demonstra ser uma mãe muito responsável, a gravidez precoce, apesar de interferir na sua vida escolar, lhe trouxe um senso de responsabilidade que talvez não teria em outra situação. Segundo Capanema (2011, p.4), “... a gravidez na adolescência pode ter a função de um chamado simbólico, na medida em que coloca o sujeito em uma outra posição na cadeia das gerações: de filho ele passará à posição de pai.”

A adolescente diz que quer um “bom futuro para o filho”, que quer vê-lo “entrar na universidade”. O pai do menino frequentou a escola até o nono ano e parou de estudar, hoje trabalha com “bicos”.

Em relação ao seu pai, Mariana diz que não tem contato nenhum com ele, que ele nunca ajudou a mãe em nada, “não converso com ele, não tenho relação nenhuma.”

Sobre o trabalho da mãe Mariana relata que não acha um “bom trabalho”; segundo ela, “Eu acho uma profissão muito cansativa e ali corre o risco de pegar várias doenças, porque no lixo ficam ratos, acho que corre muito risco.” Ela mostra certa rejeição ao trabalho de catador, considera um trabalho árduo e demonstra desinteresse em seguir a ocupação da mãe.

O Mauro, segundo filho de Cleonice, tem 10 anos e está no terceiro ano do Ensino Fundamental I. Ele repetiu o segundo ano quando ainda estudava na Escola Estadual Tomé Portes del-Rei. Quando se transferiu para a Escola municipal Pio XII, a

coordenação resolveu voltá-lo para a série anterior, por estar com um rendimento muito baixo em relação à turma.

Cleonice fala que o filho é um pouco “malandro”, “não gosta muito de estudar”. Mauro revela na entrevista que realmente não gosta muito da escola, diz que a professora “pega muito no meu pé”, dizendo que ele faz “bagunça”. Entretanto, relata que gosta de algumas disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática. Sobre a tarefa, o garoto fala que a tia o ensinava, mas que agora não ensina mais e que sua mãe num tem tempo para ajudá-lo, porque trabalha muito e chega cansada. Segundo ele, a irmã não o ajuda, e a avó não sabe, ele não consegue fazer sozinho, então vai para escola com a tarefa sem fazer, diz que faz no recreio: “Aí tem dia que eu faço na hora do recreio.”

Mauro apresenta certo desinteresse em fazer o dever de casa, além disso, não tem o incentivo ou ajuda dos familiares.

O dever de casa é, por um lado, um dos dispositivos curriculares por meio dos quais a escola concretiza seu trabalho pedagógico. Por outro lado, como tarefa a ser realizada geralmente em casa, ele permeia também o cotidiano das famílias, redefinindo, em certa medida, o lar como uma extensão da sala de aula e constituindo, para alguns autores, o principal meio de interação família-escola (CARVALHO, 2012, p.12).

Nesse sentido, a tarefa torna-se um instrumento pedagógico muito importante, pois propicia o desenvolvimento do aluno, sistematizando o conteúdo trabalhado em sala de aula, além de aproximar a família da escola. A escola também oferece aulas de reforço três vezes na semana no turno da manhã, Mauro diz que não vai porque acha a escola longe da sua casa e tem que ir duas vezes para a escola, “acha cansativo”: “Ah... tem que subir esse morro, é subir dois morros, aí depois tem que voltar, descer tudo de novo... E depois subir de novo pra escola.” O garoto também participa de treino de futebol, que acontece pela manhã, em um campo próximo a sua casa. Ele adora futebol e às vezes o treino acontece nos mesmos dias das aulas de reforço da escola. Sua preferência pelo futebol é claramente observada, ele fica muito empolgado na hora de ir para o treino e sempre relata quantos gols fez no jogo, que se seu time ganhar ou perder a partida ele tem um grande compromisso com o treino, “não falta”, sendo diferente da sua relação com a escola. Vê-se claramente aqui que o futebol tem a preferência do garoto.

Sobre seu pai, Mauro diz que quase não o vê, que só consegue ter contato com ele quando vai na casa da avó paterna "... demora, tem um tempão que eu não vejo ele". O menino diz que sente a falta da presença do pai e que gostaria que ele ajudasse sua mãe, que não gosta de vê-la trabalhando "neste serviço". Segundo ele, "... ela fica naquele galpão mexendo com lixo". O menino também demonstra certa rejeição ao trabalho da mãe.

Mauro relatou que, quando se tornar adulto e for para o mundo do trabalho, deseja ser jogador de futebol, trabalhar como advogado ou em um lava-jato de automóveis. Questionando o porquê da escolha dessas profissões, ele diz que adora jogar futebol, que o advogado "solta as pessoas da prisão" e que "acho muito legal ficar lavando os carros". A escolha das duas primeiras profissões está diretamente ligada ao seu convívio social, jogador de futebol, pelo fato de frequentar a escola de futebol e gostar muito desse esporte, que dispensa e convive bem com sujeitos despossuídos de um capital cultural mais expressivo, e ser advogado remete às mesmas representações construídas pela irmã Mariana, que mostram o advogado como um "herói", que conhece as leis e as utiliza diante das necessidades daqueles mais necessitados e, por fim, a ocupação no lava-jato, que aparece como um trabalho prazeroso e que não foi possível perceber o porquê dessa escolha. Todavia, estamos diante de um pequeno sujeito "desorientado" quanto às suas reais possibilidades de se inserir em um campo profissional. Mas é possível dizer que ser funcionário de um lava-jato é quase a expressão de uma certeza, considerando a posição social do menino e de seus parentes mais próximos. A alternativa poderia ser via escola, mas nem ele mesmo acredita nela, como vem mostrando o seu fraco desempenho escolar.

Dona Gilda diz que participa da educação dos netos, que chama a atenção e até vai na escola quando a Cleonice não pode comparecer, relata esperar um bom futuro para eles,

[...] eu espero que eles aprendam a estudar, passe de ano, para eles terem um bom futuro na vida, porque se eles num for querer estudar e ficar só ai querendo fazer coisas erradas, num vai aprender, mais tarde eles vão sofrer, porque do jeito que o mundo lá vai... sempre eu falo com o Maurinho, estuda, meu filho, sabe porque, mais tarde se você num estudar sabe o que vai acontecer com você? Você vai puxar carroça, porque é o único serviço que você vai achar, porque nem para trabalhar na rua hoje eles num querem gente sem estudo, sempre eu 'tô falando aqui com ele, pra ele estudar, pra mais tarde não arrepender, n/é? Porque é muito triste, porque do jeito que nós

estamos nesse mundo de hoje se ele não aprender a estudar, o recurso dele é puxar carroça, porque é a coisa mais triste, um serviço que, dá tanto trabalho. Deus vai abençoar que ele vai estudar. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 17 de abril de 2013).

A avó, mesmo sendo analfabeta, infere significações positivas à escolarização dos netos, vê os estudos como uma forma de sair da pobreza, de mudar de vida, espera que eles não sigam a mesma profissão da filha, que “puxa carroça”. Também acredita que os estudos podem livrar os netos das drogas e do mundo do crime, que estão muito presentes no bairro em que vivem.

## **2. A relação com a escola**

A Escola Municipal Pio XII, onde os dois filhos de Cleonice estudam, fica situada no mesmo bairro onde moram. A escola atende todo o Bairro Bom Pastor, é bem estruturada, com um espaço físico amplo, atende desde o Ensino Fundamental II até o Ensino Médio. A supervisora da escola relata que a escola tem muito problema com evasão, que os alunos do turno da manhã que têm mais dificuldade passam para a noite porque vão ficando mais velhos e acabam desistindo. A escola separa o turno da manhã e da noite por idade. Se o aluno já repetiu de série vai para o noturno.

A escola tem muitos problemas em relação a brigas, ao tráfico e uso de drogas ilícitas dentro do estabelecimento. Os alunos são vigiados constantemente pelos funcionários, que, mesmo assim, não conseguem controlar essa situação, como relata uma funcionária.

Mas aqui também é difícil controlar, até de manhã já encontramos droga aqui no banheiro. É... ultimamente “tá” assim, às vezes “matam” aula pra ficar na pracinha. Também ocorre que muitos alunos gostam de estudar à noite, faltam de aula para namorar, e os pais acham que os filhos estão na escola. (Notas de campo, entrevista realizada no 22 de abril de 2013).

Segundo a supervisora, Mariana é uma “boa aluna”, tem “boas notas”, mas costuma “faltar” e conclui: ... eu disse pra ela, Mariana, você “num” vem na escola dar uma satisfação, aí ela fala: “Como que eu vou fazer, primeiro é meu filho depois os estudos”, mas eu disse que ela tem que avisar, para poder falar com os professores”. Esse conflito parece ser real, pois Mariana já até levou o filho para a escola. Certo dia

teve uma avaliação à qual ela não poderia faltar e não tinha com quem deixar a criança. Segundo a Bibliotecária da escola, o menino ficou com ela, na Biblioteca.

Mariana relatou em uma de suas falas que “a gravidez não a atrapalhou em nada”, mas, ao nos depararmos com a situação descrita acima, é possível perceber que a adolescente tem problemas na escola por causa do filho. É cada vez maior o número de adolescentes que engravidam e deixam os estudos para cuidar da criança, muitas vezes trabalham e não tem apoio do parceiro que não arca com suas obrigações de pai. A gravidez na adolescência acaba comprometendo a vida escolar de jovens que não tendo outra opção desistem da carreira escolar pelas dificuldades que tendem a enfrentar. No caso de Mariana, ela não abandonou os estudos, fez uma breve interrupção e retornou aos mesmos, mas, é recorrente na fala da supervisora que “a jovem tem problemas com a frequência escolar” por não ter com quem deixar o filho no horário das aulas.

Sobre a relação de Cleonice com a escola, a supervisora relata que dificilmente ela aparece lá, muitas vezes manda bilhete para ela convocando sua presença, e ela não aparece. Disse ainda que muitas vezes o Mauro não entrega os bilhetes, e quando entrega, quem vai lá é a avó, Dona Gilda, saber o que está acontecendo. Segundo ela, “o que acontece é que eles “nem” dão recado da reunião, não entregam bilhete, então a gente liga, porque eles não entregam o bilhete e “nem” nada, aí tem aparecido, a gente vê que eles só não vêm mesmo porque eles não entregam o bilhete”. A supervisora relata que nas reuniões não reclama dos alunos, só quer saber o que acontece no ambiente familiar,

É... a gente nem fica reclamando deles não, a gente quer saber mais o que acontece em casa... É, a gente quer saber, porque aqui tem uns meninos que mexem com drogas... aqui tem muito menino que já morreu, que já matou, aquele menino que morreu esses dias era daqui, acidente de moto, mas ele tava envolvido com drogas, a gente tem que “tá” vigiando, indo no banheiro, eles passam mensagem por telefone, entendeu? (Notas de campo, entrevista realizada no dia 22 de abril de 2013).

Uma professora do Mauro relata nas entrevistas que o menino costuma ser agressivo, que briga muito com os colegas e não tem limites,

Assim, eu acho, é tudo, vive uma vida difícil, vive num meio difícil, mas nem por isso ele pode chegar na escola e achar que pode fazer o que quer, aqui tem regras, e ele “num” quer seguir as regras, ele acha que pode fazer o que quer, “num” quer ficar hoje, não fez, e não vai

fazer, ele vai ficar depois da aula.(Notas de campo, entrevista realizada no dia 24 de abril de 2013).

Mauro reproduz na escola o que faz em casa, como, por exemplo, quando responde à avó, quando não faz as tarefas escolares, ele não tem regras estabelecidas no ambiente familiar.

A professora leciona todas as disciplinas: Português, Matemática, Geografia, História e Ciências. Ela relata que Mauro tem muita dificuldade nos conteúdos das disciplinas e que no ano passado teve que voltar para a série anterior: “Ele tem muita dificuldade. Ele voltou o ano passado, mas agora ele já lê, “tá” lendo, mas além de tudo ele tem muita dificuldade no aprendizado, além de ter um comportamento difícil, tem muita dificuldade”. Ela diz que dificilmente ele traz as tarefas prontas: “... Não, não chega, nunca chega com a tarefa pronta. Eu mando bilhete, ele fica no recreio pra fazer, ele não tem interesse em fazer, já tem a dificuldade, não tem um acompanhamento, agora tem a aula de reforço, ele ainda não veio.”

Sobre sua relação com a mãe do Mauro, a professora ressalta que ela é muito restrita, a mãe não vai à escola conversar sobre o filho, que esteve com ela uma única vez, no final da aula. As reuniões são bimestrais e, segundo ela, Cleonice não comparece.

A filha caçula de Cleonice, a Elisa, ainda é um bebê de 11 meses, ela ainda não procurou creche para a criança, quem cuida dela enquanto ela trabalha é uma de suas irmãs, pois Dona Gilda já é idosa e a Mariana já cuida do filho dela.

A relação de Cleonice com a escolarização dos filhos parece muito fragilizada, ela não consegue acompanhar o desenvolvimento escolar deles, talvez pela falta de tempo, pela baixa escolarização, pela falta de apoio do ex-companheiro; mesmo assim, consegue ver nos estudos uma forma de “melhorar de vida”, quando relata nas entrevistas que não quer que os filhos sigam o mesmo caminho que ela seguiu.

Os resultados a que se tem chegado as pesquisas sobre o tema – quer no âmbito dos discursos, quer no âmbito das práticas dos atores sociais – tendem a mostrar que essa categoria social experimenta uma verdadeira ambiguidade face a instituição escolar. Ao mesmo tempo que expressa sentimentos e atitudes de rejeição e de distanciamento em relação a ela, como que reconhecendo e agindo ao processo de identificação negativa a que nela fica exposta (com suas consequências em termos de discriminação, desvalorização, em suma de inferiorização social), não abdica de seu direito à instrução, aceita-a

como a fonte legítima da aquisição do conhecimento, e nela deposita suas expectativas de promoção social (NOGUEIRA, 1991, p.90).

O discurso e as atitudes de Cleonice perante a escola revelam uma forte contradição, ao mesmo tempo que não investe na escolarização dos filhos, enxerga na mesma uma forma dos filhos terem uma “vida melhor”, de futuramente conseguirem um trabalho mais qualificado, reificando a função mágica da escola no processo de diminuição das desigualdades sociais.

### **3. A escola dentro de casa**

Antes de começar a pesquisa com as famílias de catadores, fui à casa de cada uma das famílias me apresentar e explicar qual era o meu objetivo; disse que se tratava de uma pesquisa acadêmica da UFSJ, que eu iria ficar na casa de cada um por quinze dias em determinados horários, fazendo observações. Todos entenderam minha proposta e não se opuseram a me receber, mesmo sabendo que seria um pouco desconfortante a presença de uma pessoa estranha todos os dias em seus lares, observando a rotina e suas formas de vivência.

A primeira família que observei foi a de Cleonice. No primeiro dia cheguei à residência da catadora por volta das dezoito horas, estavam em casa dona Gilda, que tecia crochê com uma irmã, no seu quarto. Ela me recebeu cordialmente, disse que eu poderia ficar à vontade, puxou uma cadeira que estava encostada no quarto e me entregou. “Toma filha, pode assentar aqui”, e logo me ofereceu um cafezinho. Assentei-me, peguei meu material para anotação e fiquei a observar. Logo observei que a casa não possuía uma mesa, todos fazem as refeições no chão da cozinha ou na sala, vendo programas na TV. Na sala possui um jogo de sofá já bem razurado pelo uso, a TV é de plasma, 32 polegadas, mas por não possuir uma antena parabólica, o sinal é bastante ruim. A casa é pequena possui três quartos bem pequenos. A sala e a cozinha conjugadas com a área de serviço. Os varais de roupa ficam pendurados pelo teto da cozinha. Mariana fica com um quarto, onde dorme com seu filho, no outro dorme dona Gilda, e o terceiro Cleonice divide com o bebê e com Mauro. Neste mesmo dia, Mariana estava em casa, acabara de sair do banho junto com o filho. Aprontava-se para a escola. Logo depois Cleonice chegou do trabalho e, em seguida, Maurinho chegou com um papel do treino de Futebol, uma autorização para a mãe assinar. Ela logo o advertiu: se



ele não melhorasse na escola, não iria autorizar, mas, mesmo assim, assinou. Ela me cumprimentou, não questionou nada, entrou para seu quarto com a filha, que já havia pegado na casa da irmã. Maurinho ficou um pouco assustado com minha presença, perguntou o que eu estava fazendo; seu receio era que eu fosse alguém da assistência social, pois sua mãe sempre o ameaçava dizendo que, se ele não melhorasse seu comportamento, iria chamar a assistência social, mas expliquei-lhe o que eu estava fazendo. Mesmo assim ficou algum tempo a me observar, desconfiado.

A rotina diária da família não era muito diferente. Durante o dia Cleonice estava na Associação, dona Gilda ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos, Mariana ficava em casa cuidando do seu filho e sempre assistindo a novelas na televisão. Nunca me deparei com a adolescente fazendo tarefas, algo referente á escola. Diz que faz as tarefas na aula mesmo e que não tem o hábito de leitura. O Mauro dificilmente está em casa. Quando não está na escola, está na rua brincando ou esta no treino de futebol. A casa é sempre muito movimentada. Os filhos e netos de dona Gilda, por morarem ao seu redor, estão sempre na casa, e todos sempre ficavam muito curiosos com minha presença.

No decorrer das observações eu já estava bastante à vontade na casa, todos os dias chegava e me assentava na sala, onde todos ficavam neste horário. Os bebês estavam sempre brincando pela casa, pegavam de tudo para brincar, principalmente vasilhas usadas na cozinha, mas sempre havia a intervenção de um adulto para assegurar que eles não se machucassem. Logo no primeiro dia de observação peguei alguns biscoitos que estavam na minha bolsa e dei para os bebês. Eles adoraram, desde então, quando eu chegava, eles já ficavam vasculhando minha bolsa. A avó paterna do filho de Mariana sempre aparecia no horário em que a adolescente saía para estudar. Ela ficava com o menino até a volta de Mariana.

Raramente observei Cleonice mexendo no material escolar do filho. Também nunca me deparei com ela fazendo leituras ou utilizando a escrita em algum momento, em casa. Ela me relatou que só lê na Associação, quando está separando papéis para a reciclagem, vê alguma notícia em um jornal ou revista, em casa não tem este hábito. Segundo Lahire (1997, p.21), “o fato de ver os pais lerem ou escreverem com ou sem dificuldades, de ver os pais recorrerem cotidianamente, em sua vida familiar, às escritas de determinado tipo podem desempenhar um papel importante do ponto de vista do sentido que a criança vai dar ao texto escrito dentro do espaço escolar”. Isso poderia

explicar o fato de os filhos de Cleonice não terem intimidade com a leitura no ambiente doméstico.

Alguns dias observei a rotina da família entre a manhã por volta das 9 horas até as 13 horas. Chegava à residência e estavam na casa dona Gilda, que fazia o almoço; Mariana, que lavava roupas, e o bebê, que brincava no chão da cozinha. Mariana é uma mãe muito dedicada, cuida bem do filho, apesar de ser muito nova, uma adolescente, ainda. Diz que o filho é a coisa mais importante que aconteceu na sua vida. Ela diz que não tem muito tempo para se dedicar aos estudos, mas relata que gostaria de ter um computador em casa, pois a ajudaria nos trabalhos escolares. Quando precisa usar a internet ela vai à casa de uma tia ou de um vizinho. Maurinho nunca estava em casa, mas chegava quase na hora de ir para a escola, não fazia a tarefa, somente duas vezes fez a tarefa junto com a tia, que mora ao lado. Sua tia estudou até o oitavo ano do ensino Fundamental II. Ela ajudava o menino nas tarefas, mas confessou que ele havia sumido, não a procurava mais para ajudá-lo. Ela tem dois filhos na mesma idade escolar. Neste dia acompanhei Mauro fazendo o dever de casa com a tia, ela se mostrava muito paciente e lhe explicou detalhadamente como deveria fazer, dizia para “caprichar na letra”. Outro dia em que fui observar no mesmo horário, quando viu que eu havia chegado à sua casa, Mauro pegou sua mochila e verificou seus cadernos para ver qual era a sua tarefa, então disse que iria para a casa da tia, o acompanhei. Quando entramos na casa a tia, logo reclamou que ele estava sumido, ele disse que estava fazendo as tarefas sozinho, neste dia a tia não conseguiu ajudá-lo na tarefa, pois se tratava de perguntas relacionadas à trajetória de vida de Mauro, desde o nascimento; mesmo assim ela corrigiu alguns erros de ortografia no caderno do menino e disse que desta vez a mãe deveria ajudá-lo, pois muitas coisas ela não sabia, que não estava ao seu alcance, então a tarefa não foi feita, pois a irmã não o ajudou, a avó só sabia de sua data de nascimento e tinha dificuldades para ensiná-lo, pois não sabe ler e escrever. A tia confessou que Mauro raramente aparece na casa dela para fazer tarefas e que fica difícil para ela ficar controlando ele, pois tem muitos afazeres, além dos dois filhos de 9 e 10 anos de idade, tem um bebê muito pequeno ainda, que necessita de muitos cuidados. Neste dia Dona Gilda pediu ao Mauro que levasse o almoço da mãe na Associação, que poderia ir de bicicleta, aconselhou o garoto a pedir ajuda a mãe para fazer a tarefa, mas ele se recusou a ir, disse que estava cansado, que não iria fazer essa tarefa, então Dona Gilda levou o almoço da filha. Cleonice almoça no galpão todos os dias, não volta à casa, pois a Associação fica longe e perderia um bom tempo neste retorno; há dias em que nem

mesmo almoço, por não ter quem leve a comida. Dona Gilda faz o almoço bem cedo, por volta das nove horas começa a prepará-lo, justamente para ter a possibilidade de levar para Cleonice.

Dona Gilda relatou que muitas vezes chama a atenção de Cleonice, porque ela chega do trabalho e quer ir para o bar. Diz que cobra da Cleonice, pois ela teve uma criação rígida e que fala para a filha não deixar o Mauro na rua até tarde, tem receio no envolvimento do garoto com drogas. Ela sempre diz “olha teus filhos, não deixa eles soltos”. Cleonice respeita muito a mãe. Um dia Mauro chegou da escola e foi correndo sair para a rua, Cleonice logo lhe chamou a atenção “sossega em casa, menino”, e pediu para ele preparar a mamadeira da irmã. Ele obedeceu e depois ficou brincando com a menina na sala.

Por coincidência, um dia estava indo para a casa de Cleonice, mas já estava um pouco tarde, então fiz um trajeto diferente, no qual eu me perdi, não encontrava a casa, pedi ajuda a uma senhora que passava pela rua, perguntei-lhe se conhecia a Cleonice, que trabalha na Associação de Catadores e que precisava chegar á casa dela. A senhora muito gentil me disse que era auxiliar educacional da escola onde Mauro estudava e que justamente precisava dar um recado para Cleonice, e me acompanhou. Chegando à casa, estavam todos na sala assistindo televisão, a auxiliar disse para Cleonice que tem mandado vários bilhetes para ela assinar e que não obtém respostas, precisa da presença dela na escola, pois Mauro estava com problemas de comportamento e de aprendizagem. Cleonice logo responde que iria ver um horário para ir até a escola, e que se não pudesse ir pediria a dona Gilda para comparecer lá no lugar dela. A auxiliar foi embora, Cleonice logo chamou Mauro e perguntou-lhe o que havia aprontado na escola e onde estavam os bilhetes. O menino, amedrontado, pegou os bilhetes na mochila e entregou para a mãe. Ela lhe chamou a atenção dizendo: “Você só me dá trabalho, eu não fico a toa não, trabalho muito!”. Logo depois Cleonice pegou a mochila de Marcos e olhou seus cadernos, chamou a atenção do garoto pelo desmazelo com o material escolar, disse que ele precisava melhorar que só ele lhe “dá trabalho”. Cleonice não compareceu na escola de Mauro, alegou falta de tempo. Os problemas de Mauro com a escola são frequentes. Em outra ocasião em que estava na casa, percebi Dona Gilda preocupada porque o menino não havia chegado da escola e estava tarde. Logo em seguida Mariana recebeu uma ligação da escola, na qual a supervisora disse que só iria liberá-lo se alguém responsável fosse buscá-lo. Ao chegar do trabalho, Cleonice, muito nervosa, foi até a escola. Só assim ela compareceu na escola. Outro dia foi a irmã de

Cleonice que compareceu na escola. Chamaram a mãe, que não pôde ir. Dona Gilda me relatou que reclamaram muito do comportamento dele, que o garoto estava rebelde e brigando muito com os colegas.

Cleonice recebe muitas doações de terceiros na Associação. Um dia a presenciei chegando com uma sacola de roupas. Ela separa tudo e divide com a mãe e irmãs, chegou também com um saco cheio de cadernos velhos, em que pediu Mariana para separar aqueles que ainda tinham folhas em branco para aproveitá-los. Houve um dia que Cleonice chegou da Associação muito feliz. Disse que um senhor chegou na Associação e perguntou se ela era catadora e lhe doou uma cédula de vinte reais. Cleonice relatou que achou muito bonita a atitude deste homem, pois neste dia estava sem dinheiro algum e precisava comprar alguns itens para a alimentação do bebê. Em outra ocasião, cheguei na casa da catadora e me emocionei muito com a situação que encontrei. Estavam Dona Gilda e Cleonice no quarto assentadas na cama junto com a bebê, que ardia em febre. Cleonice me relatou que levou a menina até a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), a menina estava com muita crise de bronquite e já havia ameaçado ter pneumonia, doenças muito comuns no inverno. A catadora chorava constantemente, relatou que o pai da menina estava internado em Conselheiro Lafaiete (MG), com pneumonia, e estava muito mal, não tinha nem como pedir ajuda a ele. Prontamente lhe pedi a receita que o médico havia passado para menina e lhe disse que não precisava se preocupar. Logo chamei o Maurinho que estava sentado no passeio de fora da casa e o levei comigo até a farmácia mais próxima, comprei todos os remédios e pedi para que ele fosse direto para casa, que sua irmã precisava dos remédios com urgência. Neste dia fiquei muito comovida com a situação, fui embora para casa e senti tristeza por tudo aquilo que essa família enfrentava e que poderia fazer apenas o que estava ao meu alcance.

Nos quinze dias que fiquei observando esta família, percebi que mesmo com tantas dificuldades essas pessoas também têm seus momentos de descontração. Nos finais de semana Cleonice sempre sai com alguns amigos para um bar próximo a sua residência, Dona Gilda gosta de ir visitar as irmãs que moram em outros bairros, Mauro brinca com os amigos perto de casa ou vai para o campeonato de futebol, Mariana sai com as amigas quando o filho está com o pai.

A escola, dentro da casa desta família, tem uma presença muito restrita. É possível perceber a preocupação da avó na educação dos netos, tenta empregar uma certa ordem na casa e exercer autoridade sobre a filha, alertando sobre os cuidados em

deixar o menino mais presente em casa, longe dos perigos da rua. Mas, as disposições familiares naquilo que se refere ao investimento pedagógico são praticamente inexistentes. E neste caso, as crianças estarem matriculadas na escola me parece ser insuficiente para um aproveitamento escolar, pois a dissintonia entre a família e escola é completa.

Estar com essa família foi um aprendizado de vida, todos sempre me receberam muito bem, com aquele sorriso no rosto. Percebi que é uma casa de pessoas fortes, lutam com dificuldade para sobreviver e “esperam da vida, aquilo que a vida pode lhes oferecer”.

## Capítulo II

### MÁRCIO: A luta pela recuperação social

Os pais de Márcio, Moacir e Maria do Carmo, sempre moraram em São João del-Rei, no bairro Colônia do Marçal. O pai chegou a frequentar o Ensino Fundamental I, aprendeu a ler e escrever. Ele trabalhava em uma pedreira, quebrando pedras, e também fazia serviços de jardinagem. Faleceu aos 59 anos de idade. A mãe também chegou a frequentar o Ensino Fundamental I, conseguindo pelo menos ser alfabetizada. Ela sempre trabalhou como dona de casa, faleceu aos 62 anos. O casal teve oito filhos, todos homens, dos quais somente os dois mais novos frequentaram a escola. Os outros não chegaram a estudar.

Márcio não soube informar com precisão a escolaridade dos pais e irmãos, só relata que chegaram até o Ensino Fundamental I e aprenderam a ler e escrever. Nas entrevistas o catador descreve sua infância como tendo sido “boa, porém com dificuldades”. Ele não frequentou a escola e não chegou a ser alfabetizado. Disse que “não tinha tempo”, porque ajudava seu pai no trabalho, arrancando pedras: “Eu trabalhava muito com meu pai... meu pai arrancava pedra, e eu ajudava ele. Ele mexia numa pedreira, quebrava pedra pra vender.” Na linguagem da professora Aparecida Joly Gouveia (1983), Márcio é vítima de um tempo em que o trabalho infantil era visto como “virtude”. Até mesmo nos dias atuais, milhares de crianças brasileiras vivenciam a exploração infantil.

Ao entrar no mercado de trabalho, por imposição das condições socioeconômicas e políticas que vivenciam, crianças e jovens, transformam-se precocemente em “força de trabalho”. Mão-de-obra “barata” e “dócil” pode ser despedida com mais facilidade, não tem direitos, nem filiação sindical, custa menos e tem baixa remuneração. O contexto “marginal” em que se encontra o jovem é uma mera reprodução da situação familiar em que estão inseridos e que representa a vivência da grande maioria da população brasileira (OLIVEIRA, 1999, p.300).

Márcio relata a vontade de frequentar a escola, mas não foi possível, não chegou a “pisar na escola”. Hoje Márcio está com 43 anos de idade, diz que “não se

arrepende de não ter frequentado a escola”, mas acha que os estudos fazem falta. Hoje em dia ele acaba se “virando”, pede informações aos outros e consegue fazer o que precisa. “Ah, dou um jeito, quebro cabeça daqui, dali, pergunto...”, revelando dificuldades de um analfabeto na sociedade de hoje.

Márcio não tem muito contato com os irmãos. Parece que existe uma certa distância entre eles, pois não soube dar muitas informações sobre eles. Disse que dois deles seguiram a profissão de jardineiro, um é pedreiro, o outro abre cisternas e sobre os outros três não se pronunciou.

O catador relatou nas entrevistas que começou a estudar recentemente, esta aprendendo a ler e escrever no “Albergado”. Márcio disse que cumpre pena no regime aberto, pois foi preso por tráfico de drogas, ficou dezoito meses encarcerado em regime fechado no Presídio de São João del-Rei, no Mambengo, depois saiu para responder em liberdade. Por não querer prestar serviços à comunidade, foi estipulado pelo Juiz que fosse para o Albergado, pois,

“eu saí pra responder em liberdade. Como eu não quis prestar serviço pra comunidade, aí o Juiz mandou eu cumprir o resto da pena no Albergado. E não sei até quando vou ficar [lá]. Todo dia eu vou, tenho que ‘tá lá até cinco horas, e lá é obrigatório estudar. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 18 de maio de 2013)

Márcio está no Albergado há três meses, cumprindo pena “... faz três meses que eu ‘tô lá, a gente já faz prova [...] Então tem duas pessoas lá. Tem uma que dá aula de reforço e me ensina a fazer as vogais... ela vai me ensinando as letras, como que junta tudo, é meio complicado, n/é?” O catador disse que não sabe se continuará os estudos quando sair da prisão e afirma que “...enquanto eu tiver lá tenho que estudar, depois que eu sai[r], não sei...”. O catador deixou o Albergado em janeiro de 2014, após uma audiência realizada no início do mês, foi absolvido pelo Juiz.

Quando aderem ao crime os indivíduos rompem um pacto social, perdendo alguns direitos como, por exemplo, a liberdade. A criminalidade é efeito das contradições da organização da sociedade, ela é um fenômeno social e revela o enfraquecimento dos valores sociais. É na prisão, isolado da sociedade, que o condenado deve refletir sobre seu crime, assim, o encarceramento não deveria servir apenas como meio de punição e sim como um recurso que possibilitasse meios facilitadores da reintegração social. Assim funciona o Albergado.

O Albergado é uma instituição de recuperação para condenados, é uma extensão da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), porém funcionam em prédios separados e o regime é aberto. O preso só vai lá para estudar, dormir e logo pela manhã pode sair, retornando à tarde. No ano de 2009, fiz meu trabalho de conclusão de curso sobre o projeto APAC de São João del-Rei, juntamente com mais três graduandas do curso de Pedagogia. Nossa pesquisa teve como objetivo principal conhecer o método utilizado pelo projeto, no intuito de perceber como a disciplina era necessária neste tipo de reeducação social. O trabalho teve como título “Educação Carcerária: um caminho para a inclusão social”

A APAC é uma entidade civil de Direito Privado, com personalidade jurídica própria, que dispõe de um método de “valorização humana”, para oferecer ao condenado condições de se recuperar. Ela tem ainda o propósito de proteger a sociedade e promover a justiça. A proposta apresentada pela instituição funciona como uma alternativa mais adequada de reinserção social, pois afasta o detento da ociosidade do cárcere, possibilitando a ele um trabalho remunerado que atenda às suas necessidades de subsistência, o acesso a educação, permitindo que cumpra sua pena no estabelecimento, uma vez constatado que ele não é um perigoso para a sociedade.

O Albergado funciona desde 2009, mas não no mesmo prédio, e se localiza no bairro doTijuco. Atualmente atende 85 recuperandos do sexo masculino. A instituição tem um espaço físico composto por uma secretaria, uma sala para atendimento médico, uma cozinha grande, onde funciona uma padaria, na qual cinco recuperandos produzem pães para todas as APACs, para a obra do novo prédio que está sendo construído e para algumas creches do bairro. Os detentos se dividem em seis dormitórios, onde ficam de 13 a 14 camas. Não possui cela. Conta também com um pequeno oratório onde são feitos os cultos religiosos. A escola, que é uma obrigatoriedade na instituição, funciona em um salão. As salas de aula ficam no mesmo espaço físico, porém divididas por período, desde a Alfabetização até o Ensino Médio, e as aulas são lecionadas por nove professores contratados pelo Estado.

O Albergado é constituído por nove funcionários, um diretor geral de segurança, dois auxiliares administrativos, uma encarregada administrativa, que também fornece atendimento psicológico voluntariamente, um encarregado da tesouraria, um condutor de segurança e quatro inspetores de segurança.

As regras de conduta do Albergado são as mesmas da APAC, porém os recuperandos não precisam comprovar que estão trabalhando, só têm que cumprir as



normas estabelecidas, como, por exemplo, chegar no horário estabelecido, às 18 horas, podendo sair às 7 horas do outro dia. O recuperando que desobedece às normas não é punido na instituição, dependendo da gravidade da falta, é feito um boletim de ocorrência e o detento é encaminhado para uma audiência em que o Juiz responsável define a punição, podendo até mesmo determinar a volta do recuperando para o presídio comum.

Ao entrevistar uma funcionária do Albergado, ela me relatou que o Márcio perguntou-lhe se havia um psicólogo na instituição, e justamente é ela quem faz este trabalho como voluntária. Sabendo disso, ele não se pronunciou mais. Segundo ela, parece que ficou “intimidado” pelo fato de ser ela justamente a pessoa que trabalha com essas questões na instituição. Ela me relatou que um dos irmãos do Márcio também está no Albergado, cumprindo pena, e que dois outros irmãos estão no presídio comum, em regime fechado.

A prisão pode ser definida como uma comunidade e ao mesmo tempo uma organização formal, sendo um instrumento no qual o principal objetivo seria moldar o indivíduo que, por sua vez, rompe laços com a sociedade, ficando alienado do mundo exterior, obediente, acaba perdendo alguns valores e desenvolvendo problemas psicológicos (ARAÚJO, 2009, p.11).

Márcio não havia relatado a prisão dos irmãos nas entrevistas. Na verdade não se pronunciou sobre eles, não falou sobre suas profissões.

Antes de ser catador Márcio trabalhava com o pai fazendo serviços de jardinagem, começou a coletar material por conta própria, depois entrou para a ASCAS, através de um convite feito por um amigo associado. Segundo ele, a situação melhorou, porque consegue um preço melhor no material “Ah, melhorou um ‘bocado’, de dinheiro [...] e falta algumas coisas lá, médico. A gente que mexe com reciclagem ´tá exposto a algum vírus e outras doenças”. Segundo ele, até pouco tempo teve uma enfermeira na Associação, participando das reuniões como voluntária. Ela falou sobre cuidados que deveriam ter ao manusear o lixo, como, por exemplo, a utilização de luvas, sendo essencial para evitar contato direto com lixo contaminado.

Márcio possui três carrinhos de tração humana, sendo um deles adaptado a uma bicicleta e faz a catação pela manhã e à tarde. Todo o material coletado fica guardado em sua casa, no quintal, “são pilhas de materiais”. Ele separa tudo em casa

mesmo, só vai à Associação para fazer a pesagem e receber o pagamento, ele não possui um boxe no galpão para guardar o material, por falta de espaço.

O catador é casado com Sandra, de 32 anos idade. O casal morou por um tempo na casa dos pais de Márcio, depois se mudou para o bairro Bom Pastor, onde construíram uma pequena casa no lote deixado como herança pelo pai de Sandra.

Sandra se casou com Márcio aos 17 anos e teve o filho com 23 anos. Relatou nas entrevistas que teve uma “boa infância”, que morava com os pais e irmãos no Bom Pastor. Seu pai frequentou a escola até o oitavo ano do Ensino Fundamental II, trabalhou como forneiro em uma indústria metalúrgica da cidade e faleceu aos 58 anos de idade. Sua mãe também frequentou a escola até o oitavo ano do Ensino Fundamental II, sempre foi dona de casa, e faleceu aos 48 anos. Sandra teve mais três irmãos, um que estudou até o oitavo ano do Ensino Fundamental II, não prosseguiu nos estudos, hoje em dia trabalha como forneiro; o outro foi “para o mundo do crime”, acabou sendo assassinado, e uma irmã que hoje está com quinze anos e ainda frequenta a escola. Segundo Sandra, hoje em dia não tem contato com essa irmã porque teve uma desavença com a adolescente, que morou em sua casa desde o falecimento da mãe, e diz que “Ah, pelo que eu ouço falar ela ainda ‘tá estudando, não tenho mais contato com ela... Ela ‘tá com 15 anos, ‘ta morando com aquela mulher lá em cima no Lombão, ‘tá lá, eu não tenho contato com ela não, nem vejo ela.”

Segundo Sandra, ela iniciou a sua vida escolar aos seis anos de idade e estudou até o sétimo ano do Ensino Fundamental II na Escola Estadual Deputado Mateus Salomé. Disse que seus pais a incentivavam para que estudasse, mas que, com o nascimento da irmã, teve que parar com os estudos. A mãe de Sandra teve a irmã caçula já na menopausa, passou por algumas complicações devido à idade. Então ela teve que cuidar da irmã: “Eu parei porque minha mãe arrumou a Polyana, já numa certa idade e eu tive que parar pra ajudar a cuidar da minha irmã.” A menina morou com Sandra por muito tempo, sempre frequentando a escola regularmente. Ao entrar na adolescência, começou a ter desavenças com Sandra, pois não respeitava a irmã, não queria obedecer às regras impostas por ela e acabou deixando a casa com 13 anos de idade e foi morar com uma senhora, em outro bairro, perdendo o contato com a família. Sandra demonstra receio em tocar no assunto e não se pronunciou mais sobre a irmã.

Sandra relata que se arrepende de não ter prosseguido nos estudos, mas diz que não tem vontade de voltar a estudar, porque não tem paciência:

Ah, não! Não tenho mais paciência. Chega uma certa idade a gente num tem mais paciência não, quando você 'tá nova, mas depois que passa uma certa idade num dá mais não, tem paciência não. Até pra ensinar tarefa pro Sirley eu fico meio sem paciência, tem que voltar tudo de novo. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 16 de maio de 2013).

Sandra relata que trabalhou algum tempo como voluntária na Associação de Pais e amigos dos Excepcionais (APAE), de São João del-Rei. Disse que gostava de ajudar a cuidar das crianças, mas saiu para cuidar da irmã e desde então trabalha fazendo faxinas. A família de Márcio vive com a renda da catação, com alguns “bicos” de jardinagem que o catador faz, com a contribuição de Sandra e com a ajuda do Bolsa Família. Moram em casa própria. A casa é construída com telhado de amianto, ainda não é rebocada por dentro, e o piso é de cimento grosso. Possui três cômodos, o quarto do casal, a cozinha e o banheiro. No quintal, Sandra cultiva uma horta de verduras para o próprio consumo, também possui um fogão a lenha, onde Sandra coloca água para esquentar todos os dias para o banho, pois no banheiro não há um chuveiro elétrico. O garoto dorme no mesmo quarto que os pais, tem uma cama de solteiro e uma cama de casal. No quarto também há uma televisão de 20 polegadas, na qual mãe e filho assistem a novelas e telejornais. Na cozinha, há um fogão a gás, uma geladeira e uma pequena mesa, já bem desgastados, as panelas ficam dependuradas na parede. Na área externa da casa há uma parte coberta, onde ficam uma mesa e muitos materiais que o Márcio coleta, desde máquinas de lavar, fogões velhos, partes de bicicletas, latas e muitas outras parafernalias.

O casal teve apenas um filho, o Sirley, que está com nove anos de idade e frequenta o quarto ano do Ensino Fundamental I. Sandra relata que sempre quis ter um único filho e que, depois de passar dificuldades com a criação da irmã, teve certeza dessa opção,

Ah, era meu sonho, n/é? Quando casei, falei com o Márcio que queria ter um só, se vier eu vou aceitar, mas se eu puder evitar com remédio eu evito. E com um já é difícil, imagina com dois, eu e o Márcio... Pra manter um só dá, eu fazendo faxina, mas com dois é mais complicado. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 16 de maio de 2013).

O casal, mesmo pertencendo às camadas populares, adota uma estratégia típica das classes médias no controle da fecundidade.

O malthusianismo seria a propensão ao controle da fecundidade. As famílias de classe média, por uma estratégia inconsciente de concentração de investimentos tenderiam, mais que as das classes populares e mesmo do que das elites, reduzir o número de filhos (NOGUEIRA, 2002,p.25).

A mãe, percebendo as dificuldades que enfrentam para criar e educar um único filho, rejeita a possibilidade de ter mais filhos para poder se dedicar mais ao menino, ela relata na entrevista que,

[...] por mais que eu estiver ocupada, a primeira coisa que eu penso é nele, por esse motivo mais que eu quis ter um filho só, pra poder ficar mais tempo com ele, participar mais da vida dele. Porque no tempo da minha mãe ela não podia muito, porque era nós três, era mais difícil. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 16 de maio de 2013).

## **1. A educação do filho**

Márcio trabalha o dia todo catando material, quando chega à casa ainda faz todo o processo de separação do material coletado, mas está sempre em casa, em horários alternados, está sempre encontrando com o filho, principalmente no período da tarde, pois pela manhã Sirley está na escola. Sandra não trabalha todos os dias, faz faxina três dias na semana, tem mais tempo para se dedicar ao filho.

Sirley começou a frequentar a escola aos 4 anos de idade. Começou no segundo período da Educação Infantil, na escola Municipal Bom Pastor, que fica bem próxima a sua casa, nunca estudou em outra instituição. A mãe relata que o garoto amamentou até os sete anos, já estava na escola e demorou para parar.

Márcio relata que não participa muito da vida escolar do filho, pois não consegue nem mesmo ensiná-lhe a tarefa, mas, quando precisa, ele vai até à escola. A mãe participa mais, ela busca o menino todos os dias na escola, vai às reuniões escolares e ajuda Sirley a fazer as tarefas.

Sirley frequenta uma escolinha de futebol duas vezes na semana, no período da tarde, e uma vez na semana faz o catecismo para poder fazer a “Primeira Eucarístia”, um dos sacramentos da Igreja Católica. São três anos de catequese. O garoto está no segundo ano, os alunos também levam tarefas para fazer em casa. A mãe do garoto é católica, diz que todas as noites faz orações com ele e lhe ensina orações novas. Acha

muito importante ensinar o filho a ser “religioso”. O pai diz que gostaria de colocá-lo na aula de informática, porque hoje em dia precisa saber “mexer com computador”, mas que por enquanto “está difícil”, a situação econômica da família ainda não possibilita.

Sirley faz as tarefas sozinho, quando tem dificuldades pede ajuda para a mãe. Às vezes vai para a casa de um colega que mora perto de sua casa e faz os deveres com ele, principalmente os trabalhos escolares. O garoto tem um caderno somente para tarefas, no qual a professora dá um visto e pede para a mãe assinar. No caderno havia poucas assinaturas de Sandra. O garoto sempre ajuda a mãe nos serviços de casa. Recolhe as roupas do varal, faz mandados, como, por exemplo, ir ao supermercado buscar alguma coisa, se mostra muito obdiente e solícito.

O garoto também gosta de ajudar o pai. Às vezes separa material junto com ele, também ajuda em outros serviços, como, por exemplo, no de jardinagem. Certo dia, estava indo para a casa do Márcio fazer minhas observações e encontrei com os dois no meio do caminho, fazendo a capina de uma área verde que fica em frente à casa de um vizinho. O pai fazia o trabalho e o menino ajudava a limpar.

Sandra relata que o Sirley não está com boas notas na escola e que já falou com ele, se não melhorar vai “cortar a escolinha de futebol”. Ela não permite que o filho falte de aula sem motivos, “só se tiver doente”, diz que fica no “pé dele”, que o garoto gosta muito de conversar e “não presta atenção nas aulas”, às vezes copia a tarefa errada.

À noite mãe e filho gostam de ficar sentados do lado de fora da casa conversando com os vizinhos que passam por ali. O garoto não tem o hábito de ficar na rua. Está sempre na companhia da mãe, pois o pai está no Albergado neste horário. Depois entram para a casa e ficam assistindo televisão, novelas, principalmente.

Sandra relata a vontade de ver seu filho se formar: “Ah, eu falo com ele, que ele tem que estudar, ter um bom futuro, que eu não pude estudar e Deus ajuda que ele siga nos estudos dele... Se Deus quiser, eu tenho fé em Deus que ele vai, se for por mim ele vai...” Márcio também demonstra a vontade de ver o filho terminar os estudos: “Ah, o menino eu gosto que ele estuda, pra ter um serviço melhor, uma vida digna”.

Em relação à profissão do pai, Sirley demonstra não gostar muito, e relata: “Não gosto não, acho que é ruim, ele ganha pouco”. Sandra também não gosta da profissão do esposo, diz que é um trabalho sem segurança, é muito “sacrificado” e não tem “carteira assinada”.

Sirley gosta de ajudar o pai, mas demonstra não gostar do trabalho dele. A mãe relata que o garoto às vezes traz materiais recicláveis da rua e também acompanha

Márcio em alguns serviços. Já relatei anteriormente que um dia encontrei Márcio fazendo um “bico” de jardinagem e o menino o ajudava; outro dia, o pai estava buscando uns restos de uma construção que haviam demolido ali perto de sua casa, o garoto foi ajudá-lo. Ele pegou tijolos e telhas, disse que iria aproveitar o material.

Sandra relata que o filho é obediente, faz mandados para ela, recolhe roupas do varal quando ela está muito atarefada, ajeita o quarto e não se queixa. Dentro de casa Sirley tem uma educação mais rígida. A mãe quase não o deixa sair para brincar na rua. Sirley esta sempre na companhia da mãe, não fica muito na rua, nem mesmo para brincar com os colegas. Somente um dia o vi brincando com um colega, os dois soltavam pipas no quintal da casa de Márcio. Nos finais de semana, mãe e filho ficam em casa ou saem para dar “uma volta”. Sandra diz que costuma ir ao pesqueiro que fica perto de casa, que lá tem um parque para o Sirley brincar. O Márcio fica no Albergado cumprindo pena, todos os recupendos ficam proibidos de sair no fim de semana, pois, segundo a funcionária da instituição, estes são os dias mais propensos para que eles cometam delitos, principalmente o uso de drogas e bebida alcoólica, portanto, é determinado pelo Juiz o cárcere nos dois dias da semana, sábado e domingo .

## **2. A relação com a escola**

A Escola Municipal Bom Pastor, onde o filho de Márcio estuda, fica situada no mesmo bairro onde moram, bem próximo da residência da família. A escola atende a todo o Bairro Bom Pastor, à Vila Santa Teresinha e ao Bairro Pio XII. A escola oferece desde a Educação Infantil, começando com o primeiro período, até o quinto ano do Ensino Fundamental.

Sobre a relação de Márcio com a escola, a professora de Sirley relata que dificilmente ele aparece lá e que ele busca o menino esporadicamente. Afirma que quem mais vai na escola é a mãe, mas também vai só para buscá-lo, “... a mãe, quase num tenho contato com ela não, ela vem na reunião, pega o resultado, aí eu falo com ela rapidinho, sabe? Ou de vez em quando eu paro ela no portão e falo com ela que “oh, o Sirley não está fazendo tarefa...” Nas reuniões escolares, que acontecem a cada bimestre, Sandra comparece à escola para pegar os resultados do menino.

A professora de Sirley relata nas entrevistas que o menino tem dificuldades na escola, tanto na aprendizagem, quanto no comportamento: “É uma criança que tem umas brincadeiras bobas, se alguém dá um “tapa” nele, ele tem que revidar, é encrenqueiro, provoca os outros e não gosta de levar desaforo pra casa. Se deu um tapa ele tem que revidar. Um dia falei com ele, “não é assim não, Sirley, você tem que chegar pra mim e falar, não precisa descontar”. A professora adverte o garoto nas situações de convívio com os colegas, relata a falta de interesse dele nas aulas e as dificuldades dele em algumas disciplinas como Língua Portuguesa:

[...] ele num tem muita responsabilidade, não. E ele tem dificuldade e acaba perdendo a vontade de estudar. Ele não dá palpite. Tenho que chamar a atenção dele quando estou explicando alguma coisa. Ele é muito desatento, tem dificuldade pra ler, pra escrever... Inclusive a professora do ano passado queria reter ele. Aqui na escola a gente pode reter a partir do terceiro ano, a gente pode dar a tal da “bomba”, pode ser reprovado, se não conseguir os sessenta por cento no final do ano. Ele é um caso que no ano passado a professora não queria passar ele. Só que, no geral, acharam por bem passar. Só que aqui eu não conhecia ele, no ano passado, era outra professora. Mas eu acho que ele não evoluiu muito não. Ele escreve tudo aglutinado, tudo “juntinho”, aí eu vou dar ditado pra ele, tenho que falar: “Sirley, dá um espaço”... Na maioria das vezes ele escreve tudo junto (Notas de campo, entrevista realizada no dia 2 e maio de 2013).

Na escola há um atendimento de reforço, mas que acontece nos horários das aulas, não tem um horário à parte. Então os alunos acabam perdendo conteúdo para fazer a aula que acontece uma vez por semana. Segundo a professora, o Sirley tem dificuldades para ler as provas e precisa do auxílio da professora eventual.

Ele não consegue sozinho, não. Ele ‘tá conseguindo porque no dia de prova, a professora eventual ‘tá lendo as provas pra ele. Ele faz as provas separado [dos outros alunos]. Quando eu vejo que ele não ‘tá dando conta, porque, na maioria das vezes, faz todo mundo junto. Porque aqui faz separado só quem tem laudo médico. Mas como ele tem dificuldade e todo mundo acaba e ele ‘tá enrolando, enrolando, ele começa a brincar, rindo, e ‘tá lá a prova parada e eu tenho que andar com os conteúdos, aí, eu peço pra ele fazer lá fora, com a professora eventual. Aí ele consegue fazer, aí ele ‘tá alcançando média, com essa ajuda. Aí o quinto ano, eu não somei ainda, mas eu acho que ele não perdeu muita média não, mas ele vai ter dificuldade o ano que vem. Ele é um aluno que precisava de uma aula de recuperação. A escola tem uma professora que dá esse reforço, só que é uma vez por semana e no horário de aula. E ela pega a escola toda. Então [ela] tira eles da sala, e eles perdem o conteúdo. Tira eles da

sala pra ter essa ajuda, fazer leitura, interpretação de texto... Só que assim é uma ajuda, uma vez por semana, e tem vez que fica sem esses atendimentos. Também, precisaria de uma ajuda em casa, que ele não tem. Ele vem sem tarefa. Aí eu pergunto pra mãe e ela fala que ele fala que não tem. Às vezes fala que ela num sabe ajudar. Aí eu não sei se é má vontade dela ou se ela não sabe mesmo. Conversei com ela aqui, já pedi pra pegar pra estudar e ficou do mesmo jeito. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 22 de maio de 2013).

Em relação às tarefas escolares Sandra ajuda o filho a fazê-las, mas nem sempre consegue instruí-lo, muitas vezes o garoto faz as tarefas sozinho. Sirley faz as tarefas sempre no mesmo horário, todos os dias, geralmente à tarde. A mãe nem sempre está em casa, pois sai para trabalhar, e o pai não consegue ajudá-lo, então ele tenta fazer sozinho. O que não consegue fazer, “deixa em branco”.

Nas relações entre as famílias populares e a instituição escolar não podemos ignorar as formas de dominação existentes entre uma sobre a outra, os membros dessas famílias têm uma baixa escolarização, no caso de Sirley, o pai nem mesmo chegou a frequentar a escola, o que resulta numa fraca forma de se relacionar com seu filho, a falta de capital escolar impede que o pai possa ajudar o garoto. Mas essas famílias acabam permitindo essa “dominação”, considerando a importância depositada na escola enquanto instância social.

A dominação escolar sobre as famílias populares tem assim sua eficácia na “crença na legitimidade” das práticas escolares e dos educadores que as executam, sendo que a legitimidade dos educadores está ligada ao seu domínio dos saberes escolares, à sua competência em matéria educativa certificada por sua formação e à autoridade pedagógica que lhe é conferida pela instituição escolar. Assim, a teoria da dominação simbólica e da legitimidade permitem pensar em situações em que os pais das famílias populares tentam se curvar às exigências escolares, entregam aos educadores a escolarização de seus filhos, reconhecendo ao mesmo tempo a legitimidade dos agentes e a sua própria incompetência, assim como em situações em que os pais tentam transformar suas práticas, inclusive suas práticas socializadoras não diretamente ligadas à escolaridade, para seguir os conselhos, as incitações ou as injunções dos educadores ou dos trabalhadores sociais (THIN 2010, p.68).

A professora diz que quando o aluno não faz a tarefa ela dá uma punição, pois o acordo é que “eu corrijo, quem não faz cópia e fica sem recreio. Esse é o combinado que a gente faz no início do ano. Quando ele falta também, ele não procura saber o que perdeu... E a gente pede pra assinar a tarefa. Assinada vem e sem fazer...”



Para compreender as relações entre as famílias populares e a escola, é preciso levar em conta o fato de que essas relações colocam em jogo maneiras de estar com as crianças, maneiras de examinar as aprendizagens, maneiras de comunicar, ou, ainda, maneiras de regular os comportamentos infantis ou juvenis. As relações produzidas pela escolarização revelam sujeitos sociais cujas práticas socializadoras são muito diferentes, freqüentemente contraditórias, entretecidas por lógicas antinômicas: de um lado, os professores, cujas lógicas educativas fazem parte daquilo que chamamos modo escolar de socialização; do outro, famílias populares com lógicas socializadoras estranhas ao modo escolar de socialização. Não é, portanto, somente o capital cultural ou o capital escolar que estão em jogo; é o conjunto das práticas socializadoras das famílias que estão implicadas nas relações entre os pais e os professores, e essas práticas devem ser compreendidas por sua distância do modo escolar de socialização, mais do que pelo capital escolar dos pais( THIN, 2006, 223)

Pedir para os pais assinarem o caderno de tarefas é um recurso utilizado pelas professoras para incentivar e responsabilizar a família pelo cumprimento no dever de acompanhar os filhos. Assim, torna-se um documento que comprova a falta ou não de compromisso com a tarefa. É um artifício utilizado para argumentar com os responsáveis, quando o aluno não está tendo um bom rendimento.

A professora relata nas entrevistas que não tem contato com Márcio, que só o viu uma única vez na escola, quando aconteceu um “problema” com o garoto e ele foi conversar com a diretoria.

E com o pai eu tive contato no comecinho do ano... e eu falo que me deixou chateada, porque quando a gente tem problema com aluno, tem que procurar primeiro a professora pra saber o que aconteceu, e ele já foi direto na diretora, porque deu uma briguinha na hora do recreio. É que as meninas estavam dando chute nele, e uma mexeu, chamou ele de “macaco”, um negócio assim. Aí o pai veio reclamar e eu não ‘tava sabendo de nada. Ele veio na diretora e aí ela me chamou pra conversar. Aí, quando ela me chamou eu falei assim: “uai, eu num ‘tô’ sabendo disso...”. Eu não ‘tava sabendo disso porque no recreio são quatro turmas juntas, a gente fica lá tomando conta, mas... (Notas de campo, entrevista realizada no dia 22 de maio de 2013).

Márcio foi até à escola nesse dia para reclamar com a diretora sobre o que havia acontecido com Sirley. Para ele, o filho havia passado por um episódio de discriminação, pela cor, quando uma menina chamou o de “macaco”. O racismo ainda está muito presente nas escolas, as crianças afro-descendentes sofrem com a

discriminação exercida por outras crianças, que usam do pretexto para se defender de possíveis desentendimentos. Nesse caso o Sirley havia feito uma brincadeira com a menina, e ela logo revidou chamando-lhe de “macaco”. Segundo a professora,

Depois a gente foi tentar descobrir o que tinha acontecido. Aí, o que ‘tava acontecendo? Ele ‘tava passando a mão nas meninas. Aí, foi por isso que a menina chutou ele e chamou ele de macaco. A menina é do quinto ano. Aí, a gente chamou a menina. Aí, ela é daquele tipo que assume as coisas que faz. Ela foi minha aluna no ano passado, ela disse que fez aquilo com ele por ele ‘tava ‘passando a mão nela’. Aí, depois, eu chamei ele e ele assumiu. Aí, eu falei, vamos falar pro pai. A diretora mandou deixar pra lá. Acho que tem problemas entre as famílias, da menina com a dele. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 22 de maio de 2013)

A escola está na comunidade e recebe também, via alunos, os problemas da comunidade. Sejam eles quais forem, neste caso, um problema de convívio entre as famílias, do qual a escola tem conhecimento. A professora relata que achou a brincadeira de “mau gosto” por parte de Sirley, que “ultimamente ele tem feito esse tipo de brincadeira”, e a menina não brigou com ele sem motivo. Neste caso é possível perceber que Sirley também pode ter sido impulsionado por um desejo sexual, muito comum na infância ou na pré-adolescência.

As crianças são pessoas em relação com as outras e, por isso, sujeitas a influências sociais e afetivas nas suas escolhas e na construção de suas identidades e comportamentos. Na expressão de suas sexualidades, tendem a ser alvo de vigilância e ficam enquadrados como figuras desviantes do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos não condizentes com aqueles instituídos e normatizados pelo ambiente escolar (SCHINDHELM, 2011, p.6).

Ainda hoje a escola encontra dificuldades para lidar com as questões sexuais, muitos professores denotam certo receio em tratar do assunto, mesmo sabendo que é normal a criança sentir desejos sexuais, na maioria das vezes passa por cima de acontecimentos e condenam certos atos como libidinosos. Dessa perspectiva, quem estava errado era o garoto que passou a “mão na menina”. O fato de ela ter revidado chamando-o de “macaco” não foi considerado pela escola como um ato de racismo.

[...] o estudo freudiano sobre o impacto da sexualidade infantil para a vida adulta desafiou a noção dominante da época de que a criança era uma criatura pura e inocente, razão por que foi recebido como

revolucionário, chocante e mesmo ofensivo para a sociedade. Hoje, ainda convive-se com conhecimentos compartilhados socialmente sobre esse modo de olhar para a criança, fruto da herança cultural vitoriana. Por outro lado, cada vez mais percebe-se que os pequenos têm desejos, experiências e fantasias sexuais( SCHINDHELM, 2011, p.2).

A questão da sexualidade neste episódio foi ignorada assim sendo tratada como algo vergonhoso para o menino. A questão do preconceito racial também foi simplesmente levada ao ato de calar-se, omitir, como uma maneira de não ver, de relegar, de silenciar. Diante disso, a escola reproduz um discurso baseado na igualdade de todos os seus alunos. Outra leitura é que foi uma rusga entre famílias, pois os filhos também conhecem as representações dos pais sobre alguns vizinhos, têm diferenças com eles, e o filho, nesse caso, uma continuidade do pai, também “compra” essa rusga. Passar a mão na menina, que o menino sabe ser um ato reprovável, é também uma forma de menosprezar a menina, isto é, a família dela. Nesse caso específico, a escola não tira proveito pedagógico algum, pois não compreende o sentido simbólico do ato do menino e permite que ambos, menino e menina, cometam contra eles mesmos ações que poderiam ser combatidas pedagogicamente.

Segundo a professora, Sirley é um menino muito calado, não conversa muito com ela, apenas responde ao que ela pergunta. Parece ficar intimidado com a presença dela.

Ele é muito caladão, se me vê na rua, finge que não vê, abaixa a cabeça. Se eu não mexer com ele... Ele faz catequese onde eu dou aula. Aí, ele faz de conta que não me conhece, ele abaixa a cabeça, ele não me “dá bola”, não. Eu não sei o que acontece, não. No dia do meu aniversário ele veio e me deu um abraço tão correndo... No outro dia ele trouxe um brinco pra mim, sabe? Ai eu tirei o brinco da embagem e coloquei... (Notas de campo, entrevista realizada no dia 22 de maio de 2013).

A professora diz que através das aulas de Ensino Religioso conversa com os alunos sobre diversos temas relacionados ao cotidiano deles, principalmente a violência e a criminalidade. Tenta transmitir a importância de valores, como a tolerância, para que possam estabelecer um bom relacionamento uns com os outros.

[... ] eu converso muito com eles na sala, por causa da intolerância que eles têm uns com os outros, que tudo eles brigam. Então eu converso

muito com eles, porque isso me preocupa. Eu aproveito as aulas de Ensino Religioso pra falar essas coisinhas, eu tento formar eles, eu já tive aluno que ‘tá preso, aluno que já morreu por causa de drogas. Eu falo muito [isso] com eles. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 22 de maio de 2013).

Segundo a professora, Sirley é um menino que “não responde não”. Não reclama quando ela chama a atenção, ouve calado e não questiona. Pois, “quando chamo a atenção, ele não é de responder não, ele abaixa a cabeça... mas vira e mexe ele ‘tá’ fazendo uma coisinha”. Ela diz que ele é um menino “fraco”, tem muita dificuldade nos conteúdos e que “pro o ano que vem, é uma criança que vai precisar de mais acompanhamento, não vai dar conta, não. Mas não sei, eu tenho medo até dele abandonar, parar de estudar, mas acredito que a mãe não vai deixar, não”.

Diante de um prognóstico tão pessimista é preciso que nos lembremos de que Sirley tem apenas 9 anos de idade, ou seja, tem cinco anos que entrou na escolaridade formal. Na expressão de Paulo Freire, Sirley já é um “demitido” da escola, pois podemos perceber que não há um movimento perceptível de ganhar o menino para a escola, de desenvolver nele o prazer de estudar, de estar na escola.

Ao entrevistar Sirley, percebi que o garoto fica intimidado com minha presença, quase não fala, sempre falando bem baixinho e fazendo gestos com a cabeça, não olha nos meus olhos, representa significativamente a mesma reação do pai ao conversar comigo. Ao perguntar-lhe sobre a escola, ele relata que se lembra de quando entrou na escola, diz que gosta de lá, mas que no próximo ano quer mudar de escola, pretende ir para a Escola Estadual Tomé Portes del-Rei, pois “eu não quero continuar na escola, porque a maioria dos meus colegas foram pro Tomé.” Perguntei se ele tem vontade de prosseguir na escola, se pretende se formar, ele respondeu “Ah... mais ou menos...” Não demonstrou muito interesse em permanecer na escola. Convesando com o garoto, pude saber que a profissão que ele deseja seguir; disse que gostaria muito de ser bombeiro: “Eu quero ser bombeiro... porque é uma profissão boa, salva vidas.” O menino demonstra muito apreço pela profissão, não conhece ninguém próximo que trabalha como bombeiro, parece que a escolha por essa profissão está relacionado a um certo heroísmo implicado no ofício de bombeiro. Quando ele fala que o bombeiro “salva vidas”, demonstra encantamento também pelo vestuário, diz que queria usar aquelas “roupas bonitas”.

Sirley costuma fazer as tarefas escolares sozinho. A mãe não o ajuda sempre, pois, às vezes sai para fazer faxina. Certo dia cheguei à residência da família por volta das treze horas, e o garoto estava pegando o material para fazer a tarefa. Sentou-se à mesa da cozinha, pegou os cadernos e começou a fazer o dever. Demonstrava dificuldades, mas a mãe estava muito doente e ficou de repouso no quarto. Sirley relata que a mãe às vezes o ajuda, mas não todos os dias: “Tem dia que minha mãe me ajuda, mas tem dia que eu faço sozinho.” Neste mesmo dia, o garoto fez uma tarefa de Língua Portuguesa e uma de Matemática, demonstrou dificuldades para fazer, mas não pediu à mãe para ajudá-lo; assim que terminou pediu para ela assinar o caderno. A mãe assinou, mas não olhou se ele havia feito a tarefa corretamente. Perguntou-lhe se havia feito “direitinho” e disse que ele estava muito desatento, que seu caderno costuma vir faltando palavras. Sirley fez a tarefa, mas não conseguiu fazer corretamente, não o ajudei, pois queria observar como ele faria o dever de casa, e como seria a reação da mãe diante da tarefa feita. Em outros momentos em que acompanhei o garoto, ajudei-o em algumas atividades em que ele apresentava dificuldades em fazer e a mãe não sabia como explicar.

Todos os dias quando eu chegava à casa de Márcio, estavam ela e o menino sentados do lado de fora da casa conversando com os vizinhos. Poucas vezes fiquei dentro da casa. Alguns vizinhos costumam se sentar ali também, e ficam “batendo um papo”. As conversas eram sempre relacionadas a pessoas do bairro, a parentes ou assuntos do dia a dia. Um dia uma senhora chegou falando que o neto não foi na escola, inventou que estava doente. Sandra logo se pronunciou dizendo que não deixa o Sirley faltar de aula não, só se ele estiver muito doente, diz que ela fica “no pé” do garoto.

### **3. A escola dentro de casa**

Ao falar sobre meu trabalho ao casal, Sandra e Márcio, expliquei que se tratava de uma pesquisa do Mestrado em Educação da UFSJ, o casal ficou um pouco receioso, mas me recebeu bem e nada questionou. No primeiro dia em que fui para a casa da família iniciar minhas observações, cheguei à residência e estavam a Sandra e o menino, sentados do lado de fora da casa, sempre conversando com vizinhos ou pessoas conhecidas que passavam pela rua. Sentei-me ali mesmo no passeio e comecei a fazer minhas observações. O garoto se mostrava muito calado, quase não ouvia sua voz, nem mesmo me perguntou o que eu estava fazendo. Mesmo assim expliquei a ele que só fez

um sinal com a cabeça, de consentimento. A mãe é muito comunicativa, conversa com todos que passam por ali. O pai estava ausente. Segundo a mãe, ele havia saído para dormir com uma tia doente. No decorrer da pesquisa me foi relatado que o Márcio estava no Albergado e saía todos os dias às dezessete horas para cumprir sua pena, tendo que dormir na instituição. É que a convivência com a pesquisadora vai se tornando de “mais confiança”, vai se falando de coisas que não se falava no início da pesquisa.

Sandra e Sirley ficam sempre juntos, pelo menos nos horários nos quais eu fiz minhas observações, que aconteciam das dezessete horas até as vinte horas. Também observei em horários alternados para poder acompanhar o menino nas tarefas escolares.

Quando mãe e filho não estão sentados no passeio do lado de fora da casa, os dois entram e ficam assistindo televisão, principalmente telenovelas. O garoto diz que também gosta muito de desenhos animados. Não me deparei com a mãe fazendo leituras ou utilizando a escrita. Ela diz que não tem o hábito de ler, mas que às vezes lê revistas de horóscopo ou a Bíblia Sagrada. Diz que ensina a Sirley algumas orações na hora de dormir. Segundo ela o menino precisa aprender a rezar, pois logo vai fazer a “Primeira Comunhão”, por isso ele está frequentando o catecismo, ao qual ele vai todas as quintas-feiras, das quatorze às dezesseis horas. Sandra relata que acha o filho calado, que até o colocou na escolinha de futebol para incentivá-lo a praticar esporte e conviver com outras crianças. Também queria colocá-lo na aula de capoeira, pois seu irmão luta, mas o garoto não se interessou, diz ser “muito violento”. A mãe diz que ele gosta de ler, mas “não gosta de livros não, ele gosta de revistas em quadrinhos.”

Sirley gosta muito da escolinha de futebol, onde treina três vezes por semana. Algumas vezes, quando fiz minhas observações à tarde, percebi o quanto o garoto fica ansioso para chegar a hora de ir para o treino. Ele troca de roupa sozinho, pega sua bolsa com material esportivo e fica aguardando o pai terminar o serviço para levá-lo. Algumas vezes, ele vai com coleguinhas que passam na casa para chamá-lo. O pai sempre o adverte para não ficar na rua, ir direto para o treino, e esperar a mãe ir buscá-lo. O menino se despede e chama o pai pelo nome próprio, “Márcio”, não o chama de pai. A mãe já havia me falado que ele se acostumou a chamar o pai pelo nome próprio.

No decorrer das observações percebi que haviam colocado uma mesa do lado de fora da casa na área coberta. A mãe me disse que colocou a mesa ali fora para o Sirley fazer as tarefas, pois na cozinha estava muito apertado para ele ficar. Observei o garoto fazendo tarefa no novo ambiente. A mãe o ajudou somente no início do dever,

depois o garoto fez tudo sozinho. Era uma tarefa de Língua Portuguesa, na qual pedia para fazer a separação de sílabas e classificação, na outra tarefa, de Matemática, em que se pedia para fazer cálculos de adição, verificar o antecessor e o dobro de alguns números. Quando terminou a tarefa, pediu à mãe para assinar o caderno, como fazia regularmente. Ela assinou, mas não verificou se Sirley havia feito corretamente.

A professora de Sirley mora ali perto da casa da família, no mesmo bairro. Ela relata nas entrevistas que sempre vê o garoto com a mãe, pois, “Agora na rua eu não tenho costume de ver ele sozinho não, vejo ele sempre com a mãe, acho que ela não deixa ele andar sozinho, não.”

A escola não é muito presente dentro da casa desta família. É possível perceber que a mãe se preocupa com o futuro do filho, não deixa ele faltar de aula sem motivos, leva e busca o menino na escola todos os dias, participa esporadicamente das reuniões escolares, colocou o menino no futebol, mas pensando na socialização do mesmo e pouco conversa com a professora de Sirley. Já o pai tem uma relação mais distante do que a mãe, admite perceber a importância que a escola tem para o futuro do filho, para ele ter um “bom serviço”, mas não consegue acompanhar o filho, pelo fato de ser analfabeto, afasta-se, impotente diante das questões relacionadas à educação escolar do filho. As disposições familiares naquilo que se referem ao “investimento” pedagógico, ao planejamento, a um projeto são praticamente inexistentes, o garoto tem o apoio da família, mas isso tem sido insuficiente para um bom desempenho escolar.

Nessa família todos me receberam muito bem. Porém tive algumas dificuldades na hora de fazer minhas observações e entrevistas, pois tive pouco acesso à residência do casal. Sempre ficava do lado de fora da casa sentada no passeio junto com mãe e filho. Não sei se é um costume rotineiro da família ou se poderia ser uma forma de não permitir a minha entrada na casa. Poucas vezes consegui falar com Márcio e com o garoto, que sempre demonstravam intimidados com a minha presença, não pareciam estar à vontade e pouco conversavam, pai e filho não olhavam nos meus olhos. Márcio sentia-se intimidado, talvez pela sua situação de infrator, o garoto pelo próprio convívio com o pai, adota atitudes parecidas. É uma família unida. A esposa oferece muito apoio ao marido que está em processo de recuperação social, o filho é muito solícito, sempre ajuda os pais nos afazeres. Márcio demonstra empenho na sua recuperação. Cumpre as normas estabelecidas pelo Albergado e recebe o apoio da família.

Nessa Família foi possível perceber a ausência de aproximação com o mundo da escola, em função da baixa escolaridade dos pais ou por desenvolverem processos de socialização afastado da realidade escolar. Assim, as aspirações e esforços dessa família se tornam “invisíveis” para os agentes escolares, no caso a professora de Sirley. Existem esforços, mesmo que limitados, trata-se de torná-los visíveis para a escola, de fazê-la compreender sua lógica, a fim de acolhê-los e potencializá-los. Mesmo desvalorizada socialmente pela escola, essa família não abre mão do direito à instrução e deposita na escola expectativas de promoção social, anseia por um futuro mais digno para o filho; afinal, cuida para que ele vá todos os dias, que respeite colegas e professores, que faça as tarefas, que preste atenção às aulas.



### Capítulo III

#### **MOISÉS: Ações relevantes para escolarização do filho**

Neste capítulo retratarei a trajetória de vida da família de Moisés, um dos primeiros catadores associados da ASCAS. Ele foi um dos fundadores da Associação. Moisés tem 47 anos de idade e é casado com Elza, de 48 anos. O casal têm um único filho, o Thales, que tem 14 anos e está no 1º ano do Ensino Médio. No decorrer do texto será possível perceber diferenças significativas em relação a escolarização do filho, desde a infância.

Os pais de Moisés sempre moraram em São João del-Rei, no bairro Bom Pastor. O pai, Geraldo, frequentou a escola até o quarto ano do Ensino fundamental. Trabalhava como pescador e era servente de pedreiro. Faleceu aos 68 anos de idade. A mãe de Moisés não chegou a frequentar a escola, não sabia ler nem escrever, sempre trabalhou como dona de casa; faleceu aos 73 anos. O casal teve quatorze filhos, dos quais sobreviveram apenas dois, Moisés e uma irmã, que estudou até o quarto ano do Ensino Fundamental I. Ela ficava em casa ajudando a mãe, saiu de casa para casar, o marido já faleceu, não teve filhos. Segundo Moisés,

Nós éramos treze irmãos, quatorze comigo e morreram doze, na época era muito difícil de criar, n/é? Morreram uns bem bebês, ficou só eu e minha irmã, num tinha médico direito, uma época difícil, num tinha governo igual de hoje, os direitos eram tudo diferente, já nasciam e morriam. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 4 de junho de 2013)

Moisés frequentou a escola até o segundo ano do Ensino Fundamental I e depois parou. Retomou os estudos quando já estava com vinte anos de idade, mas não prosseguiu: “Frequentei a escola muito pouco, fui até o segundo ano de grupo e depois eu parei, tinha que trabalhar. O patrão mandou eu escolher por causa do horário, eu fiz o primeiro ano, depois retornei com vinte anos pra fazer o segundo, mas num consegui completar até o quarto ano não, tinha que trabalhar.” Moisés diz que teve pouco apoio dos pais, quem mais o incentivava aos estudos era uma tia, irmã de seu pai. “Eu tinha muita dificuldade, naquela época era difícil, tive mais apoio de uma tia que morava fora,

ela me incentivava, comprava as coisas pra mim, lápis, caderno. Ela estudou, fez o Ensino Médio, trabalhava de governanta numa casa no Rio de Janeiro.”

Moisés trabalhou em vários empregos, primeiro começou ajudando o pai na pescaria, depois trabalhou como servente de pedreiro, no ferro velho, e em duas fábricas de tecidos:

Meu primeiro trabalho era pescar, pescava com meu pai, e vendia o peixe. Depois fui trabalhar no ferro velho, porque o pescado num tava dando mais não, fiquei nove anos trabalhando lá, separando a sucata, ferro, alumínio...Depois trabalhei de servente de pedreiro durante um tempo. Depois fui trabalhar na fábrica de tecido, porque lá eu podia ter carteira assinada, lá na sanjoanense, trabalhei de ajudante na fiação, ajudava a carregar material lá, para as máquinas. Mais tarde fui pra outra fábrica, a Brasil, ela tecia, mas num mexia com fiação não, mexia mais com “franela”, cobertor. Quando a fábrica fechou, eu fiquei sem emprego. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 4 de junho de 2013).

Depois de ficar desempregado Moisés começou a catar material reciclável por conta própria, guardava em casa e depois vendia para um atravessador, mas ganhava muito pouco pelo material. Entrou logo para a Associação, sendo um dos fundadores da ASCAS.

Eu entrei para a associação em 2002, na época eu já juntava as coisas aqui em casa mesmo, guardava tudo nesse cômodo aqui, eu juntava e tinha um caminhão da indústria que levava, mas pagava muito pouco. Aí, quando eu entrei na Associação, tinha um casal falando que ia montar essa associação... Esse casal era o Helvécio com a Valéria [professores da UFSJ], eles num eram casados, eram parceiros. Então eu ‘tô lá desde o começo. Na época eu trabalhava com uma equipe de catadores, que num vou falar os nomes deles não... mas eles deixavam muito a “Deus dará”. Na época não era muito organizado, eu até falei com a Valéria: “oh, eu entendo um pouquinho do negócio, se você me colocar no ramo!” Porque nós fizemos a primeira venda perto do Natal, e não ganhamos quase nada, depois eu peguei o material da próxima venda e guardei tudo no galpão, fomos vender dia cinco de janeiro, todo mundo ganhou um dinheirão, tinham sete catadores. Então na época a Valéria falou “deixa a responsabilidade para o Moisés, porque ele já sabe”, e até hoje eu faço a parte de venda lá, mas num ficou bem no estatuto lá não, eles consideram eu como vendedor, n/é? Quando o atravessador vai abaixar o material ele tem que conversar comigo, porque eu converso com ele pra não abaixar. Igual essa semana, tinha uma remessa de latinha eu num consegui segurar não, porque o catador começa a fazer pressão, eu tento

conseguir o preço melhor. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 4 de junho de 2013).

Moisés comenta que a Associação ainda ganha muito pouco pelo material vendido, porque tudo passa pela mão de um atravessador, depois é vendido para a indústria de reciclagem.

O atravessador nos dá uma parte do “queijo” e fica com o resto do “queijo” pra ele... a gente num vende o “queijo” inteiro pra indústria, porque num foi implantada a coleta seletiva. Meu projeto dentro da Associação é ter um caminhão e trabalhar com a coleta seletiva na cidade inteira. Eu já até falei com o Helvécio [hoje, Prefeito de São João del-Rei], é só a gente ter um caminhão disponível, já era um passo a mais. Ele diz que num pode tirar o caminhão só pra este trabalho agora, que tem outros trabalhos na cidade para serem realizados. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 4 de junho de 2013)

Como já disse anteriormente, Moisés faz o trabalho com a venda do material. É ele quem negocia com os atravessadores um melhor preço do material a ser vendido. Na Associação ele tem uma boa relação com os colegas de trabalho, mas discorda de muitas coisas que acontecem lá. Nas reuniões ele é um dos catadores que mais opina, oferece novas ideias para a melhoria do trabalho entre eles, mas às vezes acontecem algumas discussões.

Ah... a gente até teve um discussão porque entrou um dinheiro lá, um dinheiro grande, então eu disse que tinha que dividir esse dinheiro de acordo com o que cada catador cata, aí eles vieram discutir comigo, eu disse que a gente precisa de um contador dentro da Associação pra fazer essa divisão, pra deixar três mil pra prensa e daqui pra frente, pegar e fazer um décimo terceiro no final do ano, não pra cada catador que trazer dois ou três quilos não, é aquele que trazer trezentos, seicentos quilos, aquele que cata mesmo, que cata mais. Nós mesmos é que estamos juntando este dinheiro, é um capital de giro. A ideia é juntar o dinheiro e dividir no final do ano, sendo a porcentagem do material que foi catado por cada um. Mas aí eles reclamam, por que é assim, catador quer achar tudo arrumado, prensa, tudo, mas num é assim. Então eu falei pro Oswaldo [o presidente], tem que ser justo, tem gente que cata seiscentos quilos por semana. Mas num é nada de festa não, é um dinheiro justo. Por exemplo, o catador levou dez quilos de PET, é a proporção, tira o valor justo pra ele... tipo fica um terço pra associação, esse dinheiro ‘tá’ lá, foi nós que juntamos. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 4 de junho de 2013).

Com relação ao trabalho de catador, Moisés acha difícil; segundo ele, além de receber pouco, não tem garantias trabalhistas.

Ah... é muito difícil, você não tem garantia de nada, de décimo terceiro, férias, se machucar fica por sua conta. A Associação no ponto que está hoje tem condições de dar uma melhoria para os catadores, porque outro dia até ouvi o rapaz falando, que a Associação não emite nota do que sai. Por exemplo, saiu quatorze toneladas, o atravessador não emite a nota pra gente. Com essa nota fiscal a Associação conseguia a Bolsa Reciclagem para os catadores, vai ganhar uma compensação por ter tirado aquele material do meio ambiente. Ai não vai precisar o catador deixar o capital de giro, ele já vai ter dinheiro pra ajudar. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 4 de junho de 2013)

Moisés cita em sua fala sobre o programa Bolsa Reciclagem<sup>3</sup>, em que para se ter direito as associações precisam manter seus dados cadastrais atualizados no Estado, ser reconhecida como cooperativa ou associação de material reciclável. De acordo com o site da Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD), o recurso já foi liberado desde fevereiro de 2013, assim que as associações apresentarem os dados completos podem ter acesso aos recursos. O incentivo será concedido trimestralmente às cooperativas e associações, sendo que 90% serão destinados aos catadores e suas famílias, o restante poderá ser utilizado para despesas administrativas, infraestrutura e capacitação dos associados. Estabelece as diretrizes para pagamento do Bolsa Reciclagem pela prestação de serviços ambientais na recuperação de materiais recicláveis, proporcional à produtividade (em peso) de cada organização. Os materiais incentivados são: papel, papelão e cartonados; plásticos; metais; vidros; e outros resíduos pós-consumo, assim definidos pelo Comitê Gestor do programa Bolsa Reciclagem.

A comprovação da reinserção dos materiais no ciclo produtivo se dá pela apresentação de notas fiscais ou comprovantes de venda (padrão definido pelo Comitê Gestor). As informações obrigatórias são: Nome, CNPJ e assinatura do comprador; nome, CNPJ e assinatura do representante legal, materiais comercializados, pesos, preços e data da comercialização. E para complementar, a cópia de depósito bancário na conta corrente ou cópia de cheque de pagamento em nome da organização.

---

<sup>3</sup> O programa Bolsa Reciclagem que é um incentivo financeiro do governo do Estado de Minas Gerais às cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis, com o objetivo de melhorar as condições de trabalho e renda dos associados.

O Bolsa Reciclagem é um direito da Associação; para Moisés, o que falta é organização, pois eles não recebem nota fiscal do que é vendendo para a indústria, o atravessador não repassa para a Associação nenhuma documentação, isso dificulta o recebimento do benefício.

Até hoje o meio ambiente deu “carta branca pra nós”, esse material que vem da Bozel, assinaram um contrato com a gente, não é qualquer pessoa que pode pegar esse material, o Juiz assinou. O governo não sabe que essas toneladas passaram pela Associação, porque não tem papel pra comprovar. Já até falei com o Oswaldo, eu tenho tudo anotado, ali. Nós não vamos conseguir a Bolsa Reciclagem se a gente não sentar com o nosso comprador, pra ele assinar o documento. O meio ambiente reconhece, assina, a gente precisa de alguém que faça esse contrato e entre com ele na Caixa Econômica Federal, entrando com o documento certo. Você vende pro atravessador, ele só anota lá “quatorze toneladas”, o meio ambiente vai saber disso? A ASCAS faz um trabalho legal, mas ainda tem muita coisa pra ser mudada, tem até o site, tudo direitinho. (Notas de campo, entrevista realizada do dia 4 de junho e 2013).

Moisés é um dos catadores que mais demonstra ter consciência política, está sempre reivindicando melhorias para Associação e propõe mudanças, pois possui uma visão clara e ampliada das questões relacionadas ao meio ambiente e das reações de negócio que vem estabelecendo na ASCAS. Nas reuniões participa ativamente, fala o que pensa, enquanto a maioria fica esperando “algo cair do céu”. O catador cita a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte (ASMARE), relata que lá eles fazem um trabalho diferenciado e muito produtivo. De duas a três vezes por ano ele participa de palestras realizadas na ASMARE. A UFSJ disponibiliza o veículo para que alguns catadores possam participar desses eventos. Segundo ele, “tem muita coisa pra ser mudada na ASCAS, a ASMARE ‘ta’ bem lá na frente...”

A ASMARE, como foi citado neste trabalho anteriormente, é um exemplo de Associação para todo o País. Foi uma das primeiras cooperativas de catadores de material reciclável, fundada no ano de 1990. Em 1992 foi iniciada a construção de um galpão da ASMARE pela prefeitura de Belo Horizonte. A organização dos catadores consolidou-se e se espalhou por toda Minas Gerais

Atualmente a ASMARE trabalha com 286 associados, é responsável pela coleta de 421 toneladas de material reciclável por mês. Além dos catadores de materiais recicláveis, a ASMARE tem o apoio de dez técnicos para auxiliar nas tarefas

administrativas, assistência social, formação e capacitação e nove filhos de catadores e ex-moradores de rua contratados, atuando na coleta seletiva em empresas privadas parceiras da ASMARE, podendo, assim, também, manter todas as crianças e adolescentes filhos de catadores frequentando a escola. As crianças de zero a seis anos são encaminhadas à creche da própria Associação.

O direito ao acesso à educação infantil pública foi conquistado em agosto de 2004, depois de 10 anos de luta. A qualidade no trabalho pedagógico da instituição é algo que está sendo construído gradativamente, mas que não depende apenas dos profissionais que lá estão. Ela é também um direito que se conquista diariamente por meio da participação de toda a comunidade [...] A creche para essas famílias não é, portanto, uma instância que substitui a educação familiar, que é considerada por eles como a principal instância educativa nos primeiros anos de vida das crianças. Já ingressos no sistema de educação formal, outros interesses motivam a presença das crianças na creche: o acesso ao direito à educação e à política de benefícios decorrentes deste; a possibilidade de um local seguro; e a partir dos quatro anos, o contato com saberes como a leitura e a escrita (ALTERTHUNM, 2005, p.133).

A creche foi uma conquista de grande relevância para as famílias e mães catadoras da ASMARE, pois, além de possibilitar um local seguro para deixar seus filhos, se insere em um projeto de educação pedagogicamente valioso para a relação que essas pessoas tem com o lixo e o meio ambiente.

Outra sinalização colocada pelas crianças da ASMARE é a possibilidade da realização de um trabalho pedagógico na creche voltado para a ecologia. Para além de “tarefinhas” que ensinam a reciclagem e lições politicamente corretas sobre a preservação do meio ambiente, elas nos apontam para uma proposta que parta do princípio de que já detêm um saber construído no âmbito das relações familiares e nas vivências relativas à profissão dos pais na ASMARE. A relação que têm com o lixo – que não é lixo, mas material reciclável - é de que na natureza as coisas se transformam (ALTERTHUN, 2005, p.135).

Assim como a fundação da creche, a Associação também procurou diversificar suas atividades: além da coleta e comercialização dos materiais, existem oficinas de artesanato e reaproveitamento, conta também com um grupo de teatro, que é monitorado por artistas para mobilização social em escolas e empresas, também tem a oficina de marcenaria que reaproveita restos de madeira. Além de tudo, a ASMARE conta com o

Reciclo Espaço Cultural, onde os objetos produzidos nas oficinas são comercializados. É um espaço privilegiado de relacionamento dos catadores e ex-moradores de rua com a sociedade. Os ex-moradores de rua trabalham no espaço em atividades de garçom, ajudante de cozinha, atendente, entre outros. A capacitação dessas pessoas ocorre em parceria com a Universidade Estácio de Sá, dentre outras. O espaço é ornamentado com materiais reaproveitáveis, é aberto ao público, onde são realizados shows. Também existe o Eco-bloco, uma oficina onde são produzidos blocos, utilizados para calçamento de ruas, a partir de resíduos da construção civil.

A partir do trabalho da ASMARE, muitos catadores e ex-moradores de rua tiveram oportunidade de se restabelecer e de oferecer melhores condições de vida a seus familiares.

Na ASCAS foi possível organizar os catadores e fazer uma cooperativa, mas somente cumprindo o papel de separar e comercializar o material coletado, não existe nenhum tipo de relação da Associação com as famílias dos associados. É por isso que Moisés vê a ASMARE “lá na frente” e visualiza o seu crescimento associado a um processo legal de constituição e de comercialização do material coletado.

A família de Moisés foi muito receptiva com minha chegada. Elza, sua esposa, sempre muito agradável, me oferecia várias receitas de culinária e estava sempre com um belo sorriso. O Thales é um garoto mais retraído, não conversa muito, mas se mostrava muito educado e solícito, Moisés é muito comunicativo, mas sempre estava com um “ar” de desconfiança. Quando cheguei à residência do casal, me apresentei e falei sobre o meu trabalho de pesquisa, todos concordaram e me receberam muito bem.

Essa família receptiva atualmente mora em uma casa própria no bairro Vila Santa Terezinha. Moisés mudou-se para essa casa depois de se casar com Elza, aos 34 anos de idade. O catador e a esposa se casaram e logo depois tiveram um filho, o Thales, que está com 14 anos de idade. A família mora em uma casa pequena, ainda não pintada, está sem acabamento e tem dois andares. No primeiro andar se encontra uma sala bem pequena, com um sofá já bem gasto pelo uso, um banheiro, uma cozinha com fogão, geladeira, armário, um pequeno cômodo com uma mesa de quatro cadeiras e uma pequena estante onde se encontram vários livros que, segundo Elza, Moisés cata no lixo e leva para casa. No segundo andar, acessado por uma escada em forma de caracol, bem estreita, encontramos uma pequena sala, com um jogo de sofás, também bastante desgastados pelo uso, uma pequena estante onde fica uma televisão de 14 polegadas, um aparelho de DVD, vários porta-retratos, principalmente com as fotos de familiares e do

Thales em suas formaturas escolares, desde o infantil, usando uma beca. Também encontramos uma Bíblia Sagrada, imagens de alguns santos, algumas revistas e papéis usados como rascunhos, em que Elza copia receitas ou outras coisas que assiste na TV. Encontramos neste andar o quarto de Thales, onde logo na porta tem um pedaço de papel colado com um desenho do garoto estudando e a frase “Quarto, meu doce quarto”. Ao entrar, encontramos uma cama de solteiro, um pequeno guarda-roupas, uma escrivaninha com alguns livros, cadernos e o computador. O quarto do casal também fica no mesmo andar, contendo uma cama de casal e um guarda roupas.

A casa de Moisés foi construída por ele mesmo. Quando se casou ficou morando por um ano na casa de seu sogro; depois, conseguiu comprar um lote e foi construindo aos poucos, como ele mesmo diz: “Tá sendo construída até hoje”, devido aos reparos que ele está sempre fazendo na casa.

Elza tem quarenta e oito anos. Seus pais moravam em São João del-Rei. Passou toda sua infância morando no bairro Bela Vista e afirma que “Minha infância foi assim... eu morava na Bela Vista, quando a gente morou lá, era uma vida muito difícil, passava dificuldade, o sofá tava escorado com tijolos, porque já tava muito ruim...”. O Pai de Elza está com 74 anos de idade, mora só, em sua casa. A esposa faleceu aos 56 anos. O casal teve apenas dois filhos, Elza e um rapaz. A família passava por dificuldades financeiras.

Meu pai trabalhava num armazém. Naquele tempo tinha abono, só que a gente não conseguiu o benefício, meu pai ganhava só o salário, aí ficava difícil, n/é? Meu pai criou a gente com dificuldade, tanto que eu não pude estudar mais, meu pai ganhava menos de um salário, as coisas eram difíceis, tinha mês que tinha carne, tinha mês que não tinha. A minha mãe não trabalhava, era dona de casa. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013).

Os pais de Elza estudaram até o terceiro ano do Ensino Fundamental I, o irmão parou de estudar no sétimo ano do Ensino Fundamental II, mas depois retornou aos estudos: “Meus pais estudaram até o terceiro ano de grupo, todos os dois, o meu irmão estudou até a sétima série e parou, depois de um tempo ele já estava casado, ele resolveu terminar e fez o Ensino Médio. Ele trabalha na Serraria do Agostinho, ele faz entregas com o caminhão.”

Elza estudou até o terceiro ano do Ensino Médio. Segundo ela, gostava da escola, era boa aluna e tinha boas notas. Estudou em três escolas, na Escola Estadual



Ministro Gabriel Passos, depois eu foi para a Escola Estadual Cônego Oswaldo Lustosa, em seguida foi para o Instituto Auxiliadora, uma escola da rede particular de São João del-Rei .

Eu entrei na escola com sete anos, não fui pro jardim não, entrei logo no primeiro ano, tinha o primeiro ano atrasado e o primeiro ano adiantado, hoje tem a fase introdutória e o primeiro ano, eu fiz dois primeiros anos, depois fui pro segundo, pro terceiro, pro quarto... Sempre tive boas notas na escola. Eu gostava, era muito quietinha na escola, eu estudei até o terceiro ano do Ensino Médio... Ah, eu queria ser secretária, fazer um curso pra secretária, mas era pago, eu não tinha condições. “Fiquei no Instituto do sexto ao nono ano, depois lá tinha uma prova de seleção pra quem fazia o Ensino Médio, lá tinha uma prova de seleção tanto pra entrar pra quinta série, que é o sexto ano, e pra você sair do ensino Fundamental e entrar pro Ensino Médio tinha uma prova. Só que eu não passei na prova, não teve vaga, eram poucas vagas aí eu voltei pro Estadual [Escola Estadual Cônego Oswaldo Lustosa], de novo. Lá no Instituto era uma “escola muito boa.” (Notas de campo, entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013).

O colégio Instituto Auxiliadora é uns dos mais antigos e tradicionais da rede particular de São João del-Rei. Trabalhei na instituição por dois anos, como assistente pedagógica e professora regente na Educação Infantil, pude perceber o quanto a escola investe em educação. A escola atende principalmente a alunos de classes médias da cidade de São João del-Rei e de cidades vizinhas, desde o maternal até o Ensino Médio. É uma escola católica, pertence à Rede Salesiana de Escolas, presente em todo o País, a instituição é administrada pelas irmãs Salesianas. O Instituto é uma escola referência, pois apresenta um grande nível de excelência em educação. No Ensino Médio é oferecido aos alunos um cursinho pré-vestibular, estimulando e aumentando as chances de entrada para a Universidade. As bolsas de estudo são oferecidas até os dias atuais. Para conseguir o benefício vários pais passam pelo processo de seleção, onde uma assistente social faz todo o trabalho de entrevista e análise da documentação, para assim poder oferecer a vaga para alunos que comprovem baixa renda e que também apresentam um bom desenvolvimento e rendimento na escola pública. Para se manter com a bolsa de estudos, o aluno não precisa mais fazer avaliações, mas precisa manter um nível de média em setenta por cento, no mínimo. Como o caso de Elza mostra, nem sempre os alunos conseguem se manter como um aluno médio esperado pela instituição. De toda forma, Elza é uma mãe que destoa das outras investigadas, pois, além de ser

mais escolarizada, apresenta sentimentos de ter tido uma boa passagem pela escola e atualmente apresenta práticas importantes de valorização do processo de escolarização, como a escrita dentro da casa, nas anotações diversas e, principalmente, para as receitas que coleta nos programas de televisão.

Elza se casou aos 34 anos e ficou morando com o pai até conseguir sua própria casa. Segundo ela, foi uma época difícil, porque o marido estava desempregado:

Eu me casei com 34 anos, tive o Thales, até ele completar 2 aninhos a gente morou com meu pai. Nessa época o Moisés estava desempregado, quando a gente casou ele já estava desempregado, mas casamos assim mesmo. Aí, ele foi arrumando a vida, fazendo uns bicos, aí, foi arrumando devagarinho. Aí, nós conseguimos construir aqui. Primeiro a parte de baixo, foi arrumando aos poucos, ‘tá’ arrumando até hoje [sorri, rrsrsr] nunca que consegue acabar... Ele desempregou, ficou só com a reciclagem. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013).

A esposa de Moisés revela que hoje trabalha mais dentro de casa, cuidando da casa, mas já trabalhou fora, como doméstica e até chegou a dar aulas particulares por um período.

Eu trabalhei de doméstica, porque eu não consegui estudo, aí eu consegui o trabalho de doméstica, nove anos, até casar. Depois que casei fiquei mais por conta de cuidar do Thales e da casa. Agora eu trabalho com venda de produtos por catálogo, produtos da Avon, da Hermes... até dei aula particular, uma época. Eu dei aula particular uns dez anos, antes de casar. Depois de casada dei aula também, mas o pessoal começou a falhar com a gente no pagamento, aí desanimei, mais foi depois do Thales maior, porque quando ele tava pequenininho, não conseguia, ele num deixava, ele queria estudar, queria conversar, aí num tinha como, tive que parar. Esperei ele ficar maiorzinho um pouco. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013).

Elza parou de dar aulas particulares para cuidar do Thales, pois não tinha como conciliar as aulas com o menino ainda pequeno. Depois, com ele já maior, retornou ao trabalho de professora particular por um período. Como ela mesmo diz, estava difícil receber do pessoal, então ela parou e ficou em casa, mesmo. Elza dava aula para pessoas como eles mesmos, que lutavam com dificuldades, embora os filhos precisassem das aulas particulares para acompanhar a escola.

Hoje ela está trabalhando com venda de produtos sob encomenda, nos catálogos. Ela vai na casa de suas clientes, oferece para que elas vejam as revistas e encomendem, depois encomenda os produtos escolhidos. Quando os pedidos chegam ela faz as entregas nas casas e já recebe pelo produto, sobre o qual ela recebe uma porcentagem pela venda.

## 1. A educação do filho

Moisés e Elza tiveram apenas um filho, segundo Elza foi uma opção dela:

Foi uma opção, eu quis ter só um. O Moisés queria ter mais filhos, só que com as condições financeiras, não dava, a gente parou num filho só. Eu pensei no futuro dele, porque se você tiver mais filhos e não tiver condição de sustentar eles vão passar necessidade, vão passar dificuldade, tendo um sacrifica um pouco daqui e dali e vai driblando até ver. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013).

Elza e Moisés também adotaram aquela estratégia de controle da fecundação já discutida. Decidiram ter um único filho para poder evitar passar por necessidades financeiras e assim poder investir em apenas um, pois as condições do casal não eram favoráveis para se ter mais filhos.

Thales é um adolescente caseiro, não gosta de sair muito de casa, a não ser para fazer algum trabalho da escola. Ele chega da escola por volta do meio dia, almoça e vai para seu quarto estudar, fazer as tarefas e fica na *internet*. Hoje ele frequenta o primeiro ano do Ensino médio, que, segundo o garoto, foi um pouco difícil se adaptar à rotina do Ensino Médio, por aumentar o número de matérias, teve um pouco de dificuldade.

O garoto gosta muito de ver filmes, várias vezes cheguei à residência à tarde, por volta das 16 horas, e ele estava assistindo filmes com a mãe, na sala. Ele sempre aluga filmes em uma locadora que fica perto de casa; segundo ele, gosta de filmes de aventura, comédia e filmes que retratam a vida real. Também gosta muito de ficar no computador, usando a *internet*, diz que gosta de ficar nas redes sociais, ver blogs e sites de notícias, também faz suas pesquisas escolares.

O garoto ganhou o computador há pouco tempo. A mãe relata que foi sacrificado comprar. O Moisés deu um pouquinho do dinheiro, o avô e o padrinho de Thales ajudaram a comprar, mas estão pagando até hoje. A internet o Moisés mesmo paga.

Um dia cheguei à residência do casal, Thales estava doente, havia pegado uma virose, ficou a tarde toda deitado, repousando. A mãe diz que o levou à UPA, de bicilceta mesmo, pois não conseguiu nenhum veículo para levar o garoto. Segundo Elza, Thales ficou muito preocupado em ter que faltar às aulas, pois teria que apresentar um trabalho na escola neste dia, mas a mãe foi até a escola e avisou; então a professora cancelou a apresentação do garoto.

No outro dia Thales já havia melhorado, e ficou por um bom tempo no quarto, estudando. Ficou sentado na escrivaninha lendo e usando o computador. Neste dia Elza comentou comigo sobre a carteirinha de estudante de Thales, que ainda não havia feito e precisava providenciar, pois fica mais fácil e barato para ele pegar ônibus e de vez em quando, também, ir ao cinema, pois ele gosta muito de filmes, “nem sempre é possível assistir fora de casa pois fica um pouco caro, com a carteirinha ele vai pagar a metade, pode até ir e voltar sozinho.”

Elza relata que o garoto não é muito de ler livros não, que ele lê o que a escola pede, ou revistas que lhe interessam. Elza também relata não ter o hábito frequente de leitura, mas há poucos dias terminou de ler um livro sobre a menopausa, pois ela está entrando neste ciclo e queria ficar mais bem informada. Para ela, escrever é mais raro, só quando anota os pedidos que manda para as revistas ou quando anota receitas de culinária que vê na televisão. De toda forma, ela utiliza a escrita diariamente e depende dela para fazer os seus controles de pedidos. Já o Moisés não lê muito não, mas gosta de fazer pesquisas sobre a área de reciclagem, pede ao garoto para ver na *internet* e passar para ele, olha em revistas e outras fontes. Também está sempre trazendo livros que acha no lixo para dentro de casa. Pede a Elza para separar aqueles em melhores condições e deixar para Thales fazer pesquisas. Houve um dia que cheguei à casa do casal e a sala estava “abarrota” de livros empilhados. Ela até me ofereceu alguns, disse que poderia escolher. Eu logo disse: “Ah, quero sim, depois vou dar uma olhadinha”.

As práticas domésticas com texto escrito não têm somente um papel de exemplo dado às crianças. Podem ter, para uma grande parte delas, através da organização doméstica que tais práticas tornam possíveis

das quais participam [contribuindo para constituí-las], um efeito indireto, mas poderoso (LAHIRE, 1997, p.21).

A mãe relata que gostaria muito de poder matricular o Thales em uma escola de inglês, mas no momento ainda não é possível, por causa da situação financeira do casal. Ela diz que quando existem cursos gratuitos coloca o Thales para fazer, foi assim que ele aprendeu a usar o computador, fez aulas de informática gratuitas, no Lar Solidário, uma instituição filantrópica que oferece alguns cursos e atendimentos para a população. Elza comentou que chegou a fazer o curso de datilografia, mas não sabe muito usar o computador, quer muito aprender, pegar receitas, ler sobre algumas atualidades, ficar mais informada.

Elza fala que o filho era muito inseguro, que conseguiu um psicólogo cujas sessões eram gratuitas, então o garoto melhorou muito. Na porta de seu quarto esta escrito em uma folha de papel “Quarto, doce quarto”, e logo depois uma frase com uma passagem da Bíblia Sagrada, citando “A importância de um filho”. Segundo a mãe, ele mesmo escreveu e pregou na porta. Parece que, para Thales, seu quarto é seu porto seguro, ele fica mais à vontade, se sente muito bem na presença dos pais. O garoto não é muito de sair, nem mesmo nos fins de semana, fica muito na companhia dos pais, sai aos domingos para ir à missa.

Elza demonstra ser uma mãe muito dedicada, muito comprometida, seu trabalho mesmo sendo feito dentro de casa é muito organizado. Ela anota tudo o que vende em um caderno, anota os códigos dos produtos, valores e dia de entrega. Ela também é muito católica, não deixa de participar das missas aos domingos e também participa de reuniões na paróquia.

A família se mostra bem unida. Sempre que eu chegava à residência estavam todos em casa. Moisés, separando o material reciclável que coletou pela manhã; Elza, assistindo à televisão ou fazendo o serviço de cães, e Thales, sempre estudando ou às vezes assistindo a algum filme. Certo dia cheguei à residência, e o casal estava conversando, mas o tom de voz de Moisés estava alterado, muito alto, parecia nervoso. Quando entrei na casa o casal logo parou de discutir. Elza me relatou que Moisés estava um pouco nervoso, “dizia que tem que por mais limites no Thales, que ele não pode ficar muito tempo na *internet*. tem que verificar o que o garoto está mexendo, lá, não pode dar bofeira não, tem muita coisa perigosa na *internet*.”.

A mãe concordou com o pai, mas o tranquilizou, dizendo que está sempre “de olho”, que o Thales é um garoto responsável, não precisava se preocupar.

Elza relata que Moisés é muito nervoso, às vezes fica alterado e fala um pouco mais alto, mas, segundo ela, “ele é um ótimo esposo e bom pai”. Quando começou a namorar Moisés, ela logo percebeu que ele era um pouco “sistemático”. Todos os dias ele aparecia em sua casa de surpresa para ver se ela fazia o trabalho de casa “direitinho”, ou seja, se seria uma “boa dona de casa”. Diz ainda que ele está sempre aconselhando o garoto a procurar meninas de “família”, que gostam de estudar, que ele tem que namorar uma menina “boa”. Ela também comentou que, pelo jeito de ser do Moisés, seus irmãos não queriam o casamento, achavam ele um pouco “grosso” e suspeitavam que ele a agredia, mas são apenas “cismas” deles, ele é um “ótimo esposo.”

Sem dúvida, em uma configuração familiar relativamente estável, que permita à criança relações sociais frequentes e duráveis com os pais, é uma condição necessária à produção de uma relação com o mundo adequada ao “êxito” no curso primário. Através de uma presença contante, um apoio moral ou afetivo a todo instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança de alguma forma (por exemplo, através de um autoritarismo metuculoso, ou uma confiança benevolente) (LAHIRE, 1997, p.26).

Essa família se mostra muito dedicada á educação do Thales. Pode-se dizer que existe uma ordem moral doméstica bem estruturada; a mãe, sempre muito atenciosa para com tudo aquilo que se refere ao filho, e o pai, com carinho e uma certa rigidez, tentam manter o controle de tudo, sem que nada escape aos seus “olhos”, para que o filho “ não fuja ao seu controle.”

## **2. A relação com a escola**

Thales entrou para a escola com 5 anos de idade. A primeira escola que frequentou foi a Escola Municipal Elpidio Ramalho, que fica próxima à sua casa, depois, foi para a Escola Estadual Mateus Salomé, a qual frequentou do primeiro ano ao quinto ano do Ensino Fundamental I. Em seguida, mudou-se para a escola Estadual Governador Milton Campos, onde continuou do sexto ano do Ensino Fundamental II e até hoje, frequentando o primeiro ano do Ensino Médio.

A Escola Estadual Governador Milton Campos, também conhecida popularmente como o Polivalente, é uma escola ampla e bem estruturada, atende todo o bairro de Matozinhos, Vila Santa Terezinha, Pio XII, Bom Pastor. Atende ainda alunos de outros bairros, além de atender alunos provenientes de Santa Cruz de Minas, um município fronteiro de São João del-Rei, que fica bem próximo de onde a escola está situada. Com uma média de quase mil alunos, a instituição oferece o Ensino médio pela manhã e à noite, o Ensino Fundamental II à tarde e à noite, também oferece a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. A coordenadora enfatiza que a escola tem muitos problemas de evasão e repetência: “A escola tem problema de repetência, de progressão parcial, muito poucos alunos conseguem passar de uma série pra outra sem passar pela progressão parcial. A gente fez um levantamento outro dia e [a situação da escola] é grave”. Relata que as questões relacionadas ao envolvimento de alunos com entorpecentes, na escola, não são graves, mas que há alguns alunos que têm ou tiveram problemas desse tipo.

Tem muito pouco, tem alunos envolvidos e a gente sabe. Teve um aluno que veio indicado pela assistência social, a gente aceita estes alunos, porque é direito a educação, mas a gente 'tá vendo que ele 'tá vindo, que ele 'tá vindo só por causa do Conselho tutelar. Temos uns três ou quatro alunos nesta situação, mas em termos, eu acho que ainda dá pra recuperar esses meninos. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 13 de junho de 2013).

Sobre a relação dos pais de Thales com a escola, a supervisora do turno da manhã relata que os pais sempre aparecem nas reuniões escolares, inclusive, segundo ela, teve uma reunião que somente dois pais compareceram e justamente Moisés era um deles. Moisés é um pai presente. Quando Elza não pode ir às reuniões ele não deixa de comparecer e verificar se o filho está tendo problemas: “Eu vou nas reuniões. A escola tem um monte de horário e a gente costuma revesar. A gente vai conversa com professor individual, o Thales é bom aluno, quando ele fraqueja a gente conversa com o professor”. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013).

A supervisora da escola relata que são poucos os pais que comparecem às reuniões. O interesse é bem restrito. Mas que Moisés e Elza sempre comparecem, são pais exemplares.

Nas reuniões eles vêm, a mãe veio na última reunião, são muitos alunos, vou olhar aqui na lista... ela veio, sim! Isso mostra o interesse

da família, porque numa média de quase 500 alunos, se a gente tiver 50 pais em cada reunião, é muito. Isso já é proveniente de camadas populares. Então a gente sabe que uma parceria com a família vai ajudar o aluno a melhorar, nem que seja pra dar uma satisfação aos pais, ou por ele mesmo. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 13 de junho de 2013).

Segundo a supervisora, Thales é um adolescencete “mais calado”, tímido e que tem um bom rendimento e bom comportamento escolar, sempre muito disciplinado.

Olha... eu penso que o Thales tem um rendimento de um aluno bom, mas eu acho que poderia ser melhor, eu não sei como que é na casa dele. Mas ele ‘tá com média em tudo, é 15. Mas ele tem possibilidade de ir além dos 15 pontos. Eu creio que ele pode chegar mais. Não sei se é falta de estudo ou falta de concentração. De comportamento eu não tenho nada pra queixar, ele nunca teve problema, os professores me passam tudo, a questão da indisciplina, ele nunca teve problema. Ele é um aluno calado, quase não abre a boca, a gente vê que ele presta atenção no professor, mas não pergunta, ele tem um jeito tímido. Se você me perguntar o timbre de voz dele, eu não sei! Ele nunca me pergunta nada. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 13 de junho de 2013).

A supervisora enfatiza sempre que o Thales é um “bom aluno”, mas poderia ter um melhor rendimento, pois ele apresenta potencial para conseguir notas melhores. Mas ela sabe que ele esta tendo dificuldades em algumas disciplinas e que a mudança de ciclo do Ensino Fundamenta II para o Ensino Médio teve um impacto nas notas dele.

No caso do Thales eu vejo que ele está indo bem, mas podia ir melhor. A sala dele tem alunos difíceis, tem um ou dois lá que são alunos repetentes, tudo eles fazem confusão. Eles falam muito, mas o rendimento é bom. Tem aluno lá que é surdo, a sala tem menos alunos, menos de 35, as salas aqui geralmente tem mais de 40 alunos, mesmo com menos alunos eles falam muito. Mas o Thales eu também acho que por ser o primeiro ano do Ensino Médio ele ainda ‘tá sofrendo o impacto da mudança de ciclo. A postura tem que ser diferente, muitos aqui, depois que completam 16 anos, os pais não se preocupam mais. Eles acham que são independentes. É tudo uma questão de formação mesmo, e não de informação. Varia de pessoa para pessoa. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 13 de junho de 2013)

A mãe de Thales também relatou muitas vezes que a mudança de ciclo afetou um pouco o rendimento escolar do menino, tanto que ela precisou procurar uma professora particular para ele, principalmente nas disciplinas de Química e Física.



Thales também ressalta nas entrevistas estar com dificuldades, conforme se vê no seu relato:

Gosto muito, ter conhecimento, aprender, eu tive muita dificuldade de entender esse ano, mas agora eu 'tô' conseguindo recuperar minhas notas, mas nunca tomei "bomba" não... Eu acho que ficou mais difícil esse ano, ficou mais complicado, aumentou as matérias, tive dificuldade, agora 'tô melhor, 'tô tendo aula particular... (Notas de campo, entrevista realizada no dia 15 de junho de 2013).

Thales relata que está frequentando um curso preparatório oferecido pela escola no turno da tarde, uma vez por semana. Trata-se de um intensivo para alunos que vão fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O curso é separado por módulos, oferece duas disciplinas de cada vez e posteriormente se vai aumentando o número de disciplinas. Thales diz que este curso, além de estar ajudando a tirar suas dúvidas, vai ajudar muito na hora de prestar o exame que irá fazer neste ano mesmo. O garoto ressalta ser importante fazer a prova agora, já no primeiro ano do Ensino Médio, porque ajuda a ter noção das dificuldades do ENEM e já se vai treinando para quando for entrar na Universidade. O adolescente relata não saber qual curso irá fazer na Universidade, mas aponta algumas possibilidades: "Tenho dúvida ainda, tenho duas dúvidas, ou administrador, ou contador, ainda não decidi". Thales relata gostar muito de "mexer com números", por isso a escolha pelas duas profissões.

[...] o sujeito filho – aluno - desempenha um papel específico e ativo na construção de seu sucesso escolar. Ele manifesta uma autodeterminação e dá mostras de um investimento pessoal na sua escolarização. Embora essa autodeterminação e esse investimento sejam produzidos no contexto da família, são seus (VIANA, 2008, p.58).

Thales demonstra grande interesse pelos estudos, ao relatar que faz o curso para o ENEM oferecido pela escola, age como alunos provenientes das classes médias, que procuram fazer testes e exames, como forma de treinamento para entrar na Universidade.

[...] analisando as relações das camadas médias com a escola, dá a conhecer resultados de pesquisas recentes sobre o tema. Reportando-se a esses estudos a autora lista uma série de práticas de investimento escolar de famílias provenientes dessas camadas, tais como: acompanhamento minucioso da escolaridade dos filhos, escolha

ativa do estabelecimento de ensino, contactos frequentes com os professores, ajuda regular nos deveres de casa, reforço e maximização das aprendizagens escolares, assiduidade às reuniões convocadas pela escola dos filhos, utilização do tempo extra escolar com atividades favorecedoras e sucesso escolar, entre outras (NOGUEIRA, 1995).

Os pais de Thales, na relação com a escola, mesmo pertencendo as camadas populares, agem como pais de alunos das classes médias, de forma mais atuante, acompanham a escolarização do filho, estão sempre conversando com professores, não deixam de comparecer às reuniões pedagógicas da escola e incentivam o garoto a estudar além do horário escolar regular. Mesmo que as condições econômicas da família não sejam favoráveis, eles dão “um jeitinho” e pagam aulas de reforço para o garoto conseguir vencer suas dificuldades.

### **3. A escola dentro de casa**

Thales entrou para a escola aos cinco anos de idade. Já demonstrava grande interesse pela escola desde muito cedo, provavelmente pelo fato de presenciar a mãe lecionando as aulas particulares. O trabalho pedagógico da mãe pode ter funcionado como instrumento de construção de um habitus escolar, construído de forma desinteressada, insensível, mas ali, sempre à disposição dos olhares e das práticas do menino. Desde muito cedo já lidava com livros, cadernos, lápis, canetas, materiais pedagógicos e escolares à disposição na casa. De acordo com o seu relato,

Eu entrei com 5 anos [na escola]. Eu ficava olhando na janela as crianças passando pra escola, aí eu perguntava, “mãe, quando que eu vou entrar na escola?” Aí, quando eu entrei, foi normal. A minha mãe me levou lá. Eu ficava, depois ela me buscava. Gosto muito de ter conhecimento, aprender... Eu tive muita dificuldade de entender esse ano, mas agora eu ‘tô conseguindo recuperar minhas notas, mas nunca tomei “bomba não”. Meus pais são muito carinhosos comigo, fazem de tudo, fazem de tudo pro meu bem estar! Eles me apoiam muito! (Notas de campo, entrevista realizada no dia 15 de junho e 2013).

Elza relata que o filho é muito “dedicado”, “estudioso”, que ele pensa nos estudos em primeiro lugar. Diz que o ajudou muito, ele aprendeu a ler com ela. Segundo

ela, a família recebe o benefício Bolsa Família, que “não é muita coisa”, uma ajuda de noventa reais por mês, mas esse dinheiro é todo investido no garoto, na compra de material escolar, roupas... Até mesmo os óculos que o menino acabara de adquirir foram comprados com o dinheiro proveniente do benefício. Thales começou a apresentar problemas de vista e teve que consultar um oftalmologista, que confirmou a necessidade de usar óculos. Diante do fato de que o garoto sentia dores de cabeça diariamente, a escola aconselhou Elza a verificar se era “problema de vista”.

A mãe de Thales, sempre muito preocupada com o filho, relata que desde pequeno levava e buscava o menino na porta da escola. Fez isso até o oitavo ano, quando ele ainda estava no Ensino Fundamental II.

Então, a gente educa em casa, mas eles também aprendem na rua, n/é? Aí, desde pequeno até o oitavo ano eu levava o Thales na escola, porque perto da escola fica aqueles meninos de “cabelo colorido, andando balançando”, fica ali na porta da escola e às vezes tinha até briga. Eles procuravam briga com os meninos da escola. Como você vê, uma situação dessa e vai deixar seu filho ir sozinho e voltar sozinho? Ele às vezes falava “mãe, eu sei ir sozinho”. Eu falava, “não, meu filho, eu sei que você sabe ir, só que eu ‘tô’ te levando pelo fato de ter cuidado com você, porque eu vou ficar aqui preocupada, eu te levando e buscando eu sei o que ‘tá acontecendo, aquela turminha sempre lá. Agora a diretora pediu ajuda policial e ‘tá melhorando. Agora ele passou pra de manhã, e não tem problema não, é tranquilo. No nono ano ele começou a ir sozinho. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013).

A mãe de Thales está sempre atenta às companhias do filho, por isso, a preocupação em deixar o menino ir e voltar da escola. Durante todos esses anos acompanhava o garoto, num esforço de evitar que Thales se envolvesse com “más companhias”.

[...] O que parece ser rentável é a presença possível, a disponibilidade em escutar, ouvir e dar atenção ao filho, permitir que ele dê conta de suas tarefas e necessidades escolares indagar-lhe sobre seu dia a dia escolar. Essas ações são perceptíveis [...] nos possíveis contatos com outras mães, nas aproximações mesmo esporádicas, com professores nas reuniões escolares (quando convidadas), na manutenção física da criança e dos equipamentos necessários à frequência da escola, na atenção para as *companhias* dos filhos, no ato de levar à escola (e buscar), na vigilância da rua etc. Essas situações revelam todo um cuidado dessas mães para com a escolaridade dos filhos, mesmo que elas não pensem nisso como *um projeto*, mesmo que não se trate de uma ação racional visando a um fim futuro, distante (por exemplo, a

chegada à universidade). Para elas trata-se de uma obrigação cotidiana que tem que ser feita, necessária para a formação do filho, para seguir em frente. (Os itálicos são do autor, PORTES, 1998, p.69)

Thales costuma sair para fazer algum trabalho ou estudar para provas na casa de colegas. A mãe fica sempre preocupada, deixa o garoto ir sozinho, mas não deixa de telefonar para ver se está tudo bem com o filho. Ele disse para a mãe que esse bimestre estava muito “apertado”, estava com muitas dificuldades em algumas disciplinas como Física e Química. A mãe incentiva o garoto a estudar bastante no primeiro semestre para alcançar boas médias, quando o garoto demora a chegar à casa, ela liga ou pede a Moisés para buscá-lo. Não gosta que ele fique pelas ruas, fica ansiosa pela sua chegada. Elza diz que estava procurando uma professora para dar aulas particulares para Thales, pois ele está com bastante dificuldade em algumas disciplinas. Ela diz que conseguiu uma professora muito boa, mas um pouco “cara”, mas iria pegar o dinheiro do Bolsa Família para pagar as aulas. Segundo ela, “é muito difícil ensinar ele, eu já não lembro de muita coisa, ele precisa de uma ajuda de fora”.

Eu ‘tô’ tirando um pouco do Bolsa Família e ‘tô’ pagando aula particular pra ele, porque ele precisou. Aí eu consegui essa professora muito boa, eu vou ver se consigo deixar ele com ela até o terceiro ano pelo menos, porque ela também dá cursinho, pra ele já ir seguindo, porque se lá no segundo ou no terceiro se ele dá uma balançada, ele tem uma ajuda, porque eu num consigo ajudar muito não, não lembro muito. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013).

Mesmo sendo dispendioso para a família pagar uma professora particular, a mãe compreende as dificuldades do filho e faz um esforço para ajudá-lo, antecipa as possíveis dificuldades que o jovem possa vir a ter, afirma que vai manter essa ajuda até ele terminar o Ensino Médio, pois assim ele já tem um reforço no caso de ter mais dificuldades. E acredita ser melhor ele continuar com a professora porque ela também oferece um tipo de cursinho para o ENEM.

Outra preocupação da família é equipar o jovem com produtos tecnológicos, como computador, para que ele possa se desenvolver mais, adquirir o conhecimento necessário para lidar com informática e se informar sobre os diferentes acontecimentos e poder fazer as suas pesquisas escolares. Thales adquiriu o computador há pouco tempo; o garoto afirma que,

Eu ‘tava’ precisando, pra me ajudar a estudar. Aí, foi assim, eu conversei com meu pai, aí meu pai conversou com meus tios, aí todo mês cada um dá um pouquinho pra ajudar a pagar. A *internet* meu pai que paga. O computador me ajudou muito, melhorei, eu faço meus trabalhos, não preciso depender dos outros, eu gosto de ver site de notícias. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 15 de junho de 2013)

Percebendo a necessidade do filho, Moisés logo se prontificou em comprar o computador para ele, mas pediu ajuda aos parentes, pois seria um gasto “alto” para ele, já que as condições econômicas em que se encontra a família não são favoráveis. Segundo Portes (1998, p.75), “[...] observa-se, também, uma certa solidariedade material de alguns parentes para com esses estudantes, que efetuam algumas doações diante da manifestação dos pais de que o filho se encontra necessitado.” Neste caso, o padrinho, o avô materno, e um tio se prontificaram a ajudar a pagar o computador. Todos os meses cada um ajuda com o que pode e pagam as prestações. Importante ressaltar, aqui, que, nesse caso, todos acreditam nas “potencialidades” do Thales e o têm como um garoto promissor, que vale o esforço do conjunto dos familiares para apoiá-lo em sua empreitada escolar.

Em relação à profissão do pai, Thales não acha que ele faz um trabalho desprezível. Para ele, mesmo que seja um trabalho difícil o que seu pai executa, que não propicia a ele direitos trabalhistas garantidos, o pai é mais do que um trabalhador: “o meu pai, eu acho que ele ajuda o meio ambiente, ‘tá’ colaborando com o meio ambiente. É de onde meu pai tira o sustento pra comprar as coisa pra mim, pra minha mãe”. A mãe de Thales relatou que um dia o garoto chegou à casa dizendo que na escola “umas meninas” o haviam lhe chamado de “lixeiro”, mas que ele não revidou. Thales disse que não revidou porque achou desnecessário, pois ele tem consciência do trabalho que o pai faz, e pra ele não é algo “humilhante”, tem orgulho do pai, sabe que o pai é “um catador de material reciclável” e trabalha como todo mundo.

Moisés demonstra ter consciência da importância dos estudos na vida do filho, mas não manifesta o interesse de que o filho faça um curso universitário, prefere que o filho siga carreira militar ou faça um curso técnico.

O sonho meu é que ele entrasse no Exército, fazer a prova da ESA, ou aprender cursos lá no SENAI, curso de mecânica, mexer na parte elétrica dos carros. Eu vou deixar por conta dele, mas o mundo vai girando, e quando a gente deixa o tempo passar a gente num pega isso

lá frente mais. (Notas de campo, entrevista realizada no dia 4 de junho de 2013).

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) é uma instituição criada nos anos de 1940. Seu objetivo é capacitar profissionalmente jovens com sua enorme variedade de cursos técnicos em diversas áreas, para se trabalhar no campo industrial. No estado de Minas Gerais, o SENAI encontra-se em muitas cidades e dispõe de cursos para todos os níveis de escolaridade, sendo muitos cursos oferecidos gratuitamente. O SENAI foi criado em 22 de janeiro de 1942 pelo decreto lei nº 4.048 e possui diversas unidades espalhadas por todo território nacional. Em São João del-Rei, o SENAI oferece diversos cursos para a população, colocando-se como uma ajuda profissional; possui uma gama muito grande de cursos, alguns cursos como, por exemplo, o de Técnico em manutenção Automotiva, que seria o mais indicado para a escolha preferida de Moisés. De qualquer forma, Moisés, nesse caso, não foge à regra daqueles pais provenientes dos meios populares, que têm como estratégia escolher cursos técnicos de curta duração para garantir a entrada do jovem no mundo do trabalho. A carreira universitária é demasiada longa e incerta para um investimento dessa natureza.

Bourdieu distingue frequentemente três conjuntos de disposições e estratégias de investimento escolar que seriam adotadas tendencialmente pelas classes populares, classes médias (ou pequena burguesia) e pelas elites. O primeiro desses grupos, pobre em capital econômico e cultural, tenderia a investir de modo moderado no sistema de ensino. Esse investimento relativamente baixo se explicaria por várias razões. Em primeiro lugar, a percepção de, a partir dos exemplos acumulados, de que as chances e sucesso são reduzidas [...] Isso tornaria o retorno do investimento muito incerto e, portanto, o risco muito alto [...] Diante disso, esse grupo social tenderia a adotar o que Bourdieu chama de “liberalismo” em relação a educação dos filhos. A vida escolar dos filhos não seria acompanhada de modo muito sistemático [...] Essas famílias tenderiam, assim, a privilegiar as carreiras escolares mais curtas, que dão acesso mais rapidamente a inserção profissional (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p.23).

Em relação à carreira militar, Moisés cita a ESA (Escola de Sargento das Armas), que foi criada ao término da Segunda Guerra Mundial, no dia 21 de Agosto de 1945, originada da Escola de Sargentos de Infantaria, oferecendo os cursos de formação de sargentos nas Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e de Engenharia.

A escola fica situada na cidade de Três Corações, em Minas Gerais. Para se ingressar na ESA, é necessário que o candidato se submeta a uma avaliação; sendo aprovado, o aluno realizará um período básico de instrução em uma das unidades militares. O período de qualificação é realizado em três estabelecimentos de ensino militar do Exército, visando a aprimorar os aspectos do período básico e preparar o sargento para ocupar, efetivamente, cargos destinados de acordo com sua área de atuação. Para isso a escola, seleciona anualmente jovens de todas as partes do Brasil, dos 17 aos 24 anos de idade, oferece-lhes adestramento destinado a aprimorar o caráter e desenvolver a capacidade física, a fim de melhor formação possível aos futuros sargentos do Exército Brasileiro.

Nas entrevistas Thales não se pronunciou sobre essas opções como profissão para seguir. Apenas mencionou os cursos, como já citados anteriormente, Ciências Contábeis e Administração de Empresas. O pai não citou nenhum curso universitário, talvez pela falta de conhecimento ou da distância entre seu mundo e o mundo acadêmico. Durante a entrevista, disse a Moisés que a UFSJ oferece muitos cursos e que Thales demonstra interesse por alguns, também falei sobre o Curso de Mecânica e Engenharia Elétrica. O pai não sabia sobre esses cursos, mas disse que seriam boas opções e compensaria também se o filho quisesse fazer algum deles.

A escola está bem presente dentro da casa de Moisés. Thales se mostra empenhado a estudar e continuar até se formar na Universidade e não deixa de se referir ao apoio que recebe dos pais. Essa família se difere das outras duas pelo fato de a escola ter uma importância significativa na vida do filho e o filho estar “se dando bem” na escola, apresentar uma relação amistosa e de reconhecimento de sua função. Thales não está meramente matriculado, ele tem o incentivo e ajuda dos familiares, que vêm nos estudos a chance de o garoto ter um “futuro melhor”. E eles se empenham para isso.

Neste caso, pode-se verificar que a mãe de Thales teve uma escolaridade mais elevada, chegou a terminar o Ensino Médio; além disso, estudou em uma escola da rede particular de São João del-Rei, uma instituição de grande prestígio pelo seu trabalho pedagógico, onde estudam alunos, em sua maioria, provenientes das classes médias. Há também o fato de Elza ter trabalhado como professora particular; assim Thales, ainda muito pequeno, presenciou a mãe lecionando e isso fez parte da sua formação: o menino, desde muito cedo, já apresentava vontade de entrar para a escola, “a boa vontade escolar.”

Finalmente a boa vontade cultural se caracterizaria pelo esforço sistemático para adquiri-la. As famílias das classes médias – particularmente aqueles originárias das camadas populares e que detêm, portanto, um limitado capital cultural – empreenderiam uma série de ações, compra de livros premiados, frequência em eventos culturais etc.) com vistas à aquisição de capital cultural( NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002,p.25).

Moisés também se mostra um pai muito atencioso e interessado na escolarização do filho, tanto que não deixa de participar das reuniões escolares, de conversar com os professores do garoto. Além disso, mesmo sendo catador como os outros, demonstra ter consciência política, participa de palestras, está sempre tentando melhorar a situação da Associação, demonstra interesse em mudar, faz projetos, participa ativamente das reuniões expondo suas ideias.

Mesmo diante de uma situação econômica que não favorece muito esta família, eles fazem o possível para o filho conseguir estudar e driblar suas dificuldades. As ações dos pais são relevantes e demonstram, mesmo que de forma precária, a preocupação e ações que interferem e, sobretudo, auxiliam de forma positiva na escolarização do filho.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central abordada nesse trabalho está relacionada com as alternativas apontadas pelas três famílias de catadores de materiais recicláveis associados à ASCAS de São João del-Rei relativamente à escolarização dos filhos. A partir dessas considerações, dentre as quais serão destacados nesta síntese, aquelas que soam como possíveis contribuições ao trabalho da Associação, partindo-se também de um processo de filiação a uma associação, pode-se pressupor algum grau de consciência política, associativa e coletiva por parte dos associados, como é que ele lidam com a escolarização dos filhos e assim, compreender as práticas de escolarização dessas famílias e investigar as condições de vida, moradia, trabalho e renda dos catadores de materiais recicláveis associados da ASCAS de São João del-Rei.

O envolvimento com o campo fez surgir a expectativa de que, com este trabalho, sua divulgação, será possível informar e estimular o interesse de outras pessoas ao trabalho realizado pela Associação e, assim, continuar contribuindo, de forma indireta, para a luta dos catadores de materiais recicláveis, pelas melhorias das condições de trabalho, como, por exemplo, a aquisição dos direitos trabalhistas essenciais para qualquer cidadão e também o direito de conquista da participação e reconhecimento de toda a comunidade são-joanense.

Vejo esta pesquisa como um possível instrumento de aproximação entre famílias, profissionais e crianças, na qual, entre outras coisas, buscou-se registrar, discutir, compreender e analisar aspectos do universo das camadas populares, em especial dos filhos de catadores de materiais recicláveis da ASCAS.

Alguns eixos perpassaram a pesquisa e ajudaram a organizar reflexões ao longo dos três capítulos. O olhar, a novidade e a sensibilidade nas relações humanas são temas que embasaram esta investigação e deram origem aos apontamentos que se podem captar na relação tecida com os sujeitos da ASCAS.

Entre as reflexões acerca das famílias das camadas populares, o contato com os catadores de materiais recicláveis me motivou a buscar um olhar que se distanciasse de uma visão estigmatizada segundo a qual a pobreza é uma sina de cujas marcas negativas ninguém escapa. Por meio dos estudos sobre a reprodução da exclusão social na escola foi possível perceber que o fenômeno se agrava à medida que o espaço para o diálogo e o reconhecimento dos sujeitos diminuem. Na tentativa de ampliar esse espaço, a pesquisa buscou estabelecer uma abertura à novidade que se apresentava diante de meus

olhos. Quem são essas famílias? Como caracterizá-las dentro de uma genealogia que contemplasse suas histórias e sua constituição? Quais são os anseios em relação à escolarização? Em que medida as dificuldades decorrentes do processo de exclusão social causavam impactos nas relações familiares de maneira a corresponder ou não aos estigmas negativos impostos a elas?

Pode-se perceber que a inserção das crianças dessas famílias na escola tem como anseio a melhoria de vida, mesmo que em um futuro difuso, indefinido. E, para a consecução do mesmo, uma instância que substitui a educação familiar é a escola, que é considerada por eles como a principal instância educativa.

Nos dois primeiros capítulos foi possível perceber o reconhecimento da instituição escolar como importante na vida dessas famílias, mas com ações pouco efetivas das mesmas para um possível sucesso escolar dos filhos.

As famílias populares não podem se espelhar nas ações escolares mais conhecidas e identificadas das diferentes frações de classes médias. Empreender essas ações demandaria capital cultural e mesmo uma disposição econômica de que as famílias populares não dispõem. Essas famílias lidam em um espaço ainda pouco compreendido por nós, onde a privação, a instabilidade, a insegurança e a angústia impulsionam e orientam as ações (PORTES, 1998, p.77).

A Associação não tem nenhum projeto que incentive ou ajude essas famílias com relação às questões sociais. Ela se apresenta prioritariamente como fonte de renda para essas famílias.

Todas as famílias investigadas possuem as mesmas condições econômicas, seus filhos frequentam a escola pública e todos são associados à ASCAS. No entanto, foi possível perceber que existem diferenças entre as famílias. Como foi mostrado no primeiro capítulo, a família investigada pratica uma escolarização pouco assistida, as crianças apresentam aspectos de contestação de uma ordem moral doméstica e escolar, com fraca participação da família na vida escolar das crianças. No segundo capítulo vê-se uma escolarização acompanhada, a presença discursiva da valorização da escola, uma criança obediente e aparentemente treinada para ser trabalhador manual como o pai, mesmo diante de uma mãe que deposita fortes esperanças no futuro da criança, mas levado de forma branda, pouco eficiente. Já a família retratada no terceiro capítulo é uma família empenhada nas questões escolares, o rendimento escolar do filho é para lá de satisfatório e é possível perceber um forte envolvimento dos pais na escolarização do

filho. Tem-se aqui uma mãe mais escolarizada, que compreende os efeitos dos estudos diários, pois já foi professora particular, que se utiliza da escrita diariamente, auxilia na produção do lar através de suas vendas de produtos de beleza e um pai associado da ASCAS, que apresenta uma certa consciência política que lhe permite imprimir um olhar diferenciado em relação à escolarização do filho, mesmo pertencendo à mesma categoria social dos outros pais, e com a mesma situação econômica ele promove ações que se tornam relevantes na escolarização do filho, que responde efetivamente àquilo que se espera dele no interior da escola.

A questão racial, embora não tenha sido objeto central dessas indagações, é uma dimensão da vida desses sujeitos que também marca sua presença no mundo. Por isso mesmo, seu reconhecimento foi apontado por meio das vivências com os mesmos, como alternativa às práticas que ignoram a identidade racial dos sujeitos. A questão racial é, portanto, algo que não pode ficar de fora de um trabalho que pretenda ter a trajetória dos sujeitos envolvidos, pois todas as famílias são constituídas por sujeitos negros.

O deparar-me com um campo de pesquisa que logo de início já apontou para a diversidade das experiências sociais dos sujeitos envolvidos nos encontros conduziu-me à compreensão de mais alguns elementos a serem considerados como alternativas a práticas educativas e de pesquisa. Estar aberto a conhecer o que não se é reconhecer a legitimidade do outro enquanto sujeito de conhecimento é uma sugestão detectada nas entrelinhas do que vivenciei com as famílias.

Para garantir a compreensão do que foi expresso indiretamente, como muitas vezes foi feito pelas crianças e adolescentes, um sentimento de entrega ao encontro com aquele que assim se expressa é fundamental. Mais uma vez, a postura de receptividade à novidade que pode surgir em decorrência da singularidade do encontro é sinalizada por eles como uma maneira sábia de se relacionar com o mundo.

A esperança de um mundo melhor está na responsabilidade em construí-lo de maneira compartilhada, onde todos podem imprimir suas marcas e refletir sobre suas vivências. Nesse sentido, as crianças e os adolescentes sinalizam para a construção de um mundo que está à mercê dos encontros dos mesmos com a cultura e com as outras pessoas.

Por fim, esta pesquisa significou para mim, um processo de mudança. Pude exercitar a abertura para o encontro com outras pessoas, com outros universos, outras realidades, outros saberes. Pude igualmente aprender uma outra maneira de ver. A

sensibilidade e a novidade como foco fundamental contribuíram para a formação de uma educadora que se sente incomodada com as formas de organização da escola, mas que precisou do amparo dessas famílias para buscar um caminho de compreensão sobre a relação família e escola de um grupo que se recusa a ser marginalizado e busca, a duras penas, no trabalho e na escola, a construção da dignidade.

## REFERÊNCIAS

ALTERTHUM, Camila C. *O encontro com crianças filhas de catadores de papel: sinalizações para uma creche e uma pesquisa com a “nossa cara”*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Educação UFMG, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Maria Amélia G. de Castro Giovanetti. Belo Horizonte, 2005.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. Ed. Tiragem. São Paulo: Pioneiro, 1998.

ARAÚJO, Ingrid da S.; NEVES, Éllen P.; SIMAS, Mariana B.; PEREIRA, Juliana A. Tavares. *Educação Carcerária: Um caminho para a inclusão social*. São João del Rei: UFSJ, 2009.35p. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de graduação Pedagogia sob orientação do prof. Wanderley Cardoso de Oliveira.

AZEVEDO, Thales de. *Cultura e situação racial no Brasil*. v.42, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1966.

CARVALHO, Alessandra Aparecida. *Perfil sociocultural e percurso escolar de jovens com curso superior: Ex-alunos da Escola Estadual do distrito de Mercês de água Limpa- Minas Gerais*. Dissertação apresentada no Programa de pós –graduação processos socioeducativos e práticas escolares, sob a orientação do Professor Dr. Écio Antônio Portes. São João Del-Rei, 2012.

CARVALHO, M. E. P., BURITY, M. H. *Dever de casa: visões de mães e professoras*. XXVIII Reunião Anual da Anped, Caxambu/MG, out. 2005. Disponível na Internet: <http://www.anped.org.br/28/textos/gt14/gt141575int.rtf>.

CERVO, Arnaldo L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: Magruaw-Hill, 1983.

COPANEMA, C.A., VORCARO,A.M.R., VIANA, F.J.M., MELO,V.P.R., CURVELANO, A.L.C., SANTOS, M.P.G . *A relevância da paternidade entre adolescentes como função estruturante do sujeito*. Pós em Revista. V.1, p.01-08, 2011.

COSTA, Evaldo Lima. *Gravidez na adolescência – determinante para prematuridade e baixo peso*. Ciências Saúde. Escola Superior de Ciências da Saúde-ESCS/FEPECS da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Brasília-DF, Brasil, Programa de Pós-Graduação em Ginecologia, Obstetrícia e Mastologia da Faculdade de Medicina de Botucatu/UNESP. Botucatu-SP, Brasil, 2011.

COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

CUNHA, Marina Roriz Rizzo Lousa da. *Lixo, identidade e trabalho: a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia*. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 53-61 jan./jun. 2011.

DIAS, Sônia. M.; *Construindo a cidadania: avanços e limites do Projeto de Coleta Seletiva em parceria com a ASMARE*. Belo Horizonte: Instituto de Geociências da UFMG, 2002. (Dissertação de mestrado).

ELIAS, N; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

FERRAZ, Tatiane Aparecida. *A economia solidária no Brasil: enfocando o Cooperativismo e a formação de cooperativas*. São João Del-Rei: UFSJ, 2004.60p. Monografia apresentada no curso de graduação em Economia sob orientação do prof. Jorge Benedito Fernandes.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e senzala*. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FONSECA, Claudia. *Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica em educação*. Revista Brasileira de Educação, jan./Fev./Mar/Abr./ nº10, p.58-78, 1999.

GOUVEIA, Aparecida Joly. *O trabalho do menor: necessidade transfigurada em virtude*. Cadernos de pesquisa: revista de estudos e pesquisas em educação, São Paulo, n.44, p.55- 62, fevereiro 1983.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1993.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LEWIS, Oscar. *Antropologia dela pobreza: cinco famílias*. México: Fondo de Cultura econômica, 1961.

MIRANDA, Sonia Regina; MARQUES, Luciana Pacheco (org.). *Trajetórias: Caminhos na Pesquisa em Educação*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

MORAES, Carlos Antônio de. *Catadores da sobrevivência: a "matéria viva" no cenário do lixo*. Vértices, Campos dos Goytacazes: ESSENTIA, v.11, n.1/3, p. 109-124, jan./dez. 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 4. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice & NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. *A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições*. Educação e Sociedade. Campinas, ano XXIII, n.78, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice. *Trajetórias, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa*. Teoria & Educação, 3,1991.

NORONHA, Adolfo Vasconcelos *et al.* *Cooperativismo*. São Paulo: Cupola, 1976.144p.

OLIVEIRA, Iolanda de; SISS, Ahyas(orgs.). *A história do negro no Brasil*. Cadernos Pesneb – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira-FEUFF, Rio de Janeiro/ Niterói, n.7, novembro de 2006.

OLIVEIRA, Cleide de Fatima. *O trabalho infanto-juvenil: considerações em torno de um tema*. Cad. Est. Recife. V15, n2, p.299-316, jul./dez.,1999.

PAIXÃO, Lea P. *Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão*. Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 124, p. 141-170, jan./abr. 2005

PADOVANI, W.F. *Os Desafios da era do lixo*. Revista Veja: Sustentabilidade, edição especial, p.18-24, dezembro de 2011.

PORTES, Écio Antônio. *Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos*. Belo Horizonte, UFMG, 3 de julho de 2001. Tese de Doutorado.

SANTANA, José Valdir de Jesus; MORAIS, Jorlúcia Oliveira. *História do negro na educação: indagações sobre currículo e diversidade cultural*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Departamento do Estudos Básicos e Instrumentais. Revista Espaço Acadêmico, nº103, p.51-59, dezembro de 2009.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SCHALLENBERGER, Erneldo. *Os teuto-brasileiros: Ação católica, cooperativismo, e terceira via política*. Metis: História e cultura, Caxias do Sul: Sn,v.4, n.7,p.133-144, jan/jun 2005.

SCHINDHELM, Virginia Georg. *A sexualidade na educação infantil*. Revista Aleph: infâncias, ano V nº 16, novembro de 2011, 17 p.

SILVA, Tatiana Dias; GOESS Fernanda Lira; (orgs.) *Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes*. Brasília: Ipea, 2013, 186p.

SILVA, A. C. *A desconstrução da discriminação no livro didático*. In: MUNANGA, K. (org.) Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília: SECAD, 2005.

SNOW, David A., ANDERSON, Leon. *Desafortunados: Um estudo sobre o povo da rua*. Tradução de Sandra Vasconcelos. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUSA, Cleide Maria de; MENDES, Ana Magnólia. *Viver do lixo ou no lixo?: a relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável*



cooperativos no Distrito Federal - estudo exploratório. Revista rpot - Psicologia Organização e Trabalho. Florianópolis: s.n, v.6, n.2, p. 13-41, jul./dez. 2006.

THIN, Daniel. *Famílias populares e instituição escolar: entre autonomia e heteronomia*\*Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 36, n. especial, p. 065-077, 2010.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<http://reciclaveis.com.br/> acesso 16 março de 2014.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida>. Acesso em 19 de março de 2013.

[http:// www.ipea.gov.br/](http://www.ipea.gov.br/) acesso 10 de agosto de 2013.

<http://coopamare.com/about/subpagina/> Acesso em 13 de março de 2013.

<http://www.esa.ensino.eb.br/> Acesso 22 de janeiro de 2014.

<http://www.lema.ufsj.edu.br/> acesso 12 de dezembro de 2012.

[http://www. Portal mec.gov.br/cotas](http://www.Portal.mec.gov.br/cotas) acesso 16 de agosto de 2013.

<http://www.Semad.mg.gov.br/article/1793-governo-paga-bolsa-reciclagem-as-associacoes-de-catadores> acesso 12 de junho de 2013.

**ANEXO 1****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS RESPONSÁVEIS**

Eu, Juliana Aparecida Tavares Pereira, pesquisadora responsável pela proposta intitulada “A escolarização dos filhos de catadores de materiais recicláveis de São João del-Rei, MG”, do curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, que tem como objetivo central investigar se a partir de um processo de filiação a uma associação, que pode pressupor alguém gerar consciência política, associativa e coletiva, como é que esses associados lidam com a escolarização dos filhos, convido seu (sua) filho (a) a participar desta pesquisa. Peço consentimento para que seja observado em seu ambiente familiar e entrevistado, sendo a entrevista gravada em áudio.

A partir deste documento atribuo garantias legais, baseadas na Resolução CNS 196/96, que atesta a concordância em participar da pesquisa e o direito de o jovem desistir se for de vontade própria. Este documento também lhe assegura o direito a manter seu nome em sigilo, bem como a divulgação dos dados coletados na entrevista apenas para fins acadêmicos.

Destaca-se que não há critérios pré-definidos de suspensão da pesquisa, pois não há, durante o processo de coleta de dados, nenhum risco ou prejuízo para os sujeitos pesquisados. Reserva-se ainda o direito de recusa por parte do pesquisado, caso não queira colaborar com a proposta de estudo.

Por fim, informo que não há previsão de qualquer tipo de ressarcimento ou indenização, tendo em vista as especificidades do trabalho a ser realizado. Entretanto, esclareço que estou atenta a certas medidas de proteção que visam à confidencialidade das informações obtidas.

Para resolver qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento, entre em contato com os pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São João del-Rei nos seguintes telefones:

Juliana Aparecida Tavares Pereira – 32 3373 0837 ou 32 88084225

Écio Antônio Portes – 32 3379 2456 ou 3379 2419

Concordo e assino o presente termo.

São João del-Rei, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Pais ou responsável pelo aluno

## ANEXO 2

## QUADRO COMPARATIVO DAS TRÊS LDBs

LEI 4.024, DE 1961				LEI 5.692, DE 1971			LEI 9.394, DE 1996			Idade prevista										
GR AU PRI MÁ RI O EN SINO PRI MÁ RI O	E d u c a ç ã o	E s c o l a M a t e r n a l	0 a 6 anos	E N S I N O P R É - P R I M Á R I O	Esc ola Mat ern al	0 a 6 anos	EDUCAÇÃO BÁSICA	Creche	*	0 a 3 anos										
									Pré-Esc ola	*	4 a 5 anos									
								p r é - p r i m á r i a	Jardi m de Infân cia	1 º G R A U	Sé ries Inic iais	Jardi m de Infânci a	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série	E N S I N O F U N D A M E N T A L	An os Inic iais	1º Ano	6 anos
																			2º Ano	7 anos
	3º Ano	8 anos																		
	4º Ano	9 anos																		
	Ensi no primá rio	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série	5º Ano	10 anos	An os Fin iais	6º Ano	11 anos										
									7º Ano	12 anos										
									8º Ano	13 anos										
									9º Ano	14 anos										
Exame de Admissão ao Ginásio				2º GRAU	Sé ries Fin iais	1ª série	2ª série	3ª série 4ª série (alguns casos regime profissional )	E N S I N O M É D I O	1º Ano	15 anos									
GRA U MÉ D I O EN SINO MÉ D I O	1º Ciclo Ginas ial	1ª série	2ª série							3ª série	1ª série	2ª série	3ª série	2º Ano	16 anos					
														3º Ano	17 anos					
														Exame de Admissão ao Ensino Superior		Admissão: Exame Vestibular		Admissão: Vários		ENSINO SUPERIOR
ENSINO SUPERIOR				ENSINO SUPERIOR			ENSINO SUPERIOR			18 anos										

**Fontes**

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Resolução n.º 03**, de 03 de agosto de 2005. Define normas nacionais para ampliação do Ensino Fundamental de 9 anos.

BRASIL. **Lei n.º 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Lei n.º 5692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus.

BRASIL. **Lei n.º 7044**, de 18 de outubro de 1982. Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização do ensino de 2º Grau.

BRASIL. **Lei n.º 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Expedição de Documentos de Escolas Extintas**. Belo Horizonte: SEE/MG, 1998.

OBS: A Educação Infantil, nas Leis 4024/61 e 5692/71, não trazia orientações para a organização de forma específica quanto na Lei 9394/96. Mas havia uma divisão em Pré-escola e Jardim de Infância para crianças abastadas e creche para crianças pobres. Nas creches, tinha-se apenas um caráter assistencialista, enquanto as pré-escolas e jardins de infância tinham um caráter educativo. O sentido “creche” como entendemos hoje veio somente com a Lei 9394/96. As formas de organização e enturmação de alunos são definidas a critério de cada instituição ou rede de ensino.